



FCTUC FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Departamento de Matemática

Mestrado em Ensino de Matemática no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino

Secundário

Portefólio



Realidade Escolar I

Professora : Maria da Piedade Simões Santana Pessoa Vaz Rebelo

Trabalho elaborado por:

Tânia Isabel Duarte Lopes

Nº de estudante 2007107124

2011/2012



FCTUC FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA



FCTUC FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Departamento de Matemática

**Mestrado em Ensino de Matemática no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino
Secundário**

O meu Portefólio de Realidade Escolar I

Professora : Maria da Piedade Simões Santana Pessoa Vaz Rebelo

Trabalho elaborado por:

Tânia Isabel Duarte Lopes

Nº de estudante 2007107124



FCTUC FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA



Conteúdo

1.	INTRODUÇÃO	7
2.	TAREFAS	9
2.1.	Tarefa N°1	9
2.2.	Tarefa N°2.....	10
2.3.	Tarefa N°3.....	10
2.4.	Tarefa N°4.....	10
2.5.	Tarefa N°5.....	13
2.6.	Tarefa N°6.....	13
2.7.	Tarefa N°7.....	14
2.8.	Tarefa N° 8.....	15
2.9.	Tarefa N° 9.....	17
2.10.	Tarefa N° 10	19
2.11.	Tarefa N° 11	20
2.12.	Tarefa N° 12	21
2.13.	Tarefa N° 13	22
3.	TRABALHOS DE APRESENTAÇÃO (POWERPOINT)	29
3.1.	PowerPoint sobre o Sistema Educativo à nossa escolha.....	29
4.	RELATÓRIOS	33
4.1.	Primeiro Relatório.....	33
4.2.	Segundo Relatório.....	33
4.3.	Terceiro Relatório	35
4.4.	Quarto Relatório	42
4.5.	Quinto Relatório	66
4.6.	Sexto Relatório	73
4.7.	Sétimo Relatório	87



5.	ROTEIROS DAS FREQUÊNCIAS	95
5.1.	Primeira Frequência	95
5.2.	Segunda Frequência	115
6.	ENTREVISTA.....	121
7.	ALGUMAS NOTÍCIAS QUE FORAM SAINDO AO LONGO DO SEMESTRE	149
7.1.	1ª Notícia.....	149
7.2.	2ª Notícia.....	150
7.3.	3ª Notícia.....	152
7.4.	4ª Notícia.....	153
7.5.	5ª Notícia.....	155
7.6.	6ª Notícia.....	156
7.7.	7ª Notícia.....	158
7.8.	8ª Notícia.....	159
8.	CONCLUSÃO.....	161



1. INTRODUÇÃO

Sou a Tânia Isabel Duarte Lopes, tenho 22 anos e sou aluna da FCTUC em Matemática.

Tenho uma irmã mais velha e um irmão mais novo, vivia com os meus pais e os meus irmãos, numa aldeia chamada Casal da Pinheira que pertence à freguesia de Ribeira Branca e ao concelho de Torres Novas.

Desde muito pequena que sempre gostei de Matemática e por vezes dizia que um dia iria ser professora, mas com o passar do tempo fui perdendo essa ideia devido às dificuldades financeiras, mas colegas meus do secundário, pais de colegas meus e professores sempre me incentivaram a candidatar-me à Universidade pois eu gostava de Matemática e que haviam muitos cursos relacionados com a Matemática e disseram-me sempre que havia apoios financeiros, bolsa dos SASUC que este ano estou em vias de a perder por não ter acabado a Licenciatura em Matemática. Então apesar de já me sentir um pouco cansada dos estudos e visto que tinha de estar mais um ano em Coimbra para terminar a cadeira que me falta da Licenciatura, optei por fazer cadeiras de Mestrado e agarrar um sonho que vem de criança que tinha vindo a ser esquecido. Então inscrevi-me a todas as cadeiras do Mestrado em Ensino de Matemática, nomeadamente em Realidade Escolar I.

Este portefólio vai representar todo o meu trabalho ao longo deste semestre para esta cadeira. Este portefólio irá conter todas as tarefas propostas pela professora, todos os relatórios das visitas às escolas e a entrevista feita a dois ‘Teacher Educator’, à professora Graça Tomás (da Escola Secundária da Mealhada) e ao professor Jaime Carvalho Silva (professor do Departamento de Matemática da FCTUC) em parceria com a Tatiana Salvador.



FCTUC FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA



2.2. Tarefa N°2

Questão/Problema relacionada com o tema da aula de 8 de Setembro de 2011

Eu não estive presente na última parte da aula por causa da aula de Estatística mas segundo me disseram falaram sobre a relação Escola-Família.

Três afirmações possíveis serão:

- É importante os pais fazerem parte da vida dos filhos, mostrarem-se interessados no que eles fazem no dia-a-dia inclusive na escola;
- É importante que os professores não tratem os alunos de maneira diferente uns dos outros;
- Saber separar a vida pessoal da vida profissional.

2.3. Tarefa N°3

Questão/Problema relacionada com o tema da aula de 16 de Setembro de 2011

Aqui as questões são sobre os temas das apresentações dos trabalhos.

Três questões possíveis serão:

- O que é que levou ao abandono escolar ser reduzido em relação a alguns anos anteriores?
- Vantagens e desvantagens da escolaridade obrigatória passar de 9 anos para 12 anos?
- Porque é que o número de alunos até andado a diminuir ao longo dos anos e consequentemente as escolas?

2.4. Tarefa N°4

Formular três questões relacionadas com o Sistema Educativo



Fiz pesquisa no site do Ministério da Educação e baseei-me na educação e formação de adultos. Escolhi esta “classe etária” porque acho importante a oportunidade de adultos poderem estudar numa idade superior à idade normal pois em mais novos podem ter sido retirados na escola por motivos económicos. Sei de casos que para ajudarem em casa na contribuição monetária foram obrigados a deixar os estudos para trabalharem.

Há três tipos de formação, formação a nível básico, formação a nível secundário (escolar e profissional) e a nível secundário (certificação escolar).

Os Cursos de educação e formação de adultos (EFA) destinam-se a quem tenha idade igual ou superior a 18 anos. A título excepcional, pode ser aprovada a frequência de formandos com idade inferior a 18 anos, desde que estejam inseridos no mercado de trabalho.

Formação a nível Básico			
Percurso de Formação	Habilitações de Acesso	Duração	Certificação Profissional
B 1	Inferior ao 1º ciclo	790 h	1º ciclo do EB e certificação profissional
B 2	1º ciclo	840 h	2º ciclo do EB e certificação profissional
B 1+2	Inferior ao 1º ciclo	1240 h	2º ciclo do EB e certificação profissional
B 3	2º ciclo	1940 h	3º ciclo do EB e certificação profissional
B 2+3	1º ciclo	2390 h	3º ciclo do EB e certificação



			profissional
Percursos Flexíveis a partir de um processo RVCC	Inferior ao 1º ciclo	1350 h	1º, 2º ou 3º ciclo do EB e certificação profissional

Formação a nível Secundário (certificação escolar e profissional)			
Percursos de Formação	Habilitações de Acesso	Duração	Certificação Escolar e Profissional
S3 – Tipo A	9ºano de escolaridade	2045 h	Ensino Secundário e certificação profissional
S3 – Tipo B	10ºano de escolaridade	1680 h	Ensino Secundário e certificação profissional
S3 – Tipo C	11º ano de escolaridade	1575 h	Ensino Secundário e certificação profissional
Percursos Flexíveis a partir de um processo RVCC	Inferior ou igual ao 9ºano de escolaridade	Nº de horas ajustado pelo processo RVCC	Ensino Secundário e certificação profissional

Formação a nível Secundário (certificação escolar)				
Percursos Formativos	Condições Mínimas de acesso	Componentes de Formação		Total
		Formação de base	Portefólio Reflexivo de Aprendizagens	
S – Tipo A	9º ano	1100 h	50 h	1150 h
S – Tipo B	10º ano	600 h	25 h	625 h



S – Tipo C	11º ano	300 h	15 h	315 h
Percurso Flexível a partir de um processo RVCC	Inferior ou igual ao 9º ano	1100 h	50 h	Nº de horas ajustado pelo processo RVCC, nunca inferior a 100 h

2.5. Tarefa N°5

Visualizar um programa da Semana RTP Educação

Vi uma reportagem que passou na RTP 1 sobre a Semana da Educação do dia 14 de Setembro de 2011 no site do youtube (www.youtube.com). Anteriormente, pensava que era para fazer três questões e como já as tinha feito segue-se em baixo:

- Porque é que os alunos ao longo dos anos escolares vão perdendo o interesse pela Matemática?
- O que é o circo matemática?
- Porque há excesso de alunos nas escolas e as turmas não são mais pequenas?

2.6. Tarefa N°6

Pesquisa na net por “Observação na Educação” e “Observação Naturalista.” (Aula de 22 de Setembro)

A observação naturalista proporciona uma amostra directa do comportamento tal como ele acontece, no tempo e no lugar da sua ocorrência.



A observação na educação proporciona o mundo real da pessoa, pois observa-se os comportamentos.

Claramente, verifica-se que estes dois tipos de observação estão interligados.

2.7. Tarefa N°7

Visitar o site de uma escola e pesquisar a sua oferta educativa. Apresentação os dados recolhidos. (Aula de 29 de Setembro)

Esta informação é feita a partir do site da Escola Secundária da Lousã.





2.8. Tarefa N° 8

Uma recordação da escola e sua análise. Que emoções estão associadas? Positivas? Negativas? (aula 11 de Outubro)

Quando tinha cinco anos estive um ano no Jardim de Infância da Ribeira Ruíva, depois aos seis anos entrei para a Escola Primária 1º ciclo da Ribeira Ruíva.

Passados quatro anos, quando eu tinha dez anos entrei para a Escola 2º e 3º ciclos de Manuel de Figueiredo em Torres Novas faço o 5º e 6º ano, nesta fase da minha vida eu era conhecida como a “Maria rapaz” porque passava os intervalos das aulas e a hora de almoço no campo de futebol a jogar com os rapazes. Esta minha escola tinha um pavilhão desportivo, campos exteriores, três blocos de aulas (com cerca de oito salas cada bloco) e um polivalente comum (local onde se situava o refeitório, o bar, o conselho executivo, a secretaria, a enfermaria, a papelaria e a reprografia). Lembro-me que nesta escola havia cacifos mas um cacifo tinha de dar para pelo menos duas pessoas (alunos).

Passados dois anos, quando eu tinha doze anos entrei para a Escola Secundária/3 de Maria Lamas também em Torres Novas frequentei a escola desde o 7º ano ao 12º ano, aqui nesta escolha já poderia ser um cacifo para uma pessoa (aluno), aliás o meu cacifo foi ganho por “herança” da minha irmã que na altura ainda andava nessa escola. Foi nesta fase escolhi a área de ciências e tecnologias porque desde sempre gostei de Matemática. Foi nesta fase que me decidi concorrer à faculdade pois o incentivo da minha professora do secundário, de colegas minhas e pais de colegas minhas fizeram-me pelo menos candidatar e depois ver o que acontecia. Eu tinha andado sempre a excluir ou pelo menos nunca ter a certeza de vir para a faculdade devido às dificuldades económicas mas mesmo assim aconselharam-me para vir pois teria ajudas económicas através da bolsa de estudo. Então chegou a época das candidaturas para a faculdade e eu lá me candidatei, as minhas opções eram Matemática, Gestão e Economia para Coimbra e para Aveiro. E então com os dezoito anos entrei para a minha primeira escolha, a Licenciatura de Matemática em Coimbra (FCTUC).

Um episódio que me marcou bastante foi a Viagem de Finalistas a Loret d'el Mar (no 12º ano) pois foi a primeira vez que estive fora de Portugal.



2.9. Tarefa N° 9

A escola e o agrupamento de escola

A Escola:

Uma **escola** ou **colégio** é qualquer estabelecimento ou instituição de educação.

Essa ideia surgiu da filosofia dos gregos antigos, onde eles se reuniam em praças públicas para praticar filosofia e trocar ideias.

Uma escola é formada por diferentes pessoas, sendo o director aquele que dirige, o professor quem ensina e dá as aulas, e o aluno aprende e estuda os ensinamentos do professor.

As matérias estudadas em uma escola variam muito, dependendo da época, do local ou do nível de ensino, incluindo Linguagem, Matemática, História, Ciência, Geografia, Educação Artística, Educação Física, Educação Religiosa, Física, Biologia, Química e outras.

Agrupamento de Escolas:

O agrupamento de escolas é uma unidade organizacional, dotada de órgãos próprios de administração e gestão, constituída por estabelecimentos de educação pré-escolar e de um ou mais níveis e ciclos de ensino, a partir de um projecto pedagógico comum.

Finalidades do Agrupamento de Escolas:

- ✓ Favorecer um percurso sequencial e articulado dos alunos abrangidos pela escolaridade obrigatória numa dada área geográfica;
- ✓ Superar situações de isolamento de estabelecimentos e prevenir a exclusão social;
- ✓ Reforçar a capacidade pedagógica dos estabelecimentos que o integram e o aproveitamento racional dos recursos;
- ✓ Garantir a aplicação de um regime de autonomia, administração e gestão, nos termos determinados;
- ✓ Valorizar e enquadrar experiências em curso.

Crítérios do Agrupamento de Escolas:

A constituição de agrupamentos de escolas considera, entre outros, critérios relativos à existência de projectos pedagógicos comuns, à construção de percursos escolares integrados, à articulação curricular entre níveis e ciclos educativos, à



proximidade geográfica, à expansão da educação pré-escolar e a reorganização da rede educativa.

Cada um dos estabelecimentos que integra o agrupamento de escolas mantém a sua identidade e denominação próprias, recebendo o agrupamento uma designação que o identifique, nos termos da legislação em vigor.

O agrupamento de escolas integra estabelecimentos de educação e de ensino de um mesmo concelho, salvo em casos devidamente justificados e mediante parecer favorável das autarquias locais envolvidas.

No processo de constituição de um agrupamento de escolas deve garantir-se que nenhum estabelecimento fique em condições de isolamento que dificultem uma prática pedagógica de qualidade.

Criação do Agrupamento de Escolas:

“Compete ao director regional de Educação, ouvidos o Departamento de Avaliação, Prospectiva e Planeamento, do Ministério da Educação, os municípios e os órgãos de gestão das escolas envolvidos, apresentar propostas de criação de agrupamentos para integração de estabelecimentos da educação pré-escolar e do ensino básico, incluindo postos do ensino básico mediatizados de uma área geográfica (...)” (Decreto-Lei n 115-A/98)

Pesquisa retirada da wikipédia, <http://pt.wikipedia.org/wiki/Escola> e http://pt.wikipedia.org/wiki/Agrupamentos_de_escolas.

O agrupamento de escolas Gil Paes (em Torres Novas) é composto por:

- Centro Escolares
 - Centro Escolar de Assentis e Chancelaria
- Escola Básica 2/3 ciclos de Manuel de Figueiredo
- Escolas do Ensino Pré-Escolar
 - Jardim-de-Infância de Árgea
 - Jardim-de-Infância de Lamarosa
 - Jardim-de-Infância de Lapas
 - Jardim-de-Infância de Resgais
 - Jardim-de-Infância de Rodrigues
 - Jardim-de-Infância de Tufeiras – S. Pedro
 - Jardim-de-Infância de Vila do Paço



- Escolas do 1º ciclo
 - Escola do 1º Ciclo de Árgea
 - Escola do 1º Ciclo de Carvalhal da Aroeira
 - Escola do 1º Ciclo de Lamarosa
 - Escola do 1º Ciclo de Lapas
 - Escola do 1º Ciclo de Parceiros de Igreja
 - Escola do 1º Ciclo de Vila do Paço
 - Escola do 1º Ciclo de Visconde de S. Gião

2.10. Tarefa Nº 10

A educação em imagens

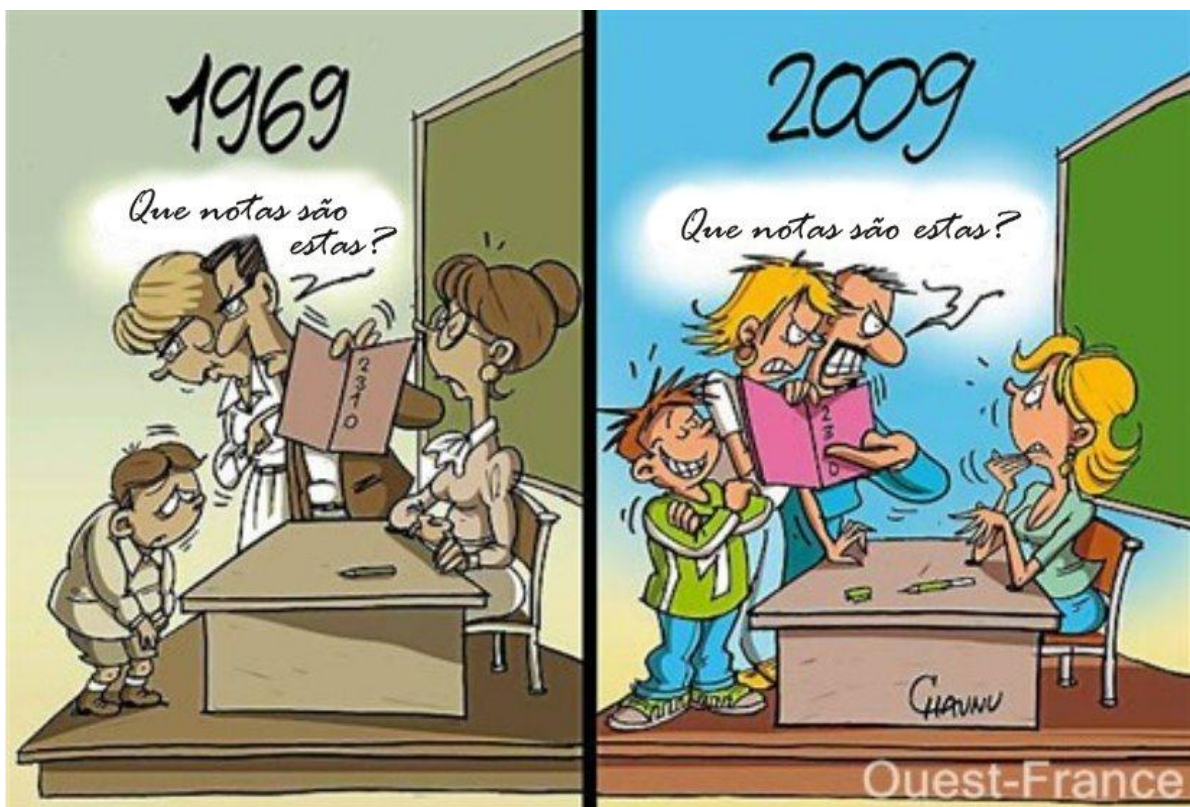


Imagem 1: Imagem retirada do site

<http://www.google.pt/imgres?q=a+educa%C3%A7%C3%A3o+em+imagens&um=1&hl=pt-PT&sa=N&biw=1280&bih=685&tbm=isch&prmd=imvns&tbnid=t8FVGvfirUq5cM:&imgrefurl=http://blog.rcgoncalves.net/tag/educacao/&docid=HW-Ru4Tdcw56BM&imgurl=http://b>



A imagem acima retirada da internet duas épocas, uma mais recente (à direita), em 2009 e uma mais antiga, à 40 anos antes (à esquerda), em 1969.

Na imagem da esquerda vê-se uns pais indignados com as notas do seu filho na escola, que se viram para o filho a perguntar “Que notas são estas?”, ou seja, os pais vêem que o culpado das notas que o seu filho teve na escola foi culpa unicamente do seu filho e por isso até o devem ter castigado e obrigado a estudar mais daí para a frente.

Já na imagem da direita passa-se exactamente o contrário, vê-se uns pais indignados com as notas do filho na escola, que se viram para a professora a perguntar “Que notas são estas?”, ou seja, hoje em dia os pais em vez de culpabilizarem os filhos de terem más notas, culpam os professores o que não está correcto pois o professor faz o seu papel ou pelo menos tenta fazer o melhor que sabe, cabe também aos alunos estudarem em casa e se necessário pedirem ajuda aos pais ou a um explicador se for necessário.

Nos dias que correm os pais são capazes de processar a escola só porque o seu filho reprovou o ano ou simplesmente teve má nota a uma disciplina. Há uma falta de indisciplina tanto a nível do aluno como dos pais ao professor que chega a levar à agressão física ou até por vezes psicológica que se torna pior que a agressão física.

2.11. Tarefa Nº 11

Na sua opinião quais os critérios mais relevantes que deveriam ser considerados (ou tidos em conta) na avaliação de uma escola? (5 tópicos)

- A união de grupo de escola (entre professores, funcionários e alunos);
- Instalações da escola;
- Avaliação dos alunos;
- Boa organização e administração;
- Higiene e segurança na escola.



2.12. Tarefa Nº 12

Elaboração de um regulamento interno da escola com que sempre sonhei. A escola com que sempre sonhei? (em 10 tópicos)

Como se sabe um Regulamento Interno de uma escola é um documento escrito que rege os direitos e deveres dos membros de uma escola, tais como os professores, os alunos e funcionários da escola.

Para mim, um regulamento interno de uma escola com que sempre sonhei teria de ter:

- Respeitar os espaços comuns da escola, lembrar que a seguir de nós, há outros colegas que também o frequentam;
- Deitar o lixo nos locais apropriados e sempre que possível fazer reciclagem;
- Não correr nos corredores;
- Não estragar o material da escola pois não há dinheiro para recuperação ou comprar novo;
- Apoiar todos os alunos da escola, principalmente quem tiver deficiências, monitor para acompanhar sempre o aluno no seu dia-a-dia, Programas Educativos Especiais (PEE);
- Ter apoio psicológico e gabinete de educação sexual na escola para diminuir a taxa de gravidez e doenças na adolescência;
- Dentro de um laboratório deve respeitar-se todas as regras de segurança explicita nas paredes das salas;
- Dentro das salas de aulas os telemóveis têm de estar desligados;
- Não comer nas salas de aula;
- Não deixar os valores no balneário das aulas de educação física.



2.13. Tarefa Nº 13

Ler Decreto-Lei nº 3 /2008 até ao capítulo 4 inclusive e enunciar por tópicos (em meia página)

- Existência de apoios especializados para alunos com limitações significativas a nível da actividade e da participação;
- A educação especial tem objectivos como a inclusão educativa e social, o acesso e o sucesso educativo, a autonomia, a estabilidade emocional, assim como a igualdade de promoções;
- Permanência de princípios da justiça e da solidariedade social, da não discriminação e do combate à exclusão social, da igualdade de oportunidades no acesso e sucesso educativo, da participação dos pais e da confidencialidade da informação;
- As escolas ou os agrupamentos de escolas, os estabelecimentos de ensino particular com paralelismo pedagógico, as escolas profissionais, directa ou indirectamente financiados pelo Ministério da Educação (ME), não podem rejeitar a matrícula ou a inscrição de qualquer criança ou jovem com base na incapacidade ou nas necessidades educativas especiais que manifestem;
- As crianças e jovens com necessidades educativas especiais de carácter permanente gozam de prioridade na matrícula, tendo o direito a frequentar o jardim-de-infância ou a escola nos mesmos termos das restantes crianças;
- Os pais ou encarregados de educação têm o direito e o dever de participar activamente, exercendo o poder paternal nos termos da lei, em tudo o que se relacione com a educação especial a prestar ao seu filho, acedendo, para tal, a toda a informação constante do processo educativo;
- Quando, comprovadamente, os pais ou encarregados de educação não exerçam o seu direito de participação, cabe à escola desencadear as respostas educativas adequadas em função das necessidades educativas especiais diagnosticadas;



- As escolas devem adequar os seus projectos educativos de modo a que todas as crianças e jovens com necessidades educativas especiais possam participar nas actividades de cada grupo ou turma e da comunidade escolar em geral;
- A educação especial pressupõe a referenciação das crianças e jovens que eventualmente dela necessitem, a qual deve ocorrer o mais precocemente possível, detectando os factores de risco associados às limitações ou incapacidades;
- A referenciação efectua-se por iniciativa dos pais ou encarregados de educação, dos serviços de intervenção precoce, dos docentes ou de outros técnicos ou serviços que intervêm com a criança ou jovem ou que tenham conhecimento da eventual existência de necessidades educativas especiais;
- O serviço docente no âmbito dos processos de referenciação e de avaliação assume carácter prioritário, devendo concluir-se no mais curto período de tempo, dando preferência à sua execução sobre toda a actividade docente e não docente, à excepção da lectiva;
- O programa educativo individual documenta as necessidades educativas especiais da criança ou jovem, baseadas na observação e avaliação de sala de aula nas informações complementares disponibilizadas pelos participantes no processo;
- O modelo do programa educativo individual é aprovado por deliberação do conselho pedagógico e inclui os dados do processo individual do aluno, nomeadamente identificação, história escolar e pessoal relevante, conclusões do relatório de avaliação e as adequações no processo de ensino e de aprendizagem a realizar, com indicação das metas, das estratégias, recursos humanos e materiais e formas de avaliação;
- Do modelo de programa educativo individual devem constar, de entre outros, obrigatoriamente:
 - A identificação do aluno;



- O resumo da história escolar e outros antecedentes relevantes;
 - A caracterização dos indicadores de funcionalidade e do nível de aquisições e dificuldades do aluno;
 - Os factores ambientais que funcionam como facilitadores ou como barreiras à participação e à aprendizagem;
 - Definição das medidas educativas a implementar;
 - Discriminação dos conteúdos, dos objectivos gerais e específicos a atingir e das estratégias e recursos humanos e materiais a utilizar;
 - Nível de participação do aluno nas actividades educativas da escola;
 - Distribuição horária das diferentes actividades previstas;
 - Identificação dos técnicos responsáveis;
 - Definição do processo de avaliação da implementação do programa educativo individual;
 - A data e assinatura dos participantes na sua elaboração e dos responsáveis pelas respostas educativas a aplicar;
- A elaboração do programa educativo individual deve decorrer no prazo máximo de 60 dias após a referenciação dos alunos com necessidades educativas especiais de carácter permanente;
 - O plano educativo individual deve ser revisto a qualquer momento e, obrigatoriamente, no final de cada nível de educação e ensino e no fim de cada ciclo do ensino básico;
 - Sempre que o aluno apresente necessidades educativas especiais de carácter permanente que o impeçam de adquirir as aprendizagens e competências definidas no currículo deve a escola complementar o programa educativo individual com um plano individual de transição destinado a promover a transição para a vida pós-escolar e, sempre que possível, para o exercício de uma



actividade profissional com adequada inserção social, familiar ou numa instituição de carácter ocupacional;

- No sentido de preparar a transição do jovem para a vida pós-escolar, o plano individual de transição deve promover a capacitação e a aquisição de competências sociais necessárias à inserção familiar e comunitária;
- A adequação do processo de ensino e de aprendizagem integra medidas educativas que visam promover a aprendizagem e a participação dos alunos com necessidades educativas especiais de carácter permanente;
- Constituem medidas educativas referidas no número anterior:
 - Apoio pedagógico personalizado;
 - Adequações curriculares individuais;
 - Adequações no processo de matrícula;
 - Adequações no processo de avaliação;
 - Currículo específico individual;
 - Tecnologias de apoio;
- As medidas educativas pressupõem o planeamento de estratégias e de actividades que visam o apoio personalizado aos alunos com necessidades educativas especiais de carácter permanente que integram obrigatoriamente o plano de actividades da escola de acordo com o projecto educativo da escola;
- O projecto educativo da escola deve conter:
 - As metas e estratégias que a escola se propõe realizar com vista a apoiar os alunos com necessidades educativas especiais de carácter permanente;
 - A identificação das respostas específicas diferenciadas a disponibilizar para alunos surdos, cegos, com baixa visão, com perturbações do espectro do autismo e com multideficiência;



- Apoio pedagógico é:
 - O reforço das estratégias utilizadas no grupo ou turma aos níveis da organização, do espaço e das actividades;
 - O estímulo e reforço das competências e aptidões envolvidas na aprendizagem;
 - A antecipação e reforço da aprendizagem de conteúdo leccionados no seio do grupo ou da turma;
 - O reforço e desenvolvimento de competências específicas;
- As adequações curriculares individuais são as que mediante o parecer do conselho de docentes ou conselho de turma, conforme o nível de educação e ensino, se considere que têm como padrão o currículo comum, no caso da educação pré-escolar as que respeitem as orientações curriculares, no ensino básico as que não põem em causa a aquisição das competências terminais de ciclo e, no ensino secundário, as que não põem em causa as competências essenciais das disciplinas;
- As adequações curriculares podem consistir na introdução de áreas curriculares específicas que não façam parte da estrutura curricular comum, nomeadamente leitura e escrita em braille, orientação e mobilidade; treino de visão e a actividade motora adaptada, entre outras;
- As adequações curriculares individuais podem traduzir-se na dispensa das actividades que se revelem de difícil execução em função da incapacidade do aluno, só sendo aplicáveis quando se verifique que o recurso a tecnologias de apoio não é suficiente para colmatar as necessidades educativas resultantes da incapacidade;
- As crianças e jovens com necessidades educativas especiais de carácter permanente gozam de condições especiais de matrícula, podendo frequentar o jardim-de-infância ou a escola, independentemente da sua área de residência;



- As crianças com necessidades educativas especiais de carácter permanente podem, em situações excepcionais devidamente fundamentadas, beneficiar do adiamento da matrícula no 1º ano de escolaridade obrigatória, por um ano, não renovável;
- A matrícula por disciplinas pode efectuar-se nos 2º e 3º ciclos do ensino básico e no ensino secundário, desde que assegurada a sequencialidade do regime educativo comum;
- As crianças e jovens surdos têm direito ao ensino bilingue, devendo ser dada prioridade à sua matrícula nas escolas de referência;
- As crianças e jovens com multideficiência e com surdocegueira podem matricular-se e frequentar escolas com unidades especializadas, independentemente da sua área de residência;
- Os alunos com currículos específicos individuais não estão sujeitos ao regime de transição de ano escolar nem ao processo de avaliação característico do regime educativo comum, ficando sujeitos aos critérios específicos de avaliação definidos no respectivo programa educativo individual;
- O currículo específico individual pressupõe alterações significativas no currículo comum, podendo as mesmas traduzir-se na introdução, substituição e ou eliminação de objectivos e conteúdos, em função do nível de funcionalidade da criança ou do jovem;
- O currículo específico individual inclui conteúdos conducentes à autonomia pessoal e social do aluno e dá prioridade ao desenvolvimento de actividades de cariz funcional centradas nos contextos de vida, à comunicação e à organização do processo de transição para a vida pós-escolar;
- Compete ao conselho executivo e ao respectivo departamento de educação especial orientar e assegurar o desenvolvimento dos referidos currículos;
- Tecnologias de apoio são os dispositivos facilitadores que se destinam a melhorar a funcionalidade e a reduzir a incapacidade do aluno, tendo como



FCTUC FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

impacte permitir o desempenho de actividades e a participação nos domínios da aprendizagem e da vida profissional e social.



3. TRABALHOS DE APRESENTAÇÃO (POWERPOINT)

3.1. PowerPoint sobre o Sistema Educativo à nossa escolha

Eu fiz este trabalho com a Tatiana e nós escolhemos a Escola Quinta das Flores em Coimbra.



Órgãos de Gestão:

- Conselho Geral
 - Conselho Pedagógico
 - Direcção
 - Conselho Administrativo
-



Composição do Conselho Geral

Presidente	Pais e Encarregados de Educação
<ul style="list-style-type: none">• José Carlos Coelho Balsa	<ul style="list-style-type: none">• Maria Licínia Vieira Girão• Pedro Henrique Dinis Figueiredo• Elsa de Jesus Gonçalves Bigares• José Manuel dos Santos Ventura• Samuel Santos Henriques
Director	
<ul style="list-style-type: none">• Francisco Sobral Henriques	
Professores	Aluno
<ul style="list-style-type: none">• Dina Maria Rocha Silva• Paulo J. Trindade da Cruz Sá Furtado• Maria Filomena Colaço Cardoso• António Manuel Rebelo Vaz• Conceição Lopes Marques• Maria Luísa Henriques• Maria Dina Cardoso	<ul style="list-style-type: none">• Guilherme Silva
	Município
	<ul style="list-style-type: none">• Fernando Manuel Cortez Rovira• Maria de Lurdes Cró
Pessoal não Docente	Comunidade Local
<ul style="list-style-type: none">• Magda Isabel Almeida Santos• Liliana Maria Seguro Dias	<ul style="list-style-type: none">• Vitor Magalhães - Instituto Superior de Engenharia• Maria da Conceição Milheiro - Centro de Saúde Norton de Matos• Manuel Rocha - Conservatório de Música de Coimbra

Composição do Conselho Pedagógico

Presidente	Representantes dos Serviços Técnico-Pedagógicos
<ul style="list-style-type: none">• Francisco Sobral Henriques	<ul style="list-style-type: none">• Coordenadora da BE/CRE - Madalena Trindade• Coordenadora do SPO - Manuela Lucas
Coordenadores de Departamento	Coordenador de Projectos de Articulação e Complemento Curricular
<ul style="list-style-type: none">• Francisco Oliveira• Honorato Grilo• Isabel Barreto• Manuela Franco	<ul style="list-style-type: none">• Domitila Costa
Coordenadores de Ciclo	Representante do Pessoal não Docente
<ul style="list-style-type: none">• Teresa Pimenta• Fátima Almeida	<ul style="list-style-type: none">• Maria José Santos
Coordenador dos Cursos Tecnológicos, Profissionais e CEF	Representantes dos Pais e Encarregados de Educação
<ul style="list-style-type: none">• Lúcio Pratas	<ul style="list-style-type: none">• José Luís Afonso• Alcino Carvalho Pastilha
	Representante dos Alunos
	<ul style="list-style-type: none">• Inês Raquel Costa Faina



Secções do Conselho Pedagógico

-
- | | |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none">• Formação e Avaliação<ul style="list-style-type: none">• Sobral Henriques;• Isabel Barreto,;• Francisco Oliveira;• Maria José Santos.
• Acompanhamento Pedagógico<ul style="list-style-type: none">• Fátima Almeida;• Manuela Lucas;• Teresa Pimenta.
• Cultural<ul style="list-style-type: none">• Madalena Trindade;• Honorato Grilo;• Inês Faina;• Uma Representante dos Pais. | <ul style="list-style-type: none">• Projectos e Articulação Curricular<ul style="list-style-type: none">• Sobral Henriques;• Lúcio Pratas;• Manuela Lucas;• Domitila Costa;• Um representante dos pais.
• Comissão de Coordenação e Acompanhamento da Avaliação<ul style="list-style-type: none">• Sobral Henriques;• Francisco Oliveira;• Manuela Franco;• Teresa Pimenta. |
|---|---|
-

Composição da Direcção

Director	Francisco António Sobral Henriques
Sub-Directora	Ana Margarida Marques
Directora Adjunta	Margarida Figueira
Director Adjunto	Lúcio Pratas
Assessor	Sílvio Freire



Composição do Conselho Administrativo

Director	Francisco António Sobral Henriques
Subdirectora	Ana Margarida Marques
Coordenadora Técnica	Maria de Fátima Rosa Gonçalves Maia



*Tânia Lopes
Tatiana Salvador*

Outubro 2011



4. RELATÓRIOS

4.1. Primeiro Relatório

A primeira ida à Escola Quinta das Flores foi no dia 22 de Setembro e era para lá estar por volta das 12h mas eu não fui porque das 11h45m às 13h30m tive aula de Estatística (cadeira da Licenciatura).

4.2. Segundo Relatório

Relatório da ida à Escola Quinta das Flores em Coimbra

Hoje, dia 4 de Outubro de 2011, depois de uma manhã de aulas, eu, a Carla, a Tatiana e o Vítor almoçamos e de seguida fomos à Escola Quinta das Flores. Chegámos lá eram 14h50m. Eu não sabia, mas os meus colegas como tinham ido na outra visita à Escola já sabiam aonde nos tínhamos de dirigir. Na porta da escola não houve qualquer controlo quanto à entrada na escola. Não sei se será devido a não ser apenas uma escola como outra qualquer como também um conservatório de música.

Dirigimo-nos para a sala de trabalhos de professores. Enquanto esperávamos pelo Núcleo de Estágio havia alunos a passar pelo corredor. Primeiro passaram miúdos mais novos, talvez 5º ano, e depois miúdos mais velhos, talvez 11º ano ou até 12º ano.

Eram 15h quando o professor José Carlos Balsa e as estagiárias Ana Rita Salgado e Ana Filipa Gonçalves chegaram. Foram muito simpáticos a receber-nos. Durante a sessão de “Seminário” disseram-nos o que se costumava falar nestas sessões, nomeadamente na avaliação.

Ficámos a saber que normalmente o Núcleo de Estágio à segunda-feira não costuma trabalhar e à sexta-feira à tarde logo que seja possível são dispensados para irem embora de fim-de-semana.

O Seminário normalmente começa pela leitura da acta da semana anterior, pois apesar do Seminário ser à terça-feira, à quarta-feira e à quinta-feira apenas faz-se uma acta de tudo o que se tratou nessa semana.



Ao ler-se a acta por vezes detecta-se erros pois há erros que se detecta ao ouvir-se e não ao ler-se. Quem muitas vezes consegue detectar erros na acta ao ler a acta na diagonal é o Dr. Jaime segundo o professor Balsa.

Uma expressão importante que o professor Balsa disse foi “Ninguém nasce professor”. Falou também no plágio, na forma consciente ou inconsciente que os alunos hoje em dia fazem, para ele “mais valia citarem só o site”.

O professor Balsa informou que iria estar ausente alguns dias durante o mês de Outubro e disse às estagiárias para terem atenção aos alunos do 9º ano.

O professor Balsa disse-nos que não era de acordo com as aulas de revisões pois só era uma razão para os alunos tentarem saber o que iria sair nos testes. Para ele, “quem sabe sabe, quem não sabe também já não aprende” e eu pessoalmente acho que tem razão.

Outra expressão celebre que o professor disse foi “Os/As professores/as estagiários/as tem toda a liberdade e toda a responsabilidade para tudo”. O professor Balsa pediu à estagiária Ana Rita para ir ao telefone ligar para o 300 a pedir para ligarem para um certo número que ele lhe disse porque havia urgência em falar com um pessoa que agora não me recordo o nome. Enquanto a estagiária lá foi ele disse sorrindo-se que não fossemos nós ficar a pensar que as estagiárias eram as secretárias dele, pois quando elas precisam de alguma coisa e lhe pedem ele está sempre pronto a ajudar, nomeadamente a editora dos manuais que eles adquiram na escola para o 9º ano e o 10º ano MACS (as turmas que o professor Balsa e as estagiárias estão este ano a dar) queriam que as estagiárias pagassem os manuais e o professor Balsa fez de tudo para elas não os pagarem inclusive dizer que a escola nunca mais iria adquirir manuais deles.

Pois isso resultou.

Após esta pequena conversa reviu-se o que se iria dar na próxima sexta-feira dia 7 de Outubro às duas turmas. Ficou estabelecido que nas MACS iriam ter um exercício para resolver e que podiam fazer tudo menos falar, inclusive consultar o livro e o caderno. E falou-se também que o 9º ano iria começar os sistemas e que na quinta-feira dia 13 de Outubro iriam fazer fichas com exercícios de exames.

Após este encontro agradável demos por encerrado o “Seminário” da Escola Quinta das Flores pelas 17h15m.



4.3. Terceiro Relatório

Relatório da ida à Escola Secundária da Mealhada

No dia 25 de Outubro de 2011, por volta da 14h saímos em frente do Departamento de Matemática, rumo à Mealhada. Deslocámo-nos até lá em dois carros, o carro da professora com a professora, o Vítor, a Tatiana e eu e o carro comercial da Carla com ela própria e a Liette. A caminho da Mealhada ninguém sabia aonde ficava a escola e foi então que a Catarina me ligou a dar as indicações. Seguimos então essas indicações mas mesmo assim a escola encontrava-se um pouco escondida, pois vimos uma escola “amarela” e não pensámos que para chegar à escola pretendida teríamos atravessar um enorme parque de estacionamento. Quando lá nos aproximámos (à Escola Secundária da Mealhada) estava uma Sra. na portaria, digamos de vigia, a ver quem entra e quem sai da escola, que nos perguntou se íamos da Universidade de Coimbra pois estavam à nossa espera: Nessa altura disse-nos para entrarmos com os carros para dentro da escola porque tínhamos autorização.

Ao contrário da Escola Quinta das Flores em Coimbra já me pareceu um pouco mais de vigilância à entrada da escola o que é muito bom nos dias de hoje pois cada vez mais haverá violência e assaltos.

Entretanto, já se via a Catarina Silva (aluna estagiária), que veio à rua receber-nos. Quando saímos do carro a Catarina direccionou-nos para junto da professora Graça Tomás (professora cooperante/orientadora), da professora Maximina Andrade e o Nuno Pena (aluno estagiário). Depois das apresentações demos entrada na Escola, pelo hall, altura em que também chegou o director e professor Fernando para também nos receber. Neste hall /átrio estavam cadeiras e secretárias antigas pintadas pelos alunos de artes, o que dava uma apresentação muito mais viva e simpática.

Começámos por visitar a reprografia/papelaria para vermos/perceber como era o seu funcionamento e nesta zona também se notava a crise pois há um número restrito de cópias (sem pagar) a tirar por turma, só são permitidas tirar 20 cópias grátis por aluno, no entanto a professora Graça diz que para poupar papel coloca o material no moodle para os alunos imprimirem em casa ou então a professora fotocópia material para os alunos. Estas são pagas de um dinheiro colocado num saco azul que pediu aos alunos



para o efeito; no final do ano civil (salvo erro) iriam à secretaria buscar um papel para o IRS a dizer quanto dinheiro tinham gasto em fotocópias.

De seguida dirigimo-nos para o bar e conhecemos a D^a Lurdes e a D^a Manuela que trabalham no bar da escola e têm lá uma divisão com um matraquilhos para os alunos se divertirem; por acaso estava lá um aluno e pedimos a ele para tirar umas fotos para podermos aparecer todos na foto.



Ilustração 1: A Carla não está presente na fotografia porque foi a fotografa, a fotografia que o aluno tirou estava muito desfocada

Depois passámos por duas pequenas divisões, a Enfermaria e uma “sala” adaptada quando houve a gripe A de maneira que fosse fácil o acesso dos bombeiros usando maca caso fosse necessário, no entanto notava-se que estas duas divisões tinham portas novas, mostrando as pequenas obras que foram na altura precisas fazer para se ter todas as condições necessárias.

Entretanto, seguimos para os espaços exteriores e verificamos que não existiam pavilhões fechados, os alunos se quisessem praticar exercício físico só tinham em espaços exteriores, um campo de futebol com duas balizas e de lado tem 6 cestos de



basquete para também jogarem basquete e um mini campo de futebol coberto com um género de “placa” mas se fizer chuvas fortes os alunos estarão desprotegidos.



Ilustração 2: Fotografia de quando fomos para o exterior da Escola, uma vez mais a Carla foi a fotografa

Antes de voltarmos para dentro da escola a professora Graça disse que a escola tinha aquecimento central, tinha sido um investimento extraordinário que a escola tinha feito e observamos as “casa” das instalações do aquecimento central.

No meu tempo, digamos assim, não havia aquecimento,

Voltámos então para dentro e fomos visitar um laboratório também recentemente com obras, onde colocaram todos os instrumentos obrigatórios para um laboratório, nomeadamente um chuveiro e lava-olhos de emergência, do qual nunca tinha ouvido falar e que não existia no tempo em que eu andava no secundário.

Dá para ver que as exigências/normas para as escolas também têm mudado desde o tempo em que andei na Escola Secundária pois há coisas que a minha escola



não tinha na altura em que lá estudava, nomeadamente o chuveiro e lava-olhos que existia nesta escola e na minha não.

Por curiosidade perguntamos quantos alunos é que a escola tinha e disseram-nos que a cerca de 500 ou 600 alunos.

Uma vez terminada a visita ao rés-do-chão da escola e ao caminhar pelo corredor vimos os cacifos azuis que os alunos tinham e alunos nos corredores a conversarem uns com os outros. Subimos as escadas e chegamos ao 1º piso. Aqui, começamos pela biblioteca, onde os livros estão separados por cores, áreas temáticas e códigos. Quando chegamos à biblioteca estava lá um professor (que era também bibliotecário e professor de história) que estava a falar com os seus alunos a incentivá-los a usar a biblioteca. Fiquei a pensar que fosse uma aula de Formação Cívica. O professor chamou a atenção um aluno que estava a apertar o pescoço a outro aluno e depois até disse qualquer coisa por nós estarmos ali, talvez de pensar que desse má figura da escola.

De seguida pediu-se a uma funcionária que abrisse um anfiteatro com cadeiras vermelhas almofadadas. Aí eu disse que no nosso departamento também podíamos ter as cadeiras dos anfiteatros assim pois as cadeiras de madeira não são confortáveis como aquelas deveriam ser.

Uma vez mais, a professora voltou a dizer que estas obras todas foram feitas em tempo de aulas, durante 3 anos, pelo que já ninguém aguentava o barulho das obras. Todas as decorações que íamos vendo pela escola tinham sido todas feitas pelos alunos.

Pelo corredor do 1º piso passamos por uma porta que dizia laboratório de fotografia e que por cima da porta tinha um luz que quando está acesa significa que ninguém pode entrar na sala.

Passamos para a sala dos directores de turma, onde os próprios alunos estagiários disseram que nunca lá tinham entrado. Esta sala tinha três computadores, um armário com cinco portas envidraçadas em cima e cinco portas em baixo de madeira, um quadro de giz e três mesas redondas com cadeiras e um sofá de dois lugares. Nas paredes estavam também desenho de animais (tartaruga, caracol, vaca, esquilo, girafa, borboleta, abelha, leopardo, etc.) desenhados pelos alunos, muito giros por sinal, não me importava de desenhar assim.



Depois passámos por um hall que muitas vezes é utilizado para mostrar trabalhos feitos pelos alunos. Vimos a Sala de Estudo, que normalmente é utilizada pelos professores. É nesta sala que habitualmente os professores se encontram e donde se deslocam para as salas para substituírem as aulas caso seja necessário. Esta sala antigamente era uma capela. Nesta sala há um quadro interactivo igual ao do nosso Departamento de Matemática na UC, cujo software já é desactualizado, acho eu. Nesta sala há portáteis e tanto os portáteis como qualquer outro material desta sala tem de ter um registo da utilização dos materiais. Muitas vezes, o professor requisita o computador e depois pede a um aluno para ir busca-lo, normalmente é o delegado e/ou o subdelegado da turma. Quando seguíamos para a Sala de Professores vimos uma porta com as letras GAJ, que significa Gabinete de Apoio ao Jovem, mas não entramos lá dentro.

Finalmente chegámos à Sala de professores, é nesta sala que há placares de cortiça com assuntos a nível administrativo, a avaliação e outros por departamentos/áreas.

Nesta escola, o livro de ponto ainda não é electrónico, ainda não aderiram a esse sistema e os velhos livros de ponto é aqui que são colocados num “móvel” com muitas pequenas prateleiras para em cada um colocar o seu livro de ponto de cada uma turma de cada ano de escolaridade existente na escola.

A aluna estagiária disse-nos que ali no estágio descobriu que o nosso Departamento de Matemática na UC é o grupo de recrutamento 500.

Os alunos estagiários têm em conjunto com a professora Graça o 10º ano com Matemática A e Matemática B.

Aqui ficámos a saber que é fundamental sabermos como as escolas funcionam para não se errar, soubemos que esta escola funciona como agrupamento desde o ano passado mas só este ano funciona “bem”.

As terças-feiras à tarde são dias de trabalho, todos os professores se reúnem para analisarem vertical e horizontalmente, principalmente a situação dos alunos, os programas curriculares de matemática, actividades matemáticas, a coordenação dos projectos de matemática, etc. Toda esta dinâmica mostra como o funcionamento das escolas como agrupamento é bastante mais complexo.



Quando saímos da Sala de Professores e voltamos a passar pelo hall continuava lá um aluno à espera de um professor de inglês; a professora Graça viu uma professora de inglês a passar e disse-lhe para ajudar o aluno e a resposta da professora de inglês (de uma forma arrogante e desinteressada) foi que não era nada com ela.

De seguida, voltamos a subir as escadas para o 2º piso e dirigimo-nos para a secção de gabinetes do Centro de Novas Oportunidades (CNO), nomeadamente as Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC), subdividido em quatro fases, B1 que corresponde ao 4ºano de escolaridade, B2 que corresponde ao 6ºano de escolaridade, B3 que corresponde ao 9ºano de escolaridade e o secundário para maiores de 23 anos de idade.

Estivemos a falar com a coordenadora Dra. Nazaré da Silva Dias Moreira e com o técnico de diagnóstico e encaminhamento Dr. Amílcar Gomes, que nos explicaram por alto o funcionamento do CNO.

Depois passámos por uma sala específica para um operador de informática para os Cursos de Educação e Formação (CEF). Nessa sala, cheia de computadores, estava um professor e apenas três alunos.

Posteriormente fomos ao laboratório de matemática e conhecemos mais duas professoras de Matemática, a professora Isabel Capão e a professora Isabel Alçada. Olhei para a parede onde estava um quadro e por cima dele estava lá uma frase de Galileu Galilei que dizia “A matemática é o alfabeto com o qual Deus escreveu o Universo”.

As professoras disseram-nos que normalmente as turmas são de 30 alunos e quem frequenta mais o laboratório de matemática são os alunos do 11º ano e do 12º ano, que projectam coisas para os alunos com cuidados especiais.

De seguida fomos para uma salinha onde os alunos estagiários trabalham em assuntos variados, desde a preparação das aulas à realização de projecto tais como os MaTImaticos Estagiários (uma página que criaram no Facebook) e o Ciclo de Cinema sobre a Educação que também andam a preparar (também criaram uma página no Facebook) e no Moodle tem uma página para cada uma das turmas. Fomos ainda a uma salinha ao lado para os alunos estagiários nos mostrarem um pouco o funcionamento do quadro interactivo.

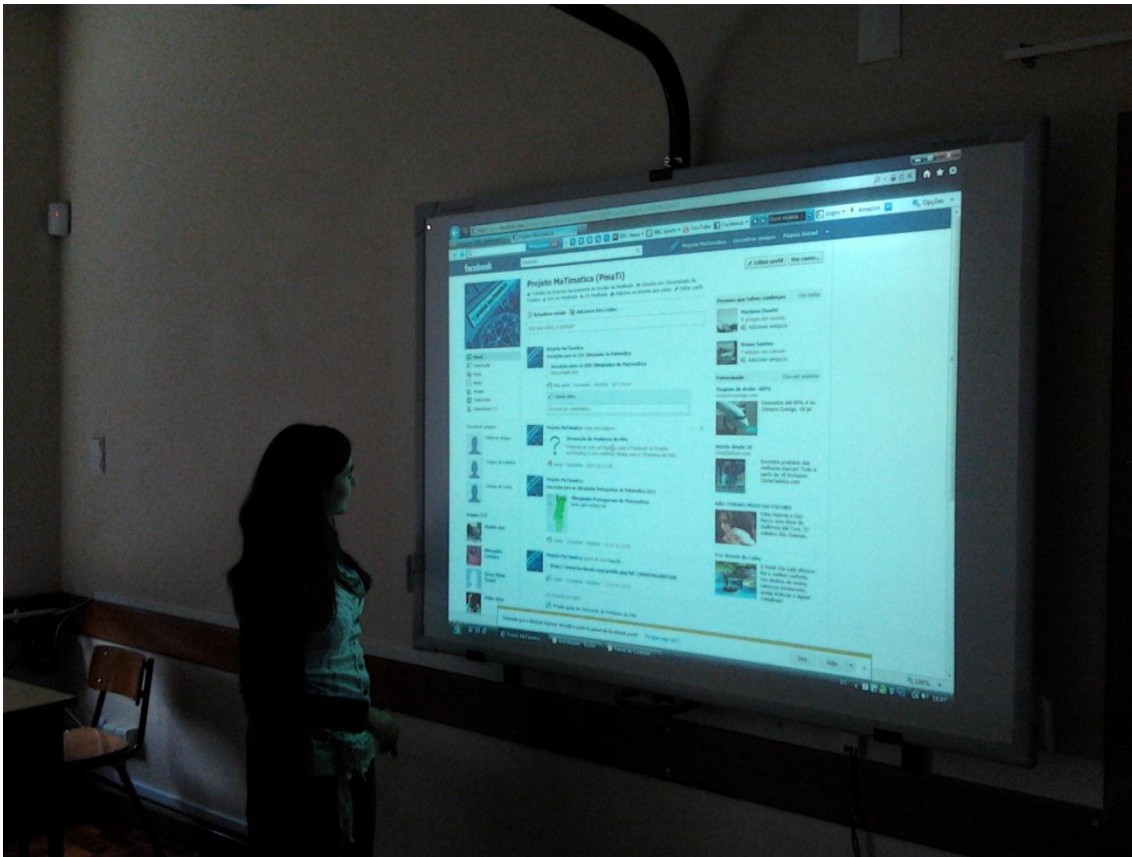


Ilustração 3: A aluna estagiária (Catarina) a mostrar-nos o quadro interactivo e as páginas que fizeram no facebook e no moodle



Ilustração 4: Mais uma fotografia a visionarmos o quadro interactivo, desta vez o fotografo foi o aluno estagiário (Nuno)

Pelas 17h ofereceram-nos um lanchinho (um café e um bolo de frutas) no laboratório de Matemática.

Como se pode ver acolheram-nos muito bem que até se deram ao trabalho de nos arranjam um lanchinho.

Por volta das 17h30m demos por encerrada a visita à Escola Secundária da Mealhada e voltei para Coimbra com a professora e a Tatiana.

4.4. Quarto Relatório

Relatório da visita à Escola Quinta das Flores em Coimbra

Hoje, dia 10 de Novembro de 2011, pelas 7h50m estava ao pé do Museu Machado Castro como combinado com a professora que se atrasou um bocadinho. Quando a professora Piedade chegou mandei mensagem à Tatiana a dizer para ela sair



de casa. Chegamos ao local combinado com a Tatiana e esperámos um bocadinho que ela chegasse e seguimos rumo à Escola Quinta das Flores.

Eram 8h20m quando chegamos à entrada da escola, permanecemos lá à espera que chegasse mais alguém, até que por volta das 8h26m o professor chegou à escola e eu e a Tatiana subimos com ele até à Sala de Trabalhos dos Professores enquanto a professora ficou à entrada à espera que a Carla e a Liette chegassem.

Quando já íamos no corredor mesmo quase a chegar à sala já a aluna estagiária Ana Filipa estava a ir ao nosso encontro. Entretanto chegou a professora e as alunas Carla e Liette à sala e dirigimo-nos os sete mas o bloco D, para a sala 2 onde ia ser leccionada a aula de Matemática pela aluna estagiária Ana Rita à turma 9ºA.

A professora Ana Rita disse ao aluno Alexandre para afastar a sua secretária da do colega do seu lado direito. Com esta situação fiquei a pensar que estivessem de afastar as mesas entre eles pois talvez se portassem mal durante as aulas. A professora começou a aula 47/48 por ditar o sumário,

“Resolução de problemas com a ajuda de sistemas de equações: uma estratégia para resolver problemas.

Ficha de trabalho formativa.

Realização de uma ficha de avaliação sumária.”

aos alunos.

Iniciou a aula, com a resolução de um sistema para os alunos fazerem. Escreveu o seguinte sistema no quadro branco (à direita do quadro interactivo),

$$\left\{ \begin{array}{l} 3(y - x) - \frac{y + 2x}{2} = 1 \\ \frac{x}{3} - \frac{y}{2} = \frac{1}{3} - x \end{array} \right. \Leftrightarrow$$
$$> \left\{ \begin{array}{l} 6(y - x) - y - 2x = 2 \\ 2x - 3y = 2 - 6x \end{array} \right. \Leftrightarrow \left\{ \begin{array}{l} 6y - 6x - y - 2x = 2 \\ 8x = 2 + 3y \end{array} \right.$$



$$\begin{aligned} \Leftrightarrow \begin{cases} 5y = 2 + 8x \\ 8x = 2 + 3\left(\frac{2 + 8x}{5}\right) \end{cases} &\Leftrightarrow \begin{cases} \overline{8x = 2 + \frac{6}{5} + \frac{24}{5}x} \\ \overline{40x - 24x = 10 + 6} \end{cases} \Leftrightarrow \\ &> \begin{cases} \overline{x = \frac{16}{16}} \end{cases} \Leftrightarrow \begin{cases} y = \frac{2+8}{5} \\ x = 1 \end{cases} \Leftrightarrow \begin{cases} y = 2 \\ x = 1 \end{cases} \end{aligned}$$

Então, foi uma aluna ao quadro resolver e no final respondeu que o sistema tinha uma solução possível determinada que era $(x, y) = (1, 2)$.

Enquanto os alunos resolviam o dito sistema reparei que alguns alunos usavam a calculadora para efectuar estes cálculos “básicos”, o que me fez pensar que os alunos já não sabem fazer cálculos mentalmente. Esse sistema era o exercício 27 da página 117 do livro adoptado pela escola que tinha ficado como trabalho de casa da aula anterior.

Começou então a projectar no quadro interactivo o flipchart correspondente à aula de hoje.

A professora lembrou que Polya usava um método para resolver problemas. Aí apresentou um problema para os alunos resolverem.

O problema dizia “Na rua do Frederico estão estacionados automóveis e motas, sendo o número de automóveis duplo do número de motas. O Frederico contou 40 rodas. Quantos automóveis e motas estão estacionados nessa rua?”.

A professora ia passando pela sala para ver se os alunos estavam a ter dificuldades ou não, caso tivessem a ter dificuldades tentava ajuda-los. Dando algum tempo para os alunos resolverem o problema, disse à Inês para ir ao quadro branco escrever o sistema para o problema e resolvê-lo,

x : número de automóveis

y : número de motas

e o sistema era o seguinte,

$$\begin{cases} 2y = x \\ 4x + 2y = 40 \end{cases}$$



Feitos os cálculos dava $(x, y) = (8, 4)$, ou seja, na rua do Frederico estavam 8 automóveis e 4 motas.

De seguida, enquanto a professora distribuiu uma ficha de trabalho pela turma e pelos “intrusos” (visitantes), o professor Balsa deu um “sermão” à turma a relembrar certos erros que fizeram ao resolver os sistemas, nomeadamente, o sinal “-” antes do traço de fracção (que influência tudo o que está no numerador da fracção), colocar as expressões na base canónica e a falta de verificação da solução do sistema depois de resolvido.

O professor Balsa disse que tal como Polya diz “Temos de mergulhar no problema e depois resolver o problema e verificar a solução do problema”.

Os alunos começaram a resolver a ficha de trabalho. Para o 1º exercício, os alunos chegaram à conclusão que não havia solução natural tal como pedia no enunciado. Para o 2º exercício, só resolveram no quadro a alínea a), assim como o 1º exercício. Mas, segundo a professora, viu alunos que já iam a resolver o 5º exercício da ficha. A professora já quase no final da aula disse para os alunos terminarem de fazer a ficha de trabalho em casa.

O professor Balsa ameaçou os alunos que na próxima aula em 15 minutos ia pedir um dos exercícios da folha para a avaliação e avisou-os para não irem ao saltabarreiras para resolverem a ficha.

O aluno João Xavier estava com pressa de sair e o professor Balsa disse-lhe para apagar o quadro branco ao lado direito do quadro interactivo.

Deu-se a aula por terminada às 10h mas eram 10h05m quando deram ordem aos alunos para saírem da aula, pois a campainha da escola não tocou.

A aluna estagiária Ana Filipa estava no meio de dois alunos, e eu fiquei a pensar que ela estivesse no meio de dois alunos com grandes dificuldades em matemática e por isso estava ao pé deles para os ajudar nas aulas, sempre que fosse necessário.

Em baixo segue-se a disposição da Sala de aula, todos estes lugares estavam preenchidos, não consegui anotar o nome de todos os alunos.



Prof. Ana Rita

--	--

	Margarida
--	-----------

	João Xavier
--	----------------

Inês	
------	--

Sofi	
------	--

--	--

--	--

--	--

--	--

--	--

--	--

--	--

Prof. Balsa

Alexandre

--

	Prof. Ana	
--	--------------	--

Prof. Piedade	Carl	Eu	Tatiana	Liete
------------------	------	----	---------	-------

Entretanto, passámos para a sala ao lado, a Sala Salta Barreiras. Nesta sala demos início ao seminário pelas 10h15m, mal acabou a aula.

O professor Balsa acabou por dizer que o objectivo da escola é ajudar todos os alunos, tantos os bons alunos assim como os menos bons, porque a escola deve ser inclusiva e não exclusiva. Acrescentou, que há alunos que limitam-se a passar do quadro os exercícios sem perceberem como se resolve.

Referiu-se também que nós, futuros professores estagiários e mais tarde futuro professores, temos de perceber que nas aulas dos estagiários se pode notar a falta de algum à vontade mas que isso é normal, pois não têm tanta experiência como o



professor Balsa e a aprendizagem de um aluno estagiário é mesmo isso, vai-se aprendendo. Este ano são elas, para o ano seremos nós.

O professor Balsa comentou que por vezes chegam-lhe aos ouvidos que fazem comentários sobre as estagiárias no Bar da Matemática (o conhecido BM para os estudantes) e não acha bonito, pois não gosta que falem das estagiárias sob sua orientação.

Passou-se então a falar da aula que tínhamos assistido a uns minutos atrás. O professor Balsa comentou que nas aulas da manhã tem-se de despertar os alunos por eles ainda vêm meio a dormir, mas nas aulas por volta do meio-dia já se têm de os mandar calar pois já estão despertos de mais.

Nesta escola há prioridade aos alunos do Conservatório de Música, uma vez que a Escola também possui integrado a si o Conservatório de Música. O que pode levar a alunos de um meio social mais elevado devido ao custo elevado dos instrumentos de Música. O professor Balsa referiu também que pelo menos metade da turma do 9ºA também são alunos do Conservatório de Música.

O professor Balsa contou que em tempos (não percebi se foi recentemente ou não) um aluno achou piada por o cabelo de um colega a arder, onde a professora é que deu conta e não houve uma desgraça maior. Eu chamo a isto “brincadeiras parvas de cachopos”.

O professor Balsa comentou que a Ana Rita devia dar mais tempo aos alunos para resolverem os problemas, ou pelo menos tentarem, pois verificou que muitos alunos limitam-se a copiar do quadro a resolução para o caderno diário. O professor Balsa sugeriu, que, se fosse ele a dar a aula, ele optaria em chamar um aluno para ir ao quadro resolver cada parte da resolução do problema. Referiu também que deve-se pensar em quais os alunos se deve pedir para ir ao quadro de acordo com a sua letra e lá isso a estagiária Ana Rita esteve muito bem, pois a letra do aluno de quem for ao quadro tem de ser legível.



Há um aluno, o João Xavier, tem a necessidade de ter sempre a atenção do professor e por isso está sempre a chamar o professor ao lugar dele, no entanto, este aluno é um ótimo aluno do Conservatório.

Por volta das 11h45m, chegaram quatro alunos/colegas nossos do Mestrado em Ensino de Biologia e Geologia para o 3º ciclo do Ensino Básico e Secundário, a Paula, a Alexandra, o Carlos e o Paulo. Uma das colegas de Biologia perguntou quantas aulas os alunos estagiários deveriam leccionar e a Ana Filipa disse que era cerca de 20% a 50% das aulas e que teriam de assistir a todas as aulas de uma turma. Explicou também que agora durante o 1º período escolar a Ana Rita irá leccionar o 9ºano e a Ana Filipa o 10º ano MACS, depois no 2º período escolar trocam e no 3º e último período escolar voltam a trocar e a leccionar os anos que estão este período a leccionar.

Enquanto estávamos no átrio entre as salas no bloco D, reparámos, através da porta de vidro que uma aluna do 12ºano estava na sala 2 deste bloco com a cabeça de cima da mesa que se não estava a dormir parecia mesmo que estava.

Iniciámos então a visita à escola, fomos subindo as escadas do bloco D e vimos que eram só salas de aula e que no 2º piso deste mesmo bloco havia uma Sala de Estudo de Inglês. Depois como a fome já apertava passamos ao bloco A para podermos ir ao bar enganar o estômago até à hora de almoço.

Disseram-nos que no bloco A não há aulas, apenas há salas de professores, salas de reuniões, bar, cantina, biblioteca, reprografia, conservatório, laboratório de Físico-química e de Biologia, etc.

Fomos para a sala de professores, no 1º piso, que nunca lá tinha entrado e foi quando me deparei com um bar só para professores e fiquei muito admirada pois em todas as escolas onde estudei nenhuma tinha um bar só para professores. No entanto, reparei que a partir das 16h30m o bar dos professores fechava e aí se quisessem comer alguma coisa já teriam de se dirigir ao bar dos alunos no rés-do-chão deste bloco. Aqui comi um lanche e um café por apenas 0,93€, coisa que no BM me custaria o dobro ou quase. Acabada a pausa, por volta das 11h55m voltámos à visita.



Falou-se do sistema do cartão para pagamento e controlo de entrada e saída da escola (que ainda é recente). Passamos no corredor pelos laboratórios de Físico-Química, e há laboratórios, uns com mais materiais, outros com menos materiais. Entrámos no laboratório de Biologia e aqui reparámos que não havia o lava-mãos e lava-olhos como existia na Escola Secundária da Mealhada.

Passámos então para o rés-do-chão. O professor Jaime entrou na escola e passou por nós a um palmo de distância e nem reparou que lá estávamos.

Fomos ver o auditório. Mal se abriu a porta do auditório reparou-se logo no cheiro da madeira que pairava no ar, era uma estrutura toda em madeira, adorei o auditório, achei-o espectacular.



Ilustração 5: Fotografia de um piano no auditório feito de madeira



Ilustração 6: Outra fotografia do auditório

De seguida fomos visitar a biblioteca e logo à entrada da biblioteca estava lá a professora bibliotecária, a professora Madalena Trindade. A biblioteca tinha muitas estantes de livros, cd's, dvd's, etc. Havia zona para leituras informais com sofás com um aspecto confortáveis (confesso que não experimentei os sofás), mesas e computadores para estudo e pesquisa, polivalente e canto de leituras, etc.

Quando saímos da biblioteca falámos do livro de ponto electrónico que tem um certo prezo para escrever lá o sumário, o sumário não é escrito na aula para não haver perca de tempo.

Falou-se da utilização do moodle para os professores colocarem as correcções de fichas de trabalho ou outros exercícios da aula ou até de testes.

Dirigimo-nos para a zona do bar dos alunos e para a cantina. Junto à cantina reparei numa folha A4 colocada na parede com a ementa da cantina da semana passada e da semana corrente e reparei que a ementa de hoje seria,

“Sopa de Grão com couve portuguesa



Salada do mar com maionese

Salada de tomate, alface, cebola e milho

Kiwi/ananás em calda”.

Uma vez mais via-se alunos a correr, mas nesta vez era nos espaços exteriores.

Dirigimo-nos para os campos exteriores, havia um campo exterior com uma rede de volley e lembrei-me quando estava no secundário e jogava volley no desporto escolar da escola. Fomos diretos ao pavilhão fechado com equipamento para ginástica e outros desportos nomeadamente basquete e volley. Na rua havia um coberto (tipo tecto sem paredes) com duas balizas para jogar futebol ou andebol e quatro cestos de basquete.



Ilustração 7: Enquanto caminhávamos para o pavilhão da escola



Ilustração 8: Uma fotografia dos espaços exteriores da escola



Ilustração 9: Uma fotografia à porta do pavilhão da escola

Depois fomos para o bloco B e foi aqui, que sabemos, que, quando os alunos se portam mal nas aulas eles não vão para a rua, eles saem da aula e vão para uma sala específica onde está sempre um professor.

A essa sala específica chama-se Gabinete de Mediação Disciplinar (GMD). Nesta sala há um telemóvel permanente na sala para avisar os pais que os alunos (os seus filhos) foram obrigados a sair da sala de aula e a esses alunos abre-se um processo disciplinar. O professor Olímpio, além de acompanhar uma aluna com problemas especiais, por vezes, também está no Gabinete de Mediação Disciplinar e quando lá aparecia um grupinho de alunos frequentemente, o professor obrigava-os a estudar e a resolver exercícios de matemática e isso fazia-os mudar de atitude e não quererem voltar serem colocados fora da aula.

Uma aluna com problemas especiais devia andar sempre acompanhada por uma psicóloga; mas só há uma psicóloga na escola e uma só pessoa não consegue dar vencimento a toda a procura.



O professor Olímpio também acompanha essa aluna, com problemas especiais, anda no 10º ano mas tem matemática de 2ºano, aprende matemática para a vida, contar moedas, ler as horas, etc. Por exemplo, o professor pergunta-lhe quanto é “5+5+5” e a aluna diz que é 16 e o professor diz, não está certo, vamos voltar a contar, 5+5=10, 10+5=15. Essa aluna sabe ordenar os números com dois algarismos, mas com três algarismos já não sabe como por exemplo, se os números forem 32, 37 e 35 sabe ordenar, mas se for 232, 237 e 235 já não sabe ordenar.

Houve uma outra aluna com problemas especiais que tinha sido operada ao cérebro em criança e os professores pediram aos pais para pedirem um relatório médico a dizer o que é que a aluna podia vir a fazer um dia e o que nunca poderia vir a fazer. Essa aluna chegou aqui a esta escola no 10ºano sem bases nenhuma em matemática e conseguiu acabar o ensino secundário no 12º ano com 14 valores a Matemática e hoje em dia está a frequentar a Licenciatura em Enfermagem em Leiria. Aqui está um bom exemplo de um caso bem-sucedido.

Por volta das 13h15m a visita à escola deu-se como terminada, fomos só à Sala de Trabalhos dos professores despedirmo-nos do professor Balsa que estava em reunião com o Dr. Jaime Carvalho e Silva. Agradecemos a magnífica hospitalidade e dirigimo-nos para a porta de saída da escola acompanhados pelas estagiárias que nos puseram completamente à vontade, inclusive para combinarmos ir assistir a uma aula do 10ºMACS.

Pelas 13h25m abandonámos a escola, a Carla e a Liette foram-se embora cada uma no seu carro e eu e a Tatiana voltámos para o Departamento de Matemática com a professora Piedade.

Anexo do relatório:

- ✓ Plano da Aula 47/48 & 49/50



Escola Secundária com 3º Ciclo Quinta das Flores

Ano Letivo 2011/2012

Plano de Aula

Professor: José Balsa e o Núcleo de Estágio (Ana Rita Salgado & Ana Filipa Gonçalves)	Ano: 9º Turma: A Lição nº: 47/48 e 49/50 Data: 10/11/2011 a 11/11/2011
--	--

Unidade: Sistemas de equações Conteúdos programáticos: Equações do 1º grau. Sistemas de equações Sumário: Resolução de problemas com a ajuda de sistemas de equações; uma estratégia para resolver problemas. Ficha de trabalho formativa. Realização de uma minificha de avaliação sumativa.
--

Objetivos: <ul style="list-style-type: none">✚ Resolver sistemas pelo método de substituição.✚ Interpretar e criticar a solução de um sistema de equações, no contexto de um problema.
--

Metodologia: Prática, resolvendo exercícios. Seguindo o manual, introduzir a resolução de problemas

Recursos didáticos: <ul style="list-style-type: none">✚ Quadro interativo✚ Caderno diário✚ Manual✚ Calculadora✚ Minificha	Avaliação: <ul style="list-style-type: none">✚ Participação Oral ✚ Trabalho individual
--	--



Atividades / Estratégias / Situações de Aprendizagem

[Marcação de presenças dos alunos]

A aula inicia com a marcação e presenças dos alunos, através da chamada.

[Escrita do sumário]

Em seguida, o professor dita o sumário.

Com a ajuda do flipchart "aula 47&48" o professor projeta um exercício para introduzir um método para resolver problemas. Nesse método/estratégia o professor explica cinco passos de resolução de problemas:

- Compreender o problema
- Identificar as incógnitas
- Traduzir o problema por um sistema
- Resolver o sistema
- Verificar a solução e dar a resposta

Em seguida o professor diz aos alunos para resolverem da **página 120-122 os exercícios: 30, 31.2, 34, 37, 39, 43 e 44; da página 128 os exercícios 57, 60, 63 e 64**

O professor procede à correção destes últimos exercícios chamando um aluno ao quadro para corrigir um exercício.

Quando os alunos estiverem a resolver os sistemas, o professor vai relembrando os passos para a resolução de um sistema de equações, pelo método de substituição.

Quando faltar meia hora para os alunos saírem o professor distribui uma questão para avaliação.

O professor manda para os alunos fazerem em casa o exercício 48 da página 122 como trabalho de investigação



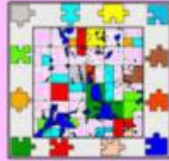
Nota:

Por decisão do Núcleo a minificha será realizada na terça feira dia 15 de novembro.

- ✓ Aula 47/48 dada no quadro interactivo, o flipchart é o seguinte:



Como resolver problemas



Resolução de Problemas



1- Na rua do Frederico estão estacionados automóveis e motas, sendo o número de automóveis duplo do número de motas.

O Frederico contou 40 rodas. quantos automóveis e motas estão estacionados nessa rua?



Guião

1-Compreender o problema

Ler com atenção o enunciado e identificar os dados e o que é pedido,



- O que é pedido?
- Quais são os dados?
- Analisa com atenção o enunciado.



Resolução de Problemas



1- Na rua do Frederico estão estacionados automóveis e motas, sendo o número de automóveis duplo do número de motas.

O Frederico contou 40 rodas. quantos automóveis e motas estão estacionados nessa rua?



2- Identificar as incógnitas e representá-las por duas letras

● As incógnitas são:

o número de automóveis →

o número de motas →



Resolução de Problemas



1- Na rua do Frederico estão estacionados automóveis e motas, sendo o número de automóveis duplo do número de motas.

O Frederico contou 40 rodas. quantos automóveis e motas estão estacionados nessa rua?



2- Identificar as incógnitas e representá-las por duas letras

● As incógnitas são:

o número de automóveis → x

o número de motas →





Resolução de Problemas

1- Na rua do Frederico estão estacionados automóveis e motas, sendo o número de automóveis duplo do número de motas.

O Frederico contou 40 rodas. quantos automóveis e motas estão estacionados nessa rua?



2- Identificar as incógnitas e representá-las por duas letras

● As incógnitas são:

o número de automóveis $\rightarrow x$

o número de motas $\rightarrow y$



Resolução de Problemas



1- Na rua do Frederico estão estacionados automóveis e motas, sendo o número de automóveis duplo do número de motas.

O Frederico contou 40 rodas. quantos automóveis e motas estão estacionados nessa rua?



3- Traduzir o problema por um sistema:
escrever em linguagem matemática o enunciado do problema

● O sistema que traduz o problema é:

?





4-Resolver o sistema

$$\begin{cases} x = 2y \\ 4x + 2y = 40 \end{cases}$$

5-Concluir



- *Verificar se a solução do sistema serve como solução do problema.*
- *Dar a resposta ao problema.*

Resposta: _____



✓ Ficha de Trabalho

FICHA DE TRABALHO

Página 120

Exercício 30

A diferença entre dois números naturais é 7, a soma do maior com o triplo do menor é 20. Quais são os números?

Exercício 31.2

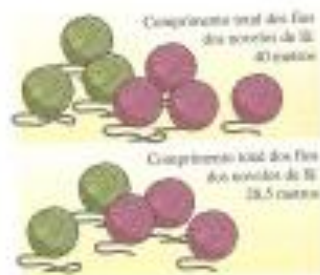
Atendendo às figuras traduz por um sistema de equações os problemas seguintes e em seguida resolve o sistema:

a)

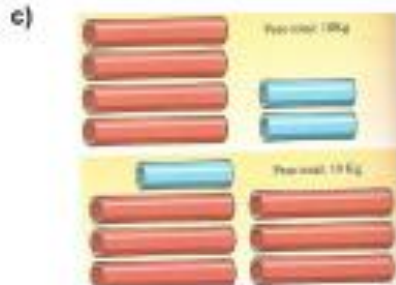


Quanto custa cada sumo e cada iogurte?

b)



Qual o comprimento do fio de cada novelo verde e de cada novelo rosa?



Qual o peso de cada tubo castanho e de cada tubo amarelo?

Exercício 34

Calcula o valor de α e β de modo que o triângulo seja isósceles.



unidade: graus

Exercício 37

O perímetro de um retângulo é 30 cm. A base excede a altura em 60mm. Determina as dimensões do retângulo.

Exercício 39

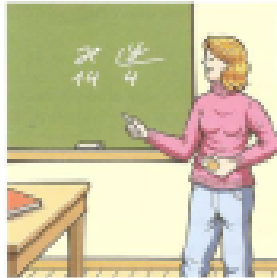
Um pai tem o triplo da idade do filho. A diferença entre a idade do pai e o quádruplo da idade do filho é 4 anos.

Que idade tem cada um?



Exercício 43

A professora escreveu no quadro:



- a) Seguidamente pediu à Joana para escrever uma equação com duas variáveis que relacionasse x com y .
- b) Determinar x e y sabendo que a sua soma é 94.

Exercício 44

O Artur e o seu irmão Gabriel têm no banco, conjuntamente, 715 euros.

- a) Se o dinheiro que o Gabriel tem no banco for 30% do do Artur, que dinheiro tem cada um dos irmãos?
- b) Se o Artur tiver mais 60% que o Gabriel, que dinheiro tem cada um?

Página 128

Exercício 57

Num determinado jogo, obtém-se m pontos se se ganhar e n ponto se se perder.

O Duarte jogou: ganhou 2 pontos e perdeu 3 pontos. No final, obteve 4 pontos.

A Inês jogou: ganhou 3 pontos e perdeu 2 pontos. No final, obteve 11 pontos.

Determina m e n .



Exercício 60

Dois números são tais que, subtraindo 10 unidades ao primeiro obtém-se o segundo e, adicionando 2 unidades ao segundo obtém-se o dobro do primeiro. Quais são os números?

Exercício 63: Problema chinês antigo

Um grupo de pessoas compra galinhas em conjunto. Se cada uma der 9 wen, sobram 11 wen após a compra; mas se cada pessoa der 6 wen, então faltam 16 wen. Quantas pessoas há no grupo e qual é o custo total das galinhas?

Exercício 64: o concerto de Rock

Para o concerto, dois adultos e cinco jovens, com cartão jovem, pagaram 200 euros; um adulto e três jovens também com cartão pagaram 112 euros.

- a) Quanto paga cada adulto e cada jovem com cartão
- b) Qual a percentagem de desconto para jovens com cartão jovem?



4.5. Quinto Relatório

Ida à Escola Quinta das Flores em Coimbra

Hoje, dia 17 de Novembro de 2011, pelas 7h20m sai de casa a pé com destino à escola, eram 7h50m estava a passar ao pé da casa da Tatiana e depois fomos as duas até à escola.

Chegámos à escola por volta das 8h10m. Quando estávamos a entrar na escola fomos “barradas” à entrada, uma sra. que estava à entrada disse “Porque é que as meninas não passaram o cartão?” e nós dissemos que não éramos de lá, que éramos estudantes de mestrado da FCTUC e que íamos assistir a uma aula do professor Balsa.

A sra. disse para esperarmos ali e entretanto ligou para a sala de trabalhos para saber se o professor Balsa já lá estava, mas não, ainda não tinha chegado. A sra. disse que tínhamos cara de jovem e que passávamos como alunas de lá.

Passando alguns minutos chegou a estagiária Ana Filipa que ia tão distraída que nem nos viu, mas quando chegou à sala houve outros colegas professores que disseram que já tinham ligado para lá à procura deles (professor Balsa e alunas estagiárias de Matemática). Foi então aí que a Ana Filipa se lembrou que nós lá íamos e foi ter connosco à entrada. Entretanto, passados mais alguns minutinhos chegou a estagiária Ana Rita e quase logo depois o professor Balsa e a Carla que também não reparam que estávamos as quatro ali à entrada. A hora de entrada para a aula já se aproximava e então a Ana Rita foi indo à frente para preparar as coisas.

Só já faltava a Liette para o grupo estar completo, foi então aí que enviei um SMS a perguntar onde já vinha e ela respondeu-me que estava um pouco atrasada e nós fomos andando até à sala D4 onde ia decorrer a aula.

Chegámos lá e foi colocar as mesas na disposição de se dar a aula que entretanto chegaram os alunos e a Liette.

Entre as 8h30m e as 8h40m iam sempre entrando alunos e o professor Balsa chamou à atenção os alunos que tinham de chegar a horas porque eram sempre os mesmos a chegar atrasados.



O professor Balsa começou a aula 55 & 56 por ditar o sumário aos alunos.

Como forma de relembrar a matéria dada na última aula o professor Balsa começa por dizer aos alunos para arrumar o sótão e inicia por perguntar como se chama a razão de proporcionalidade directa e um aluno respondeu que era a constante de proporcionalidade, o que estava correcto.

Depois, pediu aos alunos para darem exemplos de situações onde se usasse a proporcionalidade directa. Um aluno disse que “Quanto mais o carro anda, mais gasolina gasta”, foi nessa altura que houve um outro aluno que disse que “um carro em ponto-morto não gastava” e professor disse que isso induzia a erro pois se ele experimentasse deixar um carro ligado durante algum tempo no mesmo sitio em ponto-morto iria ver o ponteiro do combustível a descer.

Enquanto o professor passava entre as mesas chamou à atenção um aluno a dizer que a sua postura não era a mais correcta para ter dentro de uma sala de aula.

Foi distribuída uma ficha de trabalho de revisões da proporcionalidade directa e os alunos começaram a resolvê-la.

Passado uns minutos para resolverem os exercícios dessa ficha, foi chamada ao quadro uma aluna para ler o enunciado do exercício e resolver a primeira alínea e explicar aos colegas, de seguida chamou outro aluno para responder à segunda alínea e um terceiro aluno para responder à terceira alínea que era para dizer a contante de proporcionalidade do exercício dado e o aluno disse que era $\frac{1}{3}$, pois $\frac{x}{y} = k$ (constante de proporcionalidade). Para a quarta alínea desse mesmo exercício foi outro aluno ao quadro desenhar o gráfico dos pontos do enunciado e unir os pontos como era pedido. O professor Balsa levantou a questão se no contexto do exercício dado se tinha sentido unir os pontos ou não e os alunos chegaram à conclusão que não, pois o enunciado era sobre bolas e não há meias bolas.

A alínea seguinte era pedida a equação do gráfico e os alunos chegaram à conclusão que era $y = 3x$ e o professor Balsa pediu à Ana Rita (que estava na secretária do professor a ser auxiliar no computador com os documentos diversos que iam sendo



projectados) para a abrir no computador a calculadora TI-84 de modo a estar a ser projectado o gráfico da função anterior para os alunos poderem ver.

É visível o enorme à vontade do professor Balsa a dar aula, o que é normal pois a sua experiência. Nota-se pela maneira de estar e pela forma de lidar com os alunos, pois o professor sabe dar-lhes a liberdade quando quer e pôr-os em respeito e sérios também quando tem de ser.

Quando estava a passar entre as mesas dos alunos o professor Balsa reparou que um aluno estava a escrever com um lápis que tinha no máximo 2cm e comentou isso. Logo de seguida houve um outro aluno que disse que também tinha um lápis pequeno e um terceiro aluno também o disse. Foi então aí que o professor Balsa perguntou que os alunos estavam a ver quem é que conseguia ter um lápis mais pequeno e ver quem é que conseguia escrever com as unhas, obviamente, que toda gente se riu. O professor disse que o segundo exercício da ficha era para fazer em casa.

Voltou-se então para a matéria e foi projectado um powerpoint da aula 53&54 com uma imagem que os alunos conheceram logo os protagonistas. Era a imagem do Tio Patinhas (tio milionário forreta) e dos seus três sobrinhos, todos os alunos tentaram adivinhar quais eram os nomes dos três sobrinhos do Tio Patinhas. Passado um bocado da “brincadeira” voltou-se para a parte séria e uma aluna deu o diálogo da imagem que o Tio patinhas estava a ter com os sobrinhos.

Enunciou-se assim a proporcionalidade inversa aos alunos.

Como havia algum ruído de fundo entre os alunos o professor Balsa para os chamar à atenção usou a frase célebre “Quando um burro fala os outros abaixam as orelhas”.

O professor perguntou quem é que sabia o que era a proporcionalidade directa e um aluno disse que na proporcionalidade directa enquanto um sobe, o outro desce e o professor Balsa disse que o português não era o melhor mas dava para perceber o que o aluno quis dizer.



Já quase no final da aula o professor Balsa enuncia duas actividades. A primeira actividade é fazer o exercício 2 da página 135 do manual e a segunda actividade é fazer os exercícios 4 e 5 da página 136 do manual.

O que não conseguissem fazer na aula ficava também para casa.

Chegaram as 10h e a aula deu-se como terminada. Os alunos saíram e nos fomos ter com o núcleo de estágio (o professor Balsa e as alunas estagiárias Ana Filipa e Ana Rita) agradecer por termos assistido a mais uma aula e pedir desculpa por não ficarmos para o seminário visto que eu ia ter aula de Estatística às 11h45m no Departamento de Matemática e íamos a metade da aula de realidade e como grupo ou ficavam todos ou não ficava ninguém.

Anexo do relatório:

- ✓ Plano da Aula

- ✓ Ficha de Trabalho “Revisões – Proporcionalidade Directa”





FICHA DE TRABALHO

REVISÕES - PROPORCIONALIDADE DIRETA

Exercício 1:

Para enfeitar a árvore de Natal, a Sónia comprou 12 bolas. A tabela seguinte mostra a relação entre o custo das bolas e o número de bolas compradas.

x - n.º de bolas		1	2	3	4	6	8	10	12
y - euros		3							

- Completa a tabela.
- As grandezas x e y são proporcionais? Se sim, indica que tipo de proporcionalidade existe? Justifica.
- Indica a constante de proporcionalidade.
- Representa num gráfico cartesiano a informação da tabela e une os pontos. Que tipo de gráfico obtiveste?
- Escreve a expressão analítica da função.



Exercício 2:

Um ciclista segue ao longo de uma estrada sempre com a mesma velocidade. A relação entre o tempo (h) e a distância percorrida (km) é dada pelos seguintes pares ordenados:

(1,15) ; (2,30) ; (3,45) ; (4,60) ; (5,75)

a) Constrói uma tabela a partir dos pares indicados.

b) Verifica se existe algum tipo de proporcionalidade entre a distância e o tempo. Caso haja indica qual é e indica o valor da constante.

c) Constrói um gráfico cartesiano utilizando a tabela da alínea anterior.

✓ Correção do exercício 2 da página 135



CORREÇÃO DOS EXERCÍCIOS

Exercício 2 Página 135

Verifica em cada caso, se há proporcionalidade inversa. Em caso afirmativo, indica a constante de proporcionalidade e descobre uma expressão que relacione as duas variáveis.

a)

v	1	2	4	10	30
T	60	30	15	6	2

Quando **v** aumenta **t** diminui, logo existe **uma relação inversa entre as duas variáveis**.

Mas será uma relação de proporcionalidade inversa?

$$1 \times 60 = 60$$

$$2 \times 30 = 60$$

$$4 \times 15 = 60$$

$$10 \times 6 = 60$$

$$30 \times 2 = 60$$

O produto entre dois quaisquer valores é constante, pois é sempre igual a 60.

Conclusão:

As variáveis **v** e **t** são inversamente proporcionais e 60 é a constante de proporcionalidade.

A tabela a) traduz uma situação de proporcionalidade inversa.

b)

x	4,8	4	3	2	1
y	1,5	1,8	2,4	3,6	7,2

Quando **x** aumenta **y** diminui, logo existe **uma relação inversa entre as duas variáveis**.

Mas será uma relação de proporcionalidade inversa?

$$4,8 \times 1,5 = 7,2$$

$$4 \times 1,8 = 7,2$$

$$3 \times 2,4 = 7,2$$

$$2 \times 3,6 = 7,2$$

$$1 \times 7,2 = 7,2$$



O produto entre dois quaisquer valores é constante, pois é sempre igual a 7,2.

Conclusão:

As variáveis x e y são inversamente proporcionais e 7,2 é a constante de proporcionalidade.

A tabela b) traduz uma situação de proporcionalidade inversa.

c)

a	10	5	4	3	1,5
b	20	0	8	6	3

Quando a diminui b diminui. Então já não é necessário verificar se o produto dos valores correspondentes é constante.

Conclusão:

As variáveis a e b não são inversamente proporcionais.

A tabela c) não traduz uma situação de proporcionalidade inversa.

4.6. Sexto Relatório

Ida à Escola da Ponte na Vila das Aves

Hoje, dia 6 de Janeiro de 2012, pelas 7h15m sai de casa a pé com destino ao departamento, eram 7h20m quando cheguei ao Departamento de Matemática da Universidade de Coimbra (DMUC), passados apenas 2 minutos chegou logo um Sr. (motorista) com uma carrinha da Universidade com nove lugares para nos levar à Escola Integrada de Vila das Aves, a chamada Escola da Ponte.

Coloquei logo as mochilas na carrinha enquanto esperava pela professora e pelos meus colegas. Aproveitei a oportunidade e perguntei ao Sr. qual iria ser o seu percurso e o Sr. disse que ia ser pela Auto-Estrada e eu disse que eu e uma colega minha (a Tatiana) queríamos à vinda da visita à escola ficarmos no Porto a apanhar transporte



para a Guarda, para não chegarmos tão tarde a casa visto que já ia ser um dia longo de viagens e tudo. O Sr. disponibilizou-se logo a deixar-nos na praça da Batalha de modo a apanharmos o Expresso de ida a casa. Entretanto, passados mais uns 5 minutinhos chegou também a professora de carro e o Luís a pé.

Como ainda faltavam pessoas e queríamos tomar café fomos ao Bar das Matemáticas (BM) ver se já estava aberto e fomos lá tomar café. Não nos demoramos muito, foi só beber café e voltamos logo para a carrinha para não estarmos na rua ao frio.



Então estava a entrar para a carrinha branca com um porta de lado de correr e ter de levar o banco para passar para a parte de trás fez-me lembrar os tempos em que andava no Jardim de Infância e na Escola Primária porque nessa altura o meu percurso de casa-escola e escola-casa era feito por uma carrinha assim por conta da Junta de Freguesia, visto que a minha escola era na aldeia ao lado da minha.

Por SMS, a Tatiana avisou-me que a Liette se tinha atrasado e por isso teríamos de esperar um pouco mais. Eram aproximadamente 8h quando a Liette e a Tatiana chegaram, entraram na carrinha e podemos sair rumo à Escola da Ponte, visto que os elementos que faltavam já tinham avisado que iam lá ter (no caso da Carla e do Vítor) e que não ia (no caso do Diogo).

Eram 10h quando chegámos à escola. Fomos a uma pastelaria para quem ainda não tinha tomado café que tomasse enquanto a professora foi à escola avisar que já tínhamos chegado. A professora ligou à Liette para irmos andando para a escola e quando estávamos a caminho chegou o Vítor também.



Chegámos à escola e deparámo-nos com uma escola com más condições físicas, vedações quase sem tinta, as cores das paredes feias (a cor estava quase toda a desaparecer devido a não ser pintado à bastante tempo provavelmente), parece pouco espaço para os alunos que têm.

Não nada disto que esperava da escola. Devido à inovação e à autonomia da escola, que se estar sempre a falar dela pensava que fosse uma escola moderna, talvez a escola perfeita ou a escola do futuro quem sabe.

As cores mais vivas que a escola tinha era uns muros pintados que pareciam ter sido pintados pelos próprios alunos, pois tinham desenhos.

Lá estava a professora com dois alunos da escola, a Carolina (da fase de aprofundamento) e o Pedro Rafael (um miúdo muito engraçado da fase de iniciação). Já estávamos à espera que fossem alunos a apresentarem-nos a escola deles porque a professora tem lá ido todos os anos e já nos tinha dito.





Começou a visita ao ler-nos os direitos e os deveres dos visitantes da escola que estava exposto na parede ao lado da escada.

Inicialmente mostraram-nos o mural sobre a Assembleia-geral e falou-nos um pouco do que era e que se realiza todas as 6ª feiras à tarde às 15h e que poderíamos assistir se quiséssemos.



Passámos à Sala João de Deus (Espaço de Iniciação), nesta sala estava dividida digamos em duas turmas, no lado direito estava a turma que ainda não sabia formar ideias, tinha de começar do zero, necessitavam de mais acompanhamento (no momento os alunos tinham o acompanhamento de uma professora) e à esquerda os alunos que já sabiam alguma coisa de modo a poder evoluir o conhecimento (no momento tinham também uma professora a acompanhá-los). Nesta sala havia lá todos os livros necessários que os alunos pudessem usar nas aulas ou até levar para casa se necessário. As paredes pareciam estar forradas com papéis cheios de informações tanto para os alunos como para os professores. Havia nas paredes papéis a dizer *Acho bem* (este local é colocado para os alunos escreverem os aspectos que acham bem na escola de maneira



a que não mude), *Acho Mal* (este local é colocado para os alunos escreverem os aspectos que acham mal na escola de maneira que se mude de forma a querer-se melhorar), *Computadores* (aqui o aluno escreve quando precisa de usar um computador), *Leituras*, *Preciso de Ajuda* (aqui escreve o aluno que necessita de ajuda para uma determinada tarefa de aquisição de conhecimentos) e *Posso Ajudar* (aqui escreve o nome da pessoa que pode ajudar o colega num determinado tema). Esta sala é equivalente ao 1º e 2º ano de escolaridade das escolas ditas “normais”.





Preciso de Ajuda

Data	Nome	Assunto	Professor
7/6/11	Agostinho	Ti. Pis de N. trientes	
17/10/11	Diogo	Multiplicação com decimais	10/11/11
17/10/11	Diogo	...	10/11/11
17/10/11	Diogo	...	10/11/11
17/10/11	Diogo	...	10/11/11
18/11/11	Diogo	...	10/11/11
...
...
2/11/11	José	Adição e subtração de frações	
2/11/11	Catarina	Multiplicação de frações	
23/11/11	Fabio	Multiplicação de frações	
28/11/11	Nuno R.	Adição e subtração de frações	
...
...
6/12/11	Algo	Multiplicação	

Falaram-nos do Projecto Comenius em parceria com outros alunos estrangeiros que comunicam a partir do Skype em inglês, o que também é uma boa forma de praticar esta língua tão importante nos dias de hoje. Tenho pena de não me familiarizar com esta língua, um dia tenho de investir em mim a aprendizagem desta língua.





Neste projecto também havia uma partilha da gastronomia, nomeadamente com a Alemanha.

Ficámos também a saber que existe uma Comissão de Ajuda, aqui os tem responsabilidades e falam de problemas do jornal, do jardim, entre outros.

Subimos as escadas e lá estava cabides com pertences dos alunos nomeadamente mochilas e casacos, havia uma casa de banho para os meninos e outra para as meninas, havia também uma sala, a Sala de Projecto Artístico aonde os alunos desenvolviam três artes, o teatro, a música e a arte plástica.

Dirigimo-nos depois para a Sala (Espaço de Consolidação), nesta sala também havia todos os livros e materiais necessários que os alunos poderiam vir a precisar. Esta sala tinha livros pendurados em candeeiros de modo a tentar chamar à atenção a necessidade e a importância de ler. No quadro da sala estava escrito os alunos que se tinham atrasado a chegarem às aulas e quanto tempo se tinham atrasado, quem tinha feito o trabalho de casa e quem não ia ter intervalo por não ter feito o trabalho de casa ou por ter estado a molengar durante a aula em vez de ter feito os deveres da aula. Aqui disseram-nos que havia seis tutores com oito alunos cada um. Esta sala é equivalente ao 3º, 4º, 5º e 6º ano de escolaridade das escolas ditas “normais”.



Entretanto chegou a hora do intervalo dos alunos entre as 10h30m e as 11h. Voltamos a ir à pastelaria ao pé da escola e combinamos voltar a encontrar-nos com eles à entrada da escola quando o intervalo terminasse.

Estava eu a tentar tirar fotografias com a minha máquina fotográfica que não queria ligar e disse em voz alta “Detesto máquinas que têm vida própria, que só trabalham quando querem” que entretanto oiço uma mulher que mais tarde vim a descobrir que era professora da escola que disse “Isso não é bem assim, trabalham e muito, não é o que parece”, qualquer coisa assim e eu pensei “O que é que se passou aqui? Eu tava a falar da máquina fotográfica não da escola ou dos alunos” entretanto fomos para a pastelaria e lá esta a tal mulher. A Liette e a Tatiana estavam a dizer para eu ir esclarecer as coisas com ela mas eu não quis, ela que tivesse ouvido a conversa toda que já tinha percebido. Então a Liette sentou-se na mesa ao lado da mulher e meio à descarada para ela ouvir disse “Mas tu tavas a falar da máquina, era da máquina que tavas a falar” qualquer coisa assim e a mulher ouviu e pediu desculpa porque por vezes há pessoas que vem visitar a escola e que saiem de lá com a opinião que os alunos não trabalham, que é só brincadeira e voltou a pedir desculpa.



Já estavam a ser 11h e voltámos para a escola para continuar a visita. Já lá estava o Pedro Rafael à espera que nós e a sua colega catarina chegássemos para continuar a visita, agora para a Sala António Gedeão (Espaço de Aprofundamento). Nesta sala havia três grupos de alunos, A1, A2 e A3 porque a sala não tinha capacidade de ter lá todos os alunos ao mesmo tempo, então havia horários para cada um desses grupos ocupar a sala para trabalhar. Informaram-nos aqui que cada aluno é que escolhe o seu professor coordenador. Havia uma caixa que dizia *Cadernos de Recados* que segundo nos explicaram era tipo a usual caderneta para a comunicação Casa-Escola e Escola-Casa, para os pais e professores dos alunos estarem facilmente contactáveis e informados do comportamento dos alunos. Esta sala é equivalente ao 7º, 8º e 9º ano de escolaridade das escolas ditas “normais”.



A *caixa de segredos* é uma caixa onde os alunos podem colocar uma mensagem para um colega de maneira que o colega receba a sua mensagem sem saber quem é o remetente.

Quando saímos desta sala entregaram-nos inquéritos para preenchermos, inquéritos que entregam sempre aos visitantes da sua escola. Estivemos a preencher os



inquéritos ao sol e depois recolhi os inquéritos de todos e fui entregar à secretaria, uma porta ao lado da porta do Espaço de Consolidação.

Depois fizemos uma breve paragem no refeitório, todos à volta de uma mesa a falar com um professor que é coordenador do projecto (que não sei o nome) com quem tivemos uma conversa bastante interessante. O professor disse-nos que não havia faltas nem para os alunos nem para os professores, quando há atrasados dos alunos, os pais são logo avisados. Burocraticamente há uma turma de cada ano de escolaridade (do 1º ano ao 9ºano de escolaridade), na escola no dia-a-dia não há, há apenas objectivos de tarefas de estudo de 15 em 15 dias e após esse tempo os alunos são avaliados e caso estejam aptos passam para novos objectivos de estudo. Os alunos da Ponte não têm os testes normais (avaliações escritas) das outras escolas. Nesta escola há aulas das 8h30m até às 16h15m, a partir dessa hora os alunos que terão de ficar na escola por causa dos pais ainda estarem a trabalhar serão acompanhados por professores, avós e funcionários que por vezes vão para lá ensinar outros futuros hobbies dos alunos, nomeadamente as AEC's (Actividades de Enriquecimento Curricular) garantidas pelas Câmaras Municipais. Todos os dias fica dois professores a assegurarem esses alunos na escola, esses professores são rotativos, um professor só precisa de sair mais tarde apenas um dia de 15 a 15 dias.



O professor mostrou-nos um armário que estava no refeitório cheio de docie's.





Nesta escola há cerca de vinte e quatro professores, cinco professores do quadro, uma psicóloga e cento e setenta e oito alunos. Entretanto, já estavam a aparecer alunos para almoçar. O cheiro a comida fazia-me ter fome, na mesa ao lado da mesa aonde estávamos estava um aluno com o seu tabuleiro com a comidinha e um professor chamou-lhe a atenção por causa de ele estar a por a carne dentro do pão, tal como eu fazia quando andava na escola, quando ia ao refeitório da escola aonde, quase sempre, colocava a carne e alface no pão para comer ao almoço ou então a meio da tarde quando tivesse fome.

Entretanto, fomos “expulsos” do refeitório para os alunos poderem almoçar.

Depois fomos com a professora Ana (acho eu) para a Sala João de Deus conversar um pouco mais sobre a escola e a sua experiência na escola.

A professora explicou-nos que a colocação dos professores obedece às regras normais e nacionais como sendo outra escola qualquer do país, fazem entrevistas a professores para integrar o perfil de professor.

A Comissão de ajuda é constituída por três alunos escolhidos pelos professores e três alunos elegidos pelos alunos. Nesta comissão resolve-se problemas da escola nomeadamente “brigas” que possa haver na escola, sobretudo nos intervalos.

A professora comentou connosco que em 14 anos de serviço, só dois alunos foram à Assembleia e que comoveu muito a professora, pois esses dois alunos tinham a escola toda a apontar-lhes o dedo devido às coisas más que lhes havia feito. A partir dessa Assembleia desses alunos mudaram radicalmente para melhor, que já nem pareciam os mesmos.



O currículo nacional é colocado de forma mais simplificada nos objectivos quinzenais dos alunos, mas, no entanto, os interesses dos alunos não é só o currículo nacional, por vezes um aluno está interessado num tema e desenvolve esse tema de forma a ficarem a saber mais.

Ao longo dos anos o material de consulta/apoio vai sendo melhorado e organizado de acordo com os assuntos dos planos. Para além dos livros, os alunos ainda têm acesso à Escola Virtual e ao Moodle para a realização de exercícios.

O plano quinzenal é feito a partir dos resultados da avaliação diagnóstica, pois se um aluno ainda não adquiriu um certo tema ou uma certa matéria não deve avançar sem ter atingido os objectivos pretendidos.

A escolha dos temas de trabalho de um plano quinzenal é um pouco negociada entre o aluno e o coordenador.

Entretanto eram já quase 14h quando saímos da escola para irmos almoçar a uma pizzeria que havia perto da escola.

Eram quase 15h quando acabamos de almoçar e então dirigimo-nos para a escola e como não sabíamos onde ia ser a assembleia decidimos “seguir” os alunos.



Havia muita agitação por parte dos alunos, o demorar a sentarem-se, as conversas alheias, etc. tudo um pouco foi atrasando a assembleia. Eram 15h16m quando a assembleia iniciou.



Os alunos deram início à assembleia com a leitura da acta da última assembleia e no final da leitura, os alunos votaram para verem se concordavam com o que tinha sido escrito em acta.

Deram início à apresentação de um trabalho de “Desafio de História”. No final da apresentação passam a palavra aos alunos para comentarem os trabalhos dos colegas.

Depois falaram do torneio de xadrez de Natal e passaram a palavra a alguns alunos que tinham participado no torneio que se tinha realizado na Escola Agrícola de Santo Tirso. Falaram de outras actividades de Natal nomeadamente na confecção de doces natalícios e mostraram fotografias tiradas durante a realização desta actividade.

Depois falou-se da Comissão Ajuda e dos problemas que estava a haver na escola, sobretudo, os beyblades, comportamentos violentos, os aspectos positivos e negativos da escola e o roubo dos lanches.

No final, perguntaram qual era a opinião sobre a comissão, o microfone andou a circular pela sala para quem quisesse opinar.



Para encerrar a assembleia perguntaram se os visitantes, pais e /ou professores queriam falar e a Carla representou-nos num pequeno discurso de agradecimento.

Sáímos da sala e despedimo-nos da Carla e do Vítor e entramos na carrinha.

O Sr. da carrinha deixou-me a mim e à Tatiana na Rodoviária do Porto para apanharmos o expresso para Celorico da Beira, enquanto a professora, o Luís e a Liette continuaram a viagem até Coimbra na companhia do motorista.

4.7. Sétimo Relatório

Ida à Escola Maria Lamas em Torres Novas

Hoje, dia 16 de Janeiro de 2012, pelas 8h20m cheguei à escola e desloquei-me para o pé da sala 5 à espera que a professora chegasse. Passei pelo bar, e só se ouvia os alunos a falarem uns com os outros (um certo barulho de fundo) para chegar à sala pretendida.

Os alunos da turma 7^oD, aos poucos e poucos iam chegando e a conversa principal entre eles era o facto da professora deles ter um tumor e é por isso que a minha professora do secundário às 2^afeiras vai dar-lhes as aulas por tinha hora livre à hora das aulas deles, assim como eles tem outro professor na aula de Matemática às 4^afeiras e outro às 6^afeiras. Esta foi a forma que arranjaram para os alunos não irem perdendo a matéria, pois a professora deles vai faltar pelo menos duas semanas porque vai ser operada.

Havia um aluno que a cada colega dele de turma que visse chegar perguntava “Então já sabes?...” , e falavam o que a professora tinha e houve um que respondeu que sabia e que a professora já devia ter morrido. Fiquei com uma vontade de chegar ao pé dele e dar-lhe uma chapada e perguntar que se foi o pai ou a mãe dele ou qualquer outra pessoa de que ele gostasse se achava o mesmo.

Achei engraçado quando as meninas iam chegando e cumprimentavam-se com um beijinho na cara, porque eu na altura não tinha esse hábito.

Entretanto, a professora Zilda Oliveira chegou.

Pelas 8h40m, os alunos vão entrando na sala e primeiro que se sentem e se acalmem é um castigo de uma maneira de falar.



A professora começou por fazer a chamada visto que não conhece os alunos. Nesta escola ainda usam o antigo livro de ponto para escrever o sumário.

Lição nº 89 e 90

16/01/2012

Sumário:

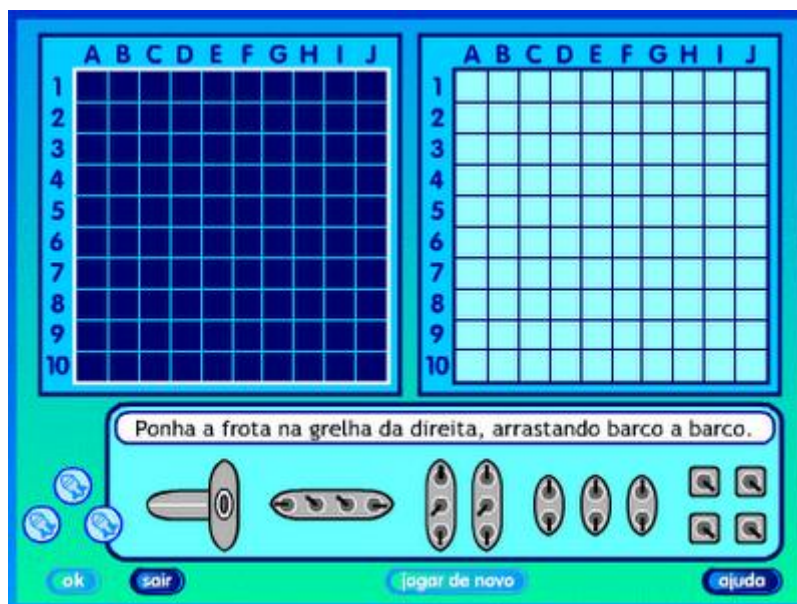
Introdução aos gráficos cartesianos através do jogo – Batalha Naval.

Referencial Cartesiano. Coordenadas de um ponto no plano.

Quando a professora estava a ditar o sumário ouviu-se logo comentários do tipo “Hi, eu já joguei”, “Vamos jogar?” e a professora disse que não mas podiam depois jogar no intervalo uns com os outros.

A professora entregou uma ficha de actividades (que eu não sei se foi a professora deles que a tinha deixado ou se foi a minha professora que a fez).

O 1º exercício tinha o objectivo de desenhar os elementos da Batalha Naval no quadro da direita que contém as seguintes figuras:



- 1 Porta-Aviões;
- 1 Barco de 4;
- 2 Barcos de 3;
- 3 Barcos de 2;
- 4 Barcos de 1.

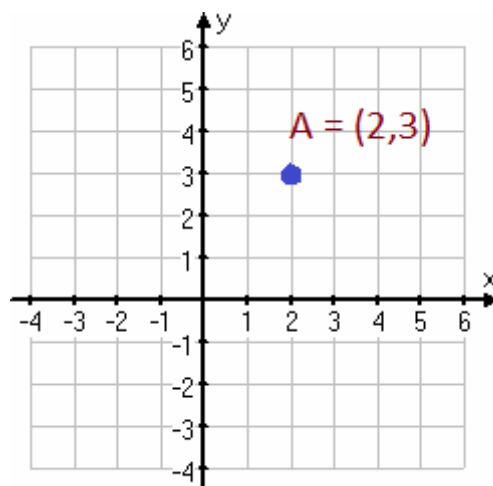


A professora andou de lugar a lugar a tirar algumas dúvidas dos alunos e ela disse que eu também podia ir ajudar se quisesse.

Depois de os ajudarmos, a professora disse que ia-se agora passar à Matemática em si e os alunos abriram a página 140 do livro.

Por exemplo, em vez de se ter (3,A) como existe na Batalha Naval, na Matemática tem-se apenas números, como por exemplo, (3,1). Agora a dúvida que se colocou foi se colocarmos números nas linhas e nas colunas vai aparecer-nos dois quadrinhos com esses dois números, é preciso saber qual deles é e para isso há regras. Assim dá-se o referencial cartesiano,

Exemplo de referencial



A A faz corresponder (2,3) de acordo com o par ser (x,y), ou seja, $x=2$ e $y=3$, neste caso.

A professora chamou à atenção os alunos, que se se portassem mal teriam de sair.

A professora escreveu no quadro o que era um referencial cartesiano para os alunos copiarem para os seus cadernos.

Um referencial cartesiano é constituído por dois eixos perpendiculares entre si, que se intersectam num ponto que se chama origem do referencial e representa-se pela letra O.

A O corresponde o par (0,0).



O eixo horizontal é o eixo OX ou eixo das abcissas.

O eixo vertical é o eixo OY ou eixo das ordenadas.

Um ponto P representa-se pelas coordenadas (x,y), sendo x a abcissa e y a ordenada.

Depois passou-se para os outros dois exercícios da ficha de actividades, um exercício tinha os pontos (x,y) e era só representá-los no referencial cartesiano, no outro exercício era ao contrário, tinha os pontos representados no referencial cartesiano e tinha de os escrever da forma (x,y). Eu e a professora andámos de lugar a lugar a ajudar os alunos a perceberem o exercício e a resolverem-no. Notei que muito deles não conseguiam fazer o exercício porque tinha estado na conversa quando a professora estava a explicar a matéria e muito deles não sabem ver numa recta real que os números positivos estão à direita do zero e os números negativos estão à esquerda do zero.

A aula terminou às 10h, saíram todos para o intervalo e eu e a professora fomos ao bar beber café e depois deslocamo-nos à sala de professores.

Às 10h20 fomos para a sala 23 para a aula do 12º CTC (turma C de Ciências e Tecnologias), reparei que os manuais ainda eram os do meu “tempo.”

A aula de hoje ia ser continuação da aula anterior sobre problemas da função exponencial.

Começaram por fazer o exercício 28,

$V(t) = V_0 e^{-0.03t}$, onde V era o valor em euros, t era o tempo em anos e V_0 era o valor inicial da máquina.

a) $t=20, V(20)=4500\text{€}$

$$4500 = V_0 e^{-0.03 \cdot 20}$$

$$\Leftrightarrow V_0 = 4500/e^{-0.6}$$

$$\Leftrightarrow V_0 \approx 8200\text{€}$$

b) $V(t+1)/V(t) = ?$

$$\frac{V(t+1)}{V(t)} = \frac{V_0 e^{-0.03(t+1)}}{V_0 e^{-0.03t}} = e^{-0.03} = 0.97$$

28

O valor de uma máquina industrial ao fim de t anos é dado em euros, por $v(t) = v_0 e^{-0.03t}$.

a) Ao fim de 20 anos o valor da máquina é aproximadamente 4500€. Qual era o valor inicial da máquina (arredondado ao euro)?

b) Calcula $\frac{v(t+1)}{v(t)}$ (arredondado às centésimas) e interpreta esse valor no contexto da situação.



$$0.97 \cdot 100\% = 97\%$$

100% - 97% = 3%, ou seja, a máquina desvaloriza 3%.

$$\frac{V(t+1)}{V(t)} = 0.97 \Leftrightarrow V(t+1) = 0.97 V(t)$$

Depois passaram para o exercício 29,

$Q(t) = Q_0 e^{-0.01t}$, onde Q é a quantidade, t é o tempo em séculos

5000 anos = 50 séculos

$$Q(50) = 3 \Leftrightarrow Q_0 e^{-0.01 \cdot 50} = 3$$

$$\Leftrightarrow Q_0 = 3/e^{-0.01 \cdot 50}$$

$$\Leftrightarrow Q_0 = 4.946 \text{ gramas}$$

$$\Leftrightarrow Q_0 = 4946 \text{ mg}$$

Depois passou-se para o exercício 30,

a) Ao fim de 5500 anos: $M = 10^{-6}/2$

Ao fim de 11000 anos: $M = (10^{-6}/2)/2 = 10^{-6}/2^2$

Ao fim de 16500 anos: $M = (10^{-6}/2^2)/2 = 10^{-6}/2^3$

b) $M(t) = 10^{-6}/2^{(t/5500)}$

c) $M(t) = 2.5 \cdot 10^{-7}$

$$10^{-6}/2^{(t/5500)} = 2.5 \cdot 10^{-7}$$

$$\Leftrightarrow 2^{(t/5500)} = 10^{-6}/(2.5 \cdot 10^{-7})$$

$$\Leftrightarrow 2^{(t/5500)} = 2^2$$

$$\Leftrightarrow t/5500 = 2$$

$$\Leftrightarrow t = 11000 \text{ anos}$$

Aqui a professora pediu aos alunos para relacionarem $10^{-6}/4$ e $2.5 \cdot 10^{-7}$

29

A quantidade, em gramas, de uma substância radioactiva numa amostra decresce segundo a fórmula $Q(t) = Q_0 e^{-0.01t}$, sendo Q a quantidade de substância radioactiva na amostra ao fim de t séculos. Se passados 5000 anos restavam 3 g de substância radioactiva na amostra, quantos gramas existiam inicialmente? (Apresenta o resultado em mg arredondado às unidades.)

30

O carbono 14

Num ser vivo, 1 g de carbono contém 10^{-6} g de carbono 14. Quando o ser morre, o carbono 14 desintegra-se reduzindo a sua massa a metade em 5500 anos. É com base na massa de C_{14} por grama de carbono que se calcula a idade de um fóssil.

a) Mostra que a massa de C_{14} por grama de carbono, ao fim de 16500 anos, é:

$$M = \frac{10^{-6}}{2^3}$$

b) Exprime, em função de t , a massa de C_{14} , por grama de carbono, ao fim de t anos.

c) Qual é a idade de um fóssil que contém $2,5 \times 10^{-7}$ g de C_{14} , por grama de carbono?



De seguida passaram para o exercício 31,

$$R=40 - 40e^{-0.2t}$$

a) $t = 2$ semanas = 14 dias

$$R(14) = 40 - 40e^{-0.2 \cdot 14}$$

$$\Leftrightarrow R(14) = 37.57 \approx 38\%$$

Assim, chega-se à conclusão que aproximadamente 38% já tinham respondido ao anúncio.

b) $\lim_{t \rightarrow +\infty} (40 - 40e^{-0.2t}) = 40 - 40e^{-\infty} = 40$

Depois passaram para o exercício 32,

$$C(t) = A + Be^{-0.04t}, \text{ onde } t \text{ é o tempo em minutos}$$

O nosso tempo inicial, $t_0=0$ para as 5h, logo 5h15m corresponde a $t=15$,

$$C(0) = A + B = 75$$

$$C(15) = A + Be^{-0.04 \cdot 15} = A + Be^{-0.6} = 50$$

$$\Leftrightarrow \begin{cases} A + B = 75 \\ A + Be^{-0.6} = 50 \end{cases}$$

Que resolvendo o sistema vai dar,

$$\begin{cases} A = 19,59^\circ C \approx 19.6^\circ C \\ B = 55.41^\circ C \approx 55.4^\circ C \end{cases}$$

Depois de terem resolvido estes exercícios já faltava pouco tempo para acabar a aula e então não valia a pena começar a dar a função logaritmo, então a professora perguntou se alguém tinha dúvidas em algum exercício e uma aluna disse que tinha uma dúvida num exercício 95-e) da página 68 do manual.

O exercício pedia o domínio da função $R(x)$,

31

A percentagem de leitores de certo jornal que respondem a um anúncio de venda de um produto de beleza, t dias depois do anúncio surgir, obtém-se usando a fórmula:

$$R = 40 - 40e^{-0.2t}$$

a) Qual a percentagem de leitores que se espera que tenham respondido ao fim de duas semanas? Apresenta o resultado arredondado às unidades.

b) Qual a percentagem de respostas que se espera vir a obter ao fim de muitos dias?

32

A temperatura de um chá, t minutos depois de ser colocado na chávena, decresce de acordo com a lei:

$$C(t) = A + B e^{-0.04t}$$

com t em minutos.

Determina a temperatura ambiente sabendo que um chá colocado na chávena, às cinco da tarde, a 75° , pode ser bebido, às cinco e um quarto, à temperatura de 50° . Apresenta o resultado arredondado às décimas.



$$R(x) = \frac{1 - \sqrt{2^x - 4}}{(x - 3)^2}$$

Então aqui sabe-se o denominador não pode ser zero, ou seja,

$$(x - 3)^2 \neq 0 \Leftrightarrow x - 3 \neq 0 \Leftrightarrow x \neq 3$$

Por outro lado, sabe-se que a raiz só pode conter valores positivos ou nulos dentro dela, então,

$$2^x - 4 \geq 0 \Leftrightarrow 2^x \geq 4 \Leftrightarrow 2^x \geq 2^2 \Leftrightarrow x \geq 2$$

Entretanto a aula terminou e eu despedi-me da professora e agradeci-lhe o facto de me ter deixado assistir às suas aulas, pois eu acho que se aprende muito ao assistirmos às aulas, sim porque já tivemos no lado de alunos e agora estamos a um passo de estarmos no lado de professores e nestas aulas já para sentir-nos um pouco de como é ser professor e ter de controlar uma sala cheia de alunos um pouco irrequietos.



FCTUC FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA



5. ROTEIROS DAS FREQUÊNCIAS

5.1. Primeira Frequência

I- Sistema Educativo Português

Temas:

- Breve evolução histórica do sistema educativo português; (esta ou dilemas)[POSTER]
- A lei de bases: princípios gerais e organização;
- A diversificação da oferta educativa;
- Sucesso, insucesso, abandono escolar, alguns números;
- Dilemas. (esta virado para as ofertas educativas ou a evolução história) [POSTER]

1. Identificar um desafio/dificuldade subjacente à evolução do sistema educativo.

2. Identificar o documento legal que regula o sistema educativo português na actualidade.

O documento legal que regula o sistema educativo português é a Lei de Bases do Sistema Educativo (Diário da República, I Série – A, N° 166 – 30 de Agosto de 2005).

3. Caracterizar a organização do sistema educativo.

O sistema educativo é composto por três grupos:

- Crianças e Jovens
 - Educação Pré-Escolar
 - Ensino Básico
 - ❖ 1º ciclo (1º, 2º, 3º e 4º ano)
 - ❖ 2º ciclo (5º e 6º ano)
 - ❖ 3º ciclo (7º, 8º e 9ºano)
 - Ensino Secundário (10º, 11 e 12º ano)
- Jovens e Adultos
 - Ensino Pós-Secundário
- Adultos
 - Educação e Formação de Adultos

4. Identificar taxas de abandono escolar nos ensino básico e secundário.



Tabela 0.3. Taxa de retenção e **desistência** nos ensinos básico e secundário, por nível de ensino, em Portugal e no Continente (1999/00 - 2008/09)

	1999/00	2000/01	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	20 08/09	
Portugal	Ensino Básico	12,6	12,7	13,6	13,0	12,0	11,8	10,7	10,1	7,9	7,8
	1º Cido	8,9	8,8	8,5	7,6	6,7	5,5	4,4	4,0	3,7	3,6
	2º Cido	13,1	12,7	15,6	14,8	13,9	13,0	10,7	10,6	8,0	7,6
	3º Cido	17,2	18,2	19,2	19,1	17,8	19,7	19,2	18,4	14,0	14,0
	Ensino Secundário	36,8	39,4	37,4	33,7	33,8	32,1	31,1	24,8	21,0	19,1
Continente	Ensino Básico	12,1	12,3	13,2	12,6	11,5	11,5	10,6	10,0	7,7	7,6
	1º Cido	8,4	8,3	8,1	7,2	6,2	5,2	4,3	3,9	3,6	3,4
	2º Cido	12,7	12,3	15,1	14,3	13,5	12,5	10,5	10,3	7,8	7,5
	3º Cido	16,8	17,9	18,8	18,7	17,4	19,3	19,1	18,4	13,7	13,8
	Ensino Secundário	37,0	39,5	37,3	33,6	33,6	31,9	30,6	24,6	20,6	18,7

Pela tabela retirada do site do Ministério da Educação pode-se verificar que há um maior abandono escolar no ensino secundário do que no ensino básico (as taxas de abandono escolar é sempre mais elevado no ensino secundário).

Pode-se também verificar que no ensino básico, entre o ano lectivo 1999/2000 e o ano lectivo 2001/2002 há um ligeiro aumento da taxa de abandono escolar, depois entre 2001/2002 e 2008/2009 já tem andado a diminuir a taxa de abandono escolar.

Já para o ensino secundário, entre o ano lectivo 1999/2000 houve um ligeiro aumento da taxa de abandono escolar, depois entre 2000/2001 e 2002/2003 há uma diminuição na taxa de abandono escolar, depois entre 2003/2004 e 2003/2004 aumenta 0,1% da taxa de abandono escolar e depois entre 2004/2005 e 2008/2009 volta a haver uma diminuição da taxa de abandono escolar.

5. Caracterizar os *objectivos educativos nos ensino básico e secundário.*

Os *objectivos educativos* no:

- **Ensino Básico** são:
 - Assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhe garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social;



- Assegurar que nesta formação sejam equilibradamente inter-relacionados o saber e o saber fazer, a teoria e a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano;
- Proporcionar o desenvolvimento físico e motor, valorizar as actividades manuais e promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detectando e estimulando aptidões nesses domínios;
- Proporcionar a aprendizagem de uma primeira língua estrangeira e a iniciação de uma segunda;
- Proporcionar a aquisição dos conhecimentos basilares que permitam o prosseguimento de estudos ou a inserção do aluno em esquemas de formação profissional, bem como facilitar a aquisição e o desenvolvimento de métodos e instrumentos de trabalho pessoal e em grupo, valorizando a dimensão humana do trabalho;
- Fomentar a consciência nacional aberta à realidade concreta numa perspectiva de humanismo universalista, de solidariedade e de cooperação internacional;
- Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e cultura portuguesas;
- Proporcionar aos alunos experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e sócio-afectiva, criando neles atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante;
- Proporcionar a aquisição de atitudes autónomas, visando a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária;
- Assegurar às crianças com necessidades educativas específicas, devidas, designadamente, a deficiências físicas e mentais, condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades;
- Fomentar o gosto por uma constante actualização de conhecimentos;
- Participar no processo de informação e orientação educacionais em colaboração com as famílias;
- Proporcionar, em liberdade de consciência, a aquisição de noções de educação cívica e moral;
- Criar condições de promoção do sucesso escolar e educativo a todos os alunos.



- **Ensino Secundário** são:
 - Assegurar o desenvolvimento do raciocínio, da reflexão e da curiosidade científica e o aprofundamento dos elementos fundamentais de uma cultura humanística, artística, científica e técnica que constituam suporte cognitivo e metodológico apropriado para o eventual prosseguimento de estudos e para a inserção na vida activa;
 - Facultar aos jovens conhecimentos necessários à compreensão das manifestações estéticas e culturais e possibilitar o aperfeiçoamento da sua expressão artística;
 - Fomentar a aquisição e aplicação de um saber cada vez mais aprofundado assente no estudo, na reflexão crítica, na observação e na experimentação;
 - Formar, a partir da realidade concreta da vida regional e nacional, e no apreço pelos valores permanentes da sociedade, em geral, e da cultura portuguesa, em particular, jovens interessados na resolução dos problemas do País e sensibilizados para os problemas da comunidade internacional;
 - Facultar contactos e experiências com o mundo do trabalho, fortalecendo os mecanismos de aproximação entre a escola, a vida activa e a comunidade e dinamizando a função inovadora e interventora da escola;
 - Favorecer a orientação e formação profissional dos jovens, através da preparação técnica e tecnológica, com vista à entrada no mundo do trabalho;
 - Criar hábitos de trabalho, individual e em grupo, e favorecer o desenvolvimento de atitudes de reflexão metódica, de abertura de espírito, de sensibilidade e de disponibilidade e adaptação à mudança.

6. Identificar os objectivos gerais do Programa 2015.

- Melhorar as competências básicas dos alunos portugueses;
- Assegurar a permanência no sistema de todos os jovens até aos 18 anos, garantindo o cumprimento da escolaridade obrigatória de 12 anos.

7. Identificar e debater uma medida da organização do Sistema Educativo (SE) visando a redução do abandono escolar.

Visando romper com a desigualdade social, bem como com os mecanismos internos à escola que concorrem para o fracasso escolar, o Ministério da Educação vem



desenvolvendo acções no sentido de implementação de políticas amplas que contribuam para a melhoria dos processos de organização e gestão da educação básica, bem como pela adequação das condições de infra-estrutura das unidades escolares e pelo fortalecimento de mecanismos de participação da comunidade local e escolar e, ainda pela proposição de políticas de formação, valorização e profissionalização docente por meio da articulação entre formação inicial e formação continuada.

O Ministério da Educação, nos dois últimos anos, adoptou como estratégia de suas políticas a busca da articulação entre os mecanismos de estímulo ao aumento da escolaridade com ênfase na melhoria da qualidade de ensino, buscando, entre outras, a adopção de uma política de valorização e de formação permanente dos profissionais da educação objectivando, desse modo, a disseminação da educação como prática social voltada para um processo de mudança no Brasil.

A Secretaria da Educação Básica, órgão do Ministério responsável pela implementação de diferentes políticas para os ensinos infantil, fundamental e médio, em parceria com as secretarias estaduais e municipais, tem buscado construir, por meio de assistência técnica e financeira, um padrão de referência da educação básica pautada pela qualidade social. Nessa direcção, tem enfatizado políticas comprometidas com concepções filosóficas e político-pedagógicas que valorizam o professor e buscam promover a aprendizagem efectiva dos alunos. Essas políticas, segundo documento da SEB (2005), consideram que a melhoria do processo de ensino-aprendizagem requer acções e programas atinados à natureza do trabalho pedagógico que deve assegurar nos processos formativos (inicial e continuado) o domínio de saberes específicos das diversas áreas do conhecimento, bem como, os conhecimentos relativos às metodologias e a compreensão dos processos de planeamento, organização curricular, avaliação e gestão da educação escolar. Nesse cenário, enfatizam também a necessária autonomia e democratização das unidades escolares.

Nesse processo, a democratização das unidades escolares, articulado à implementação de melhorias no processo ensino-aprendizagem deve considerar o importante papel desenvolvido pelo profissional educação. Por essa razão, uma política voltada para a mudança nos processos educativos não pode secundarizar o professor e suas condições de trabalho, o que significa estabelecer políticas que tenham por norte a garantia de um salário digno, de novos incentivos à carreira docente e, ao mesmo



tempo, a busca de uma permanente melhoria no processo de qualificação e, portanto, no desempenho profissional. Ora, a escola que pretende constituir um espaço de inclusão necessita ter profissionais qualificados, preparados para orientar, por meio de suas competências e habilidades humanas, o processo formativo do aluno.

Para o MEC a garantia da inclusão no processo educativo se consolida com uma escola de qualidade, espaço onde todos tenham acesso ao mundo letrado, aos bens culturais, ao desenvolvimento tecnológico e à cidadania. O maior desafio dessa escola é garantir condições para que o aluno possa aprender.

Nessa direcção, as políticas do MEC buscam estabelecer condições que favoreçam uma maior articulação entre os diferentes níveis e modalidades educacionais, ao enfatizar a necessária sintonia entre as políticas de gestão e de organização da educação básica.

Questões como a garantia do financiamento público para a educação básica, ampliação do ensino fundamental, optimização e ampliação da oferta da educação infantil e do ensino 2º médio, fortalecimento dos conselhos escolares, devem se efectivar articulados às políticas de formação e valorização dos profissionais da educação.

Para a implementação dessas políticas, o MEC trabalha sempre em regime de colaboração com os estados e municípios, a quem compete a coordenação das acções educativas por meio dos seus sistemas de ensino. Nesse processo de organização descentralizada da educação nacional compete a Secretaria da Educação Básica, cuja abrangência de actuação contempla acções voltadas para a educação infantil, fundamental e média, a responsabilidade pela formulação de políticas e a articulação com os entes federados visando a optimização das políticas de acesso e de permanência na educação básica. Nesse sentido, desenvolve programas e acções voltadas para a superação do fracasso escolar. Esses programas se desenvolvem em articulação com demais secretarias do MEC e com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.

II-A Escola: aspectos organizacionais e interpessoais

Tema 1:

- O funcionamento da escola como organização: organograma, estruturas de funcionamento e respectivas funções.



1. Conhecer o funcionamento da escola como organização.

A escola enquanto organização envolve a consideração de vários factores:

- Físicos;
- Administrativos;
- Comunicacionais;
- Pedagógicos;
- Interpessoais.

2. Caracterizar a oferta formativa da escola e relacioná-la com o sistema educativo português.

3. Identificar o documento legal que regula o funcionamento das escolas portuguesas.

O documento legal que regula o funcionamento das escolas portuguesas é o Decreto-Lei nº 115-A/98 (e a legislação complementar). Actualmente, temos o Decreto-Lei nº75-2008.

4. Identificar dois princípios que gerem o funcionamento das escolas portuguesas na actualidade.

- Autonomia (por exemplo o regulamento interno);
 - É o poder reconhecido à escola pela administração educativa;
 - De tomar decisões nos domínios estratégico, pedagógico, administrativo, financeiro e organizacional;
 - No quadro do seu projecto educativo e em função das competências e dos meios que lhe estão consignados.
- Descentralização.

O **regulamento interno** de uma escola deve conter:

- ✓ Oferta educativa da escola;
- ✓ Composição e funcionamento dos órgãos de Administração e Gestão da Escola;
- ✓ Parcerias: objectivos e entidades participantes;
- ✓ Composição e funcionamento de outros Serviços e Actividades da Escola;
- ✓ Direitos e Deveres dos Membros da Comunidade Escolar e Regime Disciplinar.

5. Identificar as principais estruturas de funcionamento de uma escola básica e secundária.



- Estruturas de gestão:
 - **Conselho Executivo:**
 - Definir o regime de funcionamento da Escola, nomeadamente decidir se há turmas de manhã e turmas de tarde, ou se todas as turmas têm aulas de manhã e de tarde. (A opção por turnos tem de ser justificada). E se a Escola oferece ou não ensino Nocturno.
 - Distribuir o serviço aos professores e coordenar a elaboração dos horários dos professores.
 - Distribuir o serviço aos funcionários da secretaria e aos auxiliares da acção educativa.
 - Seleccionar e recrutar professores ou funcionários quando tenham ficado por preencher vagas após os concursos nacionais e regionais (Para esta selecção é necessária autorização prévia da Direcção Regional e anunciar as vagas através da edital).
 - Tomar decisões sobre as formas de utilizar as instalações, os espaços e os equipamentos da escola (por exemplo, escolher sala para reuniões com pais, para ampliar a biblioteca, zonas para prática de desporto, despensas para guardar equipamentos audiovisuais ou outros, etc.).
 - Zelar pela manutenção de espaços e equipamentos.
 - Planear e assegurar a execução das actividades de acção social escolar.
 - Estabelecer protocolos e acordos de cooperação com outras instituições, como Câmara Municipal, Juntas de Freguesia, empresas locais, associações de cultura e recreio, grupos desportivos, etc.
 - Elaborar o projecto de orçamento da Escola considerando as linhas orientadoras definidas pela Assembleia.
 - Elaborar a proposta do Projecto Educativo da Escola, considerando as sugestões do Conselho Pedagógico.
 - Elaborar a proposta do Regulamento Interno da Escola, considerando as propostas do Conselho Pedagógico.
 - Elaborar a proposta do Plano Anual de Actividades considerando as sugestões do Conselho Pedagógico.
 - Apresentar os três documentos anteriores à Assembleia para análise e aprovação.
 - **Conselho Administrativo:**
 - Aprovar o Projecto de Orçamento Anual (elaborado pelo Conselho Executivo / Director).
 - Elaborar o Relatório Anual de Contas de Gerência.
 - Autorizar a realização de despesas e o respectivo pagamento.
 - Fiscalizar a cobrança de receitas.
 - Manter actualizado o inventário do património da escola.
 - Verificar a legalidade da gestão financeira da escola.



- **Assembleia de Escola:**
 - Elege o seu Presidente entre os professores membros.
 - Designa três elementos para organizar e assegurar a legalidade das eleições para a Direcção Executiva.
 - Aprova o Regulamento Interno da Escola.
 - Aprova o Projecto Educativo da Escola.
 - Acompanha e avalia a execução do Projecto Educativo da Escola e a execução do Plano Anual de Actividades.
 - Define as linhas orientadoras para a elaboração do orçamento da escola.
 - Aprecia o relatório de contas.
 - Aprecia os resultados da avaliação interna da escola.
 - Aprecia o relatório do Plano de Actividades.
 - Pode fazer recomendações para o desenvolvimento do Projecto Educativo e para o cumprimento do Plano Anual de Actividades.
 - Exerce outras competências que lhe sejam atribuídas pelo Regulamento Interno da Escola.

- Estruturas pedagógicas:
 - **Conselho Pedagógico:**
 - Elege o seu Presidente entre os professores membros.
 - Apresenta propostas para a elaboração do Projecto Educativo.
 - Apresenta propostas para a elaboração do Plano Anual de Actividades.
 - Aprecia a proposta de Regulamento Interno da Escola.
 - Elabora o Plano de Formação e Actualização para professores e funcionários.
 - Define critérios gerais para:
 - ❖ Elaboração de horários;
 - ❖ Avaliação dos alunos;
 - ❖ Informação e orientação escolar e vocacional dos alunos;
 - ❖ Acompanhamento pedagógico dos alunos;
 - ❖ Ajustamento e flexibilização dos currículos e programas de ensino à realidade dos alunos e da região;
 - ❖ Disponibilização de apoios educativos e modalidades especiais de educação;
 - ❖ Contratação de pessoal docente e não docente.
 - Adopta os manuais escolares de acordo com as propostas dos Departamentos Curriculares ou Conselhos de Docentes.
 - Propõe projectos e experiências de inovação educacional.



- Intervêm no processo de avaliação dos docentes.

- Departamentos Curriculares;
- Conselhos dos Directores de Turma
- Conselho de Turma:
 - São todos os professores que dão aulas à turma;
 - Um delegado dos alunos;
 - Um representante dos pais/encarregados de educação.

- Estruturas de apoio:
 - Serviço de Psicologia e Orientação Escolar;
 - Serviço de Acção Social Escolar:
 - Alimentação dos alunos – distribuindo gratuitamente leite a todas as crianças que frequentam os Jardins de Infância e as escolas do 1º ciclo; subsidiando o refeitório e o bufete para que todos os alunos que o desejarem possam tomar na escola refeições a preços acessíveis, podendo os alunos muito carenciados tomar refeições gratuitamente.
 - Prevenção de acidentes / Seguro Escolar – que abrange os alunos do Pré-Escolar, do Ensino Básico e do Ensino Secundário e cobre:
 - ❖ Acidentes que possam ocorrer dentro da escola, durante o período em que se realizam actividades da responsabilidade da própria escola;
 - ❖ Acidentes que possam ocorrer no trajecto habitual entre a escola e a residência de alunos menores desde que não estejam acompanhados por adultos encarregados da sua vigilância, nem se desloquem em veículos motorizados, bicicletas ou transportes escolares.
 - Atribuição de subsídios/isenção de propinas a alunos carenciados que se candidatem. Estes subsídios podem por exemplo incluir o fornecimento de manuais escolares ou de equipamento para Educação Física.

(a candidatura aos auxílios económicos especiais de Acção Social Escolar faz-se com o apoio do professor ou do director de turma que fornece um boletim próprio e ajuda a preenche-lo. Os pais/encarregados de educação têm que provar as declarações que prestarem.)

- Núcleo de apoio aos Cursos Tecnológicos.



Tema 3: Imagens e narrativas da escola

- As “minhas escolas”
- Voltar à escola

1. Descrever memórias da escola.

Quando tinha 5 anos estive um ano no Jardim de Infância da Ribeira Ruíva, depois aos 6 anos entrei para a Escola Primária 1º ciclo da Ribeira Ruíva.

Passados quatro anos, quando eu tinha 10 anos entrei para a Escola 2º e 3º ciclos de Manuel de Figueiredo em Torres Novas faço o 5º e 6º ano, nesta fase da minha vida eu era conhecida como a "Maria rapaz" porque passava os intervalos das aulas e a hora de almoço no campo de futebol a jogar com os rapazes. Esta minha escola tinha um pavilhão desportivo, campos exteriores, três blocos de aulas (com cerca de 8 salas cada bloco) e um polivalente comum (local onde se situava o refeitório, o bar, o conselho executivo, a secretaria, a enfermaria, a papelaria e a reprografia). Lembro-me que nesta escola havia cacifos mas um cacifo tinha de dar para pelo menos duas pessoas (alunos).

Passados dois anos, quando eu tinha 12 anos entrei para a Escola Secundária/3 de Maria Lamas também em Torres Novas frequentei a escola desde o 7ºano ao 12º ano, aqui nesta escolha já poderia ser um cacifo para uma pessoa (aluno), aliás o meu cacifo foi ganho por "herança" da minha irmã que na altura ainda andava nessa escola. Foi nesta fase escolhi a área de ciências e tecnologias porque desde sempre gostei de Matemática. Foi nesta fase que me decidi concorrer à faculdade pois o incentivo da minha professora do secundário, de colegas minhas e pais de colegas minhas fizeram-me pelo menos candidatar e depois ver o que acontecia. Eu tinha andado sempre a excluir ou pelo menos nunca ter a certeza de vir para a faculdade devido às dificuldades económicas mas mesmo assim aconselharam-me para vir pois teria ajudas económicas através da bolsa de estudo. Então chegou a época das candidaturas para a faculdade e eu lá me candidatei, as minhas opções eram Matemática, Gestão e Economia para Coimbra e para Aveiro. E então com os 18 anos entrei para a minha primeira escolha, a Licenciatura de Matemática em Coimbra (FCTUC).

Um episódio que me marcou bastante foi a Viagem de Finalistas a Loret d'el Mar (no 12º ano) pois foi a primeira vez que estive fora de Portugal.

Durante todo o meu percurso escolar tive sempre colegas com bom comportamento e com mau comportamento. Lembro-me por exemplo que uns colegas



Hoje, dia 4 de Outubro de 2011, depois de uma manhã de aulas, eu, a Carla, a Tatiana e o Vítor almoçamos e de seguida fomos à Escola Quinta das Flores. Chegámos lá eram 14h50m. Eu não sabia, mas os meus colegas como tinham ido na outra visita à Escola já sabiam aonde nos tínhamos de dirigir. Na porta da escola não houve qualquer controlo quanto à entrada na escola. Não sei se será devido a não ser apenas uma escola como outra qualquer como também um conservatório de música.

Dirigimo-nos para a sala de trabalhos de professores. Enquanto esperávamos pelo Núcleo de Estágio havia alunos a passar pelo corredor. Primeiro passaram miúdos mais novos, talvez 5º ano, e depois miúdos mais velhos, talvez 11º ano ou até 12º ano.

Eram 15h quando o professor José Carlos Balsa e as estagiárias Ana Rita Salgado e Ana Filipa Gonçalves chegaram. Foram muito simpáticos a receber-nos.

Durante a sessão de “Seminário” disseram-nos o que se costumava falar nestas sessões, nomeadamente na avaliação.

Ficámos a saber que normalmente o Núcleo de Estágio à 2ªfeira não costuma trabalhar e à 6ªfeira à tarde logo que seja possível são dispensados para irem embora de fim-de-semana.

O Seminário normalmente começa pela leitura da acta da semana anterior, pois apesar do seminário ser à 3ªfeira, à 4ªfeira e à 5ªfeira apenas faz-se uma acta de tudo o que se tratou nessa semana.

Ao ler-se a acta por vezes detecta-se erros pois há erros que se detecta ao ouvir-se e não ao ler-se. Quem muitas vezes consegue detectar erros na acta ao ler a acta na diagonal é o Dr. Jaime segundo o professor Balsa.

Uma expressão importante que o professor Balsa disse foi “Ninguém nasce professor”. Falou também no plágio, na forma consciente ou inconsciente que os alunos hoje em dia fazem, para ele “mais valia citarem só o site”.

O professor Balsa informou que iria estar ausente alguns dias durante o mês de Outubro e disse às estagiárias para terem atenção aos alunos do 9º ano.

O professor Balsa disse-nos que não era de acordo com as aulas de revisões pois só era uma razão para os alunos tentarem saber o que iria sair nos testes. Para ele, “quem sabe sabe, quem não sabe também já não aprende” e eu pessoalmente acho que tem razão.



Outra expressão célebre que o professor disse foi “Os/As professores/as estagiários/as tem toda a liberdade e toda a responsabilidade para tudo”. O professor Balsa pediu à estagiária Ana Rita para ir ao telefone ligar para o 300 a pedir para ligarem para um certo número que ele lhe disse porque havia urgência em falar com uma pessoa que agora não me recordo o nome. Enquanto a estagiária lá foi ele disse sorrindo-se que não fossemos nós ficar a pensar que as estagiárias eram as secretárias dele, pois quando elas precisam de alguma coisa e lhe pedem ele está sempre pronto a ajudar, nomeadamente a editora dos manuais que eles adquiriram na escola para o 9º ano e o 10º ano MACS (as turmas que o professor Balsa e as estagiárias estão este ano a dar) queriam que as estagiárias pagassem os manuais e o professor Balsa fez de tudo para elas não os pagarem inclusive dizer que a escola nunca mais iria adquirir manuais deles. Pois isso resultou.

Após esta pequena conversa revê-se o que se iria dar na próxima 6ª feira dia 7 de Outubro às duas turmas. Ficou estabelecido que nas MACS iriam ter um exercício para resolver e que podiam fazer tudo menos falar, inclusive consultar o livro e o caderno. E falou-se também que o 9º ano iria começar os sistemas e que na 5ª feira dia 13 de Outubro iriam fazer fichas com exercícios de exames.

Após este encontro agradável demos por encerrado o “Seminário” da Escola Quinta das Flores pelas 17h15m.

.....

III- Desenvolvimento pessoal e profissional docente

Tema 1: A observação e análise de situações educativas

(EM RELAÇÃO AOS RELATÓRIOS)

1. Identificar três tipos de observação.

- Observação Ocasional versus sistemática
- Observação livre versus estruturada
- Observação participante versus não participante
- Observação directa versus indirecta

2. Distinguir dados observáveis de inferências.



Os dados observados e as inferências são duas fases importantes para o conhecimento de fenómenos que devem ser bem distinguidas.

A observação é um processo com duas fases: a descrição e a interpretação. O cérebro processa a imagem visual e praticamente de forma simultânea relaciona essa imagem com outras que estão armazenadas, atribuindo-lhe um sentido em função da relação estabelecida (inferências).

3. *Descrever dois fenómenos associados à observação.*

- Efeito de expectativa
- Teorias implícitas
- Efeito de Hawthorne
- Efeito de Halo
 - é a possibilidade de que a avaliação de um item possa interferir no julgamento sobre outros factores, contaminando o resultado geral;
 - é a interferência causada nos processos de avaliação de desempenho devido à simpatia ou antipatia que o avaliador tem pela pessoa que está sendo avaliada.
- Ansiedade
 - é uma característica biológica do ser humano, que antecede momentos de perigo real ou imaginário, marcada por sensações corporais desagradáveis, tais como uma sensação de vazio no estômago, coração batendo rápido, medo intenso, aperto no tórax, transpiração etc.
- O grau de envolvimento do observador pode também influenciar a observação

4. *Identificar duas estratégias de observação.*

Descrição e interpretação ???

5. *Identificar problemas que surgem na observação e análise de situações educativas. Questões éticas. (com base nas actividades de observação na escola)*

- O direito de não responder
- Não perguntar “em vão”. Verificar formas alternativas de recolher a informação

6. *Identificar duas estratégias de análise.*

- Abordagem quantitativa: (Quanto?)
 - são formas de medir acontecimentos, comportamentos, objectos de aula



- as definições e as categorias devem ser definidas de forma precisa
- Abordagem qualitativa: (Como?, Porquê?, Para quê?)
 - O observador vai para a aula com um objectivo geral de observação
 - Regista as ocorrências e acontecimentos e só posteriormente os reorganiza em temas
 - Permite o registo da complexidade da dinâmica da aula

IV – Outras questões do teste (escolhidas pelos alunos)

1. Como se encontra organizado o sistema educativo português?

O sistema educativo português organiza-se da seguinte maneira: Educação Pré-Escolar, Educação Escolar, Educação Extra-Escolar. A **Educação pré-escolar** é a primeira etapa da educação básica, destina-se a crianças entre os três anos e a idade de ingresso na escolaridade obrigatória e é ministrada em estabelecimentos de educação pré-escolar públicos e privados, com e sem fins lucrativos, instituições estas que asseguram actividades vocacionadas para o desenvolvimento das crianças. A **Educação Escolar** divide-se em: Ensino Básico, Ensino Secundário e Ensino Superior.

Vamos, no entanto, incidir mais acerca do Ensino Básico e da sua organização. O **Ensino Básico** inicia o percurso de educação formal que se deve prolongar num processo de formação ao longo da vida e os princípios orientadores da organização e da gestão curricular estabelecem que deve ser assegurada uma formação geral, comum a todos os alunos. Esta formação visa garantir o desenvolvimento dos interesses e das aptidões dos estudantes, promovendo a realização individual, em harmonia com os valores da cidadania. Ao longo dos três ciclos do ensino básico, a organização curricular contempla áreas curriculares disciplinares, formações transdisciplinares, áreas curriculares não disciplinares, actividades de enriquecimento curricular e educação moral e religiosa. O ensino básico compreende assim três ciclos sequenciais, sendo o primeiro de quatro anos, o segundo de dois anos e o terceiro de três anos, organizados da seguinte maneira: no primeiro ciclo, o ensino é globalizante, da responsabilidade de um único professor que pode ser coadjuvado em áreas; no segundo ciclo, o ensino organiza-se por áreas interdisciplinares de formação básica, desenvolve-se predominantemente em regime de professor por área; no terceiro ciclo, o ensino organiza-se segundo um plano curricular unificado, integrando áreas vocacionais diversificadas, desenvolve-se em regime de um professor por disciplina ou grupo de disciplinas.

O **Ensino Secundário**, por sua vez, encontra-se organizado em diferentes vias de educação e formação que incluem cursos científico-humanísticos – que contemplam a área das ciências e tecnologias, das ciências socioeconómicas, das línguas e humanidades e das artes visuais e que visam preferencialmente o prosseguimento dos estudos - cursos profissionais, tecnológicos e do ensino artístico especializado – que visam uma orientação mais directa para a vida activa, que permite também o prosseguimento de estudos - e cursos com planos de estudo próprios.



2. *Quais os objectivos do Ensino Básico e Ensino Secundário?*

Tal como foi referido anteriormente, o ensino básico compreende três ciclos sequenciais e o ensino secundário está organizado em diferentes vias de educação e formação.

O **ensino básico** tem como objectivos:

- Assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social assegurando também o equilíbrio entre o saber e o saber fazer, a teoria e a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano;
- Proporcionar a aquisição dos conhecimentos essenciais que permitam a continuação de estudos e facilitar a aquisição e o desenvolvimento de métodos e instrumentos de trabalho pessoal e em grupo, valorizando a dimensão humana do trabalho;
- Fomentar a consciência nacional aberta à realidade concreta numa perspectiva de humanismo universalista, de solidariedade e de cooperação internacional e desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e cultura portuguesas;
- Criar nos alunos atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante;
- Proporcionar a aquisição de atitudes autónomas, visando a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária;
- Assegurar às crianças com necessidades educativas específicas, devidas, designadamente, a deficiências físicas e mentais, condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades;
- Fomentar o gosto por uma constante actualização de conhecimentos e criar condições de promoção do sucesso escolar e educativo a todos os alunos

No que diz respeito ao **ensino secundário**, os objectivos são:

- Assegurar o desenvolvimento do raciocínio, da reflexão e da curiosidade científica e o aprofundamento dos elementos fundamentais de uma cultura humanística, artística, científica e técnica que constituam suporte cognitivo e metodológico apropriado para o eventual prosseguimento de estudos e para a inserção na vida activa;
- Fomentar a aquisição e aplicação de um saber cada vez mais aprofundado assente no estudo, na reflexão crítica, na observação e na experimentação;
- Formar, a partir da realidade concreta da vida regional e nacional, e no apreço pelos valores permanentes da sociedade, em geral, e da cultura portuguesa, em particular, jovens interessados na resolução dos problemas do País e sensibilizados para os problemas da comunidade internacional;
- Facultar contactos e experiências com o mundo do trabalho, fortalecendo os mecanismos de aproximação entre a escola, a vida activa e a comunidade e dinamizando a função inovadora e interventora da escola;



- Favorecer a orientação e formação profissional dos jovens, através da preparação técnica e tecnológica, com vista à entrada no mundo do trabalho;
- Criar hábitos de trabalho, individual e em grupo, e favorecer o desenvolvimento de atitudes de reflexão metódica, de abertura de espírito, de sensibilidade e de disponibilidade e adaptação à mudança.

3. *Até que ponto o uso das novas tecnologias, por parte dos professores, pode beneficiar a aprendizagem dos alunos?*
4. *As últimas décadas têm sido férteis na invenção de novas tecnologias de tal maneira que a base de conhecimentos adquiridos na escola deixou de ser suficiente para a perceber, tornando-se necessário apostar numa formação ao longo da vida. Que medidas são necessárias impor nas metodologias de ensino, no currículo e nos conteúdos programáticos para poder acompanhar esta nova era tecnológica?*

Poster sobre os dados históricos sobre o Sistema Educativo (SE)

Realidade Escolar I

Sistema Educativo Português

- Criação de cursos de pós-graduação;
- 3ª República
- 1º período: 35 de Abril de 1974 a Julho de 1976
- ⇒ Após o 25 de Abril assegurou-se o cumprimento da escolaridade obrigatória de 6 anos decretada em 1966;
- ⇒ O aumento da rede escolar, preferencialmente ao ensino preparatório directo, ao ciclo preparatório TV, com o consequente declínio do ciclo complementar do ensino primário;
- ⇒ Unifica-se o 7º, 8º e 9º anos sem os tornar obrigatórios.

- 2º período: Julho de 1976 a 1986
- ⇒ Todos os cidadãos devem ter direito a um nível mínimo de educação básica, obrigatória e gratuita;
- ⇒ A CRP reconhece que compete ao Estado promover a Educação Básica e Universal;
- ⇒ A inexistência de uma Lei de Bases actualizada tornou difícil o combate ao abandono e insucesso escolar.
- 1986 à actualidade

▶ Dados históricos sobre o Sistema Educativo (SE)



Dados históricos do Sistema Educativo Português

- O primeiro ensino público não superior só surgiu em 1955, introduzido pelos Jesuítas em Coimbra, Lisboa e Évora.

Reforma Pombalina

- Expulsão dos Jesuítas, extinguem-se todas as classes e escolas;
- Primeira tentativa de um ensino oficial a nível primário (masculino);
- Em 1836, Passos Manuel cria o ensino primário obrigatório (não gratuito) de 3 anos;
- Em 1844, existe o ensino primário obrigatório e gratuito.

Reforma de Dezembro de 1901

- O ensino primário é dividido em 4 classes:
 - ⇒ 1º grau: 3 anos de ensino primário obrigatório e gratuito;
 - ⇒ 2º grau: 1 ano para admissão ao ensino liceal, não obrigatório e não gratuito;

(Criou-se uma série de castigos para os anal-fabetos.)



1ª República (1810-1828)

- 1ª Reforma (1811):
 - ⇒ Ensino Primário dividido em 3 níveis: Elementar (3 anos obrigatório), Complementar e Superior
- 2ª Reforma (1818):
 - ⇒ O ensino obrigatório passa a ser 5 anos (Ensino Elementar e Complementar);
- Projecto Camoesas (1823):
 - ⇒ Ensino Infantil: não obrigatório e gratuito
 - ⇒ Ensino Primário: 8 anos obrigatório e gratuito

Esta reforma nunca chegou a ser implementada.

2ª República

- Redução do ensino para 3 anos;
- Proibido o Regime de Coeducação;

- Em 1958, o ensino obrigatório voltou a ser de 4 anos, para em 1987 incluir o ciclo preparatório;
- O ensino secundário era de 7 anos, divididos em 3 ciclos;
- Em 1980, a escolaridade obrigatória passa para 4 anos;
- O decreto-lei prevê que o prolongamento da escolaridade obrigatória para 8 anos é de 1984, do ministro Calisto Tanzi;
- Manifestações estudantis;
- Endurecimento do regime;
- José Hermano Saraiva era o ministro da Educação durante o primeiro governo de Marcelo Rebelo de Sousa;

Lei Veiga Simão (1973)

- Criação da educação pré-escolar oficial;
- Abaixamento do nível etário de ingresso ao ensino primário;
- Aumento da escolaridade obrigatória para 8 anos;
- Modificações no ensino secundário, acrescentando um ano à sua duração;



5.2. Segunda Frequência

2ª Prova de avaliação de Realidade Escolar I

Pergunta 1:

O Projecto Curricular de Turma é uma adequação do currículo definido para a escola ao contexto de cada turma. A construção deste é feita pelo conselho de turma, sob a coordenação do director de turma. O PCT (projecto curricular de turma) deve ser composto por: Caracterização da turma, Estabelecimento de prioridades educativas, Articulação entre as diferentes áreas disciplinares/ disciplinas sobre as competências essenciais a adquirir pelos alunos e os modos operativos de as concretizar e Critérios e instrumentos de avaliação.

Um Projecto Curricular de Turma deve abordar os seguintes tópicos:

- Caracterização da turma:

A caracterização de uma turma deve ser feita com base em dois princípios: em termos sócio-familiares e escolares (com base num inquérito biográfico) e em termos escolares.

Em relação aos termos sociofamiliares e escolares, estes são descritos pela Caracterização do grupo/turma e também individual. É feito então um estudo dos dados pessoais, onde tratam o sexo, a idade, a ocupação dos tempos livre e os problemas de saúde dos alunos; estudam também os dados familiares, isto é, pessoas com quem vivem, nº de irmãos, idade e habilitações dos pais, como também as suas profissões. Os dados escolares são os que se destacam mais, são estudados os encarregados de educação, o tipo de transportes que utilizam para se deslocar à escola, como também o tempo despendido, a hora de saída e chegada a casa. Tratam também da proveniência dos alunos em relação às turmas, o número de retenções do aluno e o seu aproveitamento escolar em anos anteriores, disciplinas preferidas, os seus métodos de estudos e a frequência deste, se beneficiam ou não de acção social e por último se existem projectos que os alunos gostariam de concretizar. Para rematar a caracterização é importante salientar que as perspectivas em relação ao futuro também são importantes,



ou seja, as razões e interesses para continuar os estudos e as profissões ambicionadas pelos alunos (por áreas de estudo).

Nos termos escolares, evidenciam-se as especificidades escolares a nível individual, isto é, estudam quais os alunos que beneficiaram de Plano de Recuperação no ano anterior e as principais medidas implementadas, investigam quais os alunos que devem ter um plano de acompanhamento para o ano actual, sabendo se tiveram ou não no ano anterior e quais principais medidas a implementar e/ou aulas de Recuperação. Fazem a contagem de retenções de cada aluno do seu percurso escolar e quais foram as disciplinas que levaram a sua reprovação.

- Uniformização de atitudes/ critérios pedagógicos
- Identificação de problemas/ necessidades

É aqui que por vezes se identifica a turma em termos de hábitos e métodos de estudo, do trabalho/estudo feito em casa (por parte dos alunos), a existência ou não da concentração durante as aulas, da dificuldade ao nível do domínio da Língua Portuguesa, se tem o hábito de fazerem o trabalho de casa ou não.

- Competências gerais a privilegiar/operacionalização transversal
- Operacionalização específica
- Planificação do trabalho a desenvolver pelos professores das áreas curriculares disciplinares e não disciplinares

Aqui é importante saber os temas e subtemas que cada professor vai leccionar na sua área curricular, as competências que os alunos terão de adquirir, as actividades e as estratégias que o professor vai usar, que recursos vão utilizar, os custos que irá suportar, a calendarização das actividades e a avaliação que irá fazer.

- Alunos com necessidades educativas especiais

Aqui é importante saber quais são os alunos com necessidades educativas especiais, para saber que plano se deve fazer para esses alunos.

- Critérios de avaliação



O critério de avaliação de cada disciplina é feito pelo próprio docente da disciplina ou conjunto de docentes de cada disciplina.

- Plano de actividades da turma (síntese)

Aqui é mencionado o plano de actividades previstas que a turma irá realizar durante o ano lectivo, ou seja, é enumerado as actividades que vão ser realizadas (ou previstas serem realizadas) com a sua respectiva data de realização prevista.

- Avaliação

Quanto à avaliação é preciso decidir as formas e estratégias de avaliação.


Neste aspecto deve ficar definido como fazer, registar e apresentar a avaliação uma vez que esta é pessoal pelo que cabe a cada professor/a, autonomamente, definir se os registos são pontuais, descritivos, diários, se usa grelhas ou registos de observação, enfim, todos os aspectos relativos à avaliação. Deve constar de que forma se vai realizar a avaliação diagnóstica, formativa e sumativa, isto é, independentemente das normas de cada agrupamento no que diz respeito à avaliação a partilhar com os encarregados de educação, cada professor/a goza, mais uma vez, de autonomia sobre a forma de como chegar lá. Devem igualmente ser contempladas a auto e hétero-avaliação dos alunos e definida de que forma se vai processar esta avaliação.

Para a realização deste PCT é necessário ter em conta o Decreto-Lei 6/2001.

Anexos possíveis para o PCT serão as pautas das notas do 1º, 2º e 3º período e as grelhas de planificação de cada uma das áreas curriculares e as planificações das áreas curriculares.


Pergunta 2:





Educação Especial
em Portugal

Educação Especial



- O conselho executivo pode, sempre que seja necessário, recorrer aos centros de saúde, a centros de recursos especializados, ou até às escolas;
- Do relatório técnico-pedagógico constam os resultados decorrentes da avaliação, obtidos por referência à Classificação Internacional da Funcionalidade, Incapacidade e Saúde, da Organização Mundial de Saúde, servindo de base à elaboração do programa educativo individual;
- O relatório técnico-pedagógico a que se referem os números anteriores é parte integrante do processo individual do aluno;
- A avaliação deve ficar concluída 60 dias após a referência com a aprovação do programa educativo individual pelo presidente do conselho executivo;
- Quando o presidente do conselho executivo decide pela não aprovação, deve examinar despacho justificativo da decisão, devendo reenviá-lo à entidade que o tenha elaborado com o fim de obter uma melhor justificação ou enquadramento.



Trabalho elaborado por
Tiana Lopes

- Processos de avaliação:
- As crianças com educação especial, compete ao conselho executivo desenhasar os procedimentos seguintes:
 - ⇒ Solicitar ao departamento de educação especial e ao serviço de psicologia um relatório técnico-pedagógico conjunto, com os contributos dos restantes intervenientes no processo, onde sejam identificadas, nos casos em que tal se justifique, as razões que determinam as necessidades educativas especiais do aluno e a sua tipologia, designadamente as condições de saúde, doença ou incapacidade;
 - ⇒ Solicitar ao departamento de educação especial a determinação dos apoios especializados, das adequações do processo de ensino e de aprendizagem de que o aluno deva beneficiar e das tecnologias de apoio;
 - ⇒ Assegurar a participação activa dos pais ou encarregados de educação, assim como a sua anuência;
 - ⇒ Homologar o relatório técnico-pedagógico e determinar as suas implicações;
 - ⇒ Nos casos em que se considere não se estar perante uma situação de necessidades educativas que justifique a intervenção dos serviços da educação especial, solicitar ao departamento de educação especial, solicitar ao departamento de educação especial, solicitar ao departamento de educação especial e aos serviços de psicologia o encaminhamento dos alunos para os apoios disponibilizados pela escola que melhor se adequem à sua situação específica;



Principais princípios

Os princípios da Educação Especial na actualidade:

• A educação especial prossegue, em parceria com os pais, a inclusão dos alunos e a sua aprendizagem, de modo a não discriminação e do combate à exclusão social, de igualdade de oportunidades no ensino e sucesso educativo, da participação dos pais e da comunidade;

• Não se trata de criar escolas ou instituições, mas de assegurar que os alunos com necessidades especiais tenham acesso ao ensino regular, de modo a não discriminação e do combate à exclusão social, de igualdade de oportunidades no ensino e sucesso educativo, da participação dos pais e da comunidade;

• As crianças e jovens com necessidades educativas especiais de carácter permanente gozam de prioridade na matrícula, tendo o direito, nos termos do presente decreto-lei, a frequentar o jardim-de-infância ou a escola nos mesmos termos das restantes crianças;

• As crianças e os jovens com necessidades educativas especiais de carácter permanente têm direito ao reconhecimento da sua singularidade e à oferta de respostas educativas adequadas;

• Toda a informação resultante da intervenção técnica e educativa está sujeita aos limites constitucionais e legais, em especial os relativos à reserva da intimidade de os pais, família e ao tratamento automático, confidencial, transmissão, utilização e protecção de dados pessoais, sendo garantida a sua confidencialidade;

• É de carácter obrigatório ao dever do sigilo dos membros da comunidade educativa que tenham acesso à informação referida no número anterior.

Objectivos

Os objectivos da educação especial são:

• O presente decreto-lei define os objectivos especializados a prestar na educação regular e dos alunos biótipo e secundário dos sectores público, particular e cooperativo, visando a igualdade de condições para a aquisição do conhecimento e a participação nas actividades educativas especiais dos alunos com necessidades educativas especiais de carácter permanente, significativas ao nível da actividade da participação num ou vários domínios de vida, decorrentes de alterações físicas e estruturais, de carácter permanente, resultando em dificuldades continuadas ao nível da comunicação, da aprendizagem, da mobilidade, da autonomia, do relacionamento interpessoal e da participação social;

• O presente decreto-lei tem por objectivos a inclusão educativa e social, o ensino e sucesso educativo, a autonomia e a participação social, bem como a promoção da igualdade de oportunidades, a preparação para a vida profissional e para uma adequada preparação para a vida cívica e social, bem como a participação social, bem como a promoção da igualdade de oportunidades, a preparação para a vida profissional e para uma adequada preparação para a vida cívica e social, bem como a participação social, bem como a promoção da igualdade de oportunidades, a preparação para a vida profissional e para uma adequada preparação para a vida cívica e social.

I Seminário de Educação Especial



"A Inclusão do Aluno Especial no Ensino Regular"

Caracterização dos processos de referência e de avaliação

Processos de referência:

- A educação especial pressupõe a referência das crianças e jovens que eventualmente necessitem, a qual deve ocorrer o mais precocemente possível, deturando as rotinas de início associadas às limitações das funcionalidades;
- A referência efectua-se por iniciativa dos pais ou encarregados de educação, dos docentes de intervenção precoce, dos docentes dos cursos técnicos ou serviços que intervêm com crianças ou jovens ou que tenham subscrito o eventual acréscimo de necessidades educativas especiais;

- A referência é feita nos órgãos de referência e gestão das escolas ou estabelecimentos de ensino da área da educação, bem como o encaminhamento de um documento onde se explicitam as razões que levaram à referência e a situação da criança toda a documentação necessária em anexo para o processo de avaliação.



FCTUC FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA



6. ENTREVISTA

Entrevista ao Dr. Jaime

TL: Boa tarde, antes de mais gostaríamos de agradecer a sua participação e disponibilidade e pedimos desculpa estas alterações, quanto à entrevista. Autoriza a gravação da entrevista?

J: Sim senhor.

TL: Teremos então todo o gosto...

J: Mas se vocês venderem depois a fita, quero uma percentagem sobre os lucros, ok?

TT: Com certeza.

J: Não é fita, é um CD, um DVD.

TL: Teremos então todo o gosto de a facultar quando esta estiver transcrita. Queremos ainda salientar que toda a informação concedida será ainda confidencial....a realização desta entrevista foi-nos proposto pela disciplina de Realidade Escolar com a finalidade de entrevistar um formador de professores com o objectivo de conhecer o seu percurso académico e profissional como professor e como formador de professores. A escolha recaiu sobre o professor Jaime porque além de ser nosso formador enquanto futuros professores consideramos também que a experiência e trabalho desenvolvido na área educacional contribuem em muito na nossa investigação sobre o papel de formador de professores. Deseja saber mais alguma coisa sobre o trabalho?

J: Não, eu já os conheço de ginjeira. E também à Dra. Piedade que é...que faz sempre estas coisas diferentes e dinâmicas e uma pessoa acho que tem de colaborar não é? Não é importante para vocês penso eu, uma coisa muito completa mas o simples facto de fazerem uma coisa nova. Para vocês é novo não é?



TT: Sim é a primeira vez...

J: Será importante essa experiência como professor e obviamente que eu estou sempre pronto a colaborar...adiante

TL: Vamos então dar início à entrevista?

J: Sim senhor!

TS: Então nós gostávamos de saber o que o motivou a escolher a profissão, tanto como professor como mais tarde como formador de professores

J: Ora bem, pode ser surpreendente mas eu não queria ser professor, eu quando terminei o meu ensino secundário estava muito hesitante no que é que haveria de fazer...Os meus pais queriam que eu fosse para engenharia, o que é uma área tradicionalmente bem considerada etc. mas eu não gostava muito de Física. É um bocado difícil uma pessoa ir para alguma engenharia com um certo azar à Física ... E eu disse não eu quero ir para matemática e quero ser investigador, não quero ser professor... Depois os meus pais foram pedir opinião a outras pessoas e disseram não é muito importante eu estar motivado para aquilo que faz que se quer fazer isso é esse curso que deve fazer e os meus pais então um pouco a contra gosto autorizaram que eu fosse para matemática. Ora eu não queria ensinar, porquê? a imagem que eu tinha da profissão era aquilo que eu via dos meus professores do básico e secundário que era o liceu, os meus professores de liceu que desde do agora do 5ºano de escolaridade era o 1º ano do liceu e agora o 11ºano de escolaridade era o 7 e último ano de liceu, não havia 12ºano. Portanto, eu conhecia aqueles professores de matemática e dos outros e... antes do 25 de Abril não era muito alegre ser aluno porque os castigos físicos eram comuns, eu levei reguadas na escola primária por não ter feito o trabalho de casa, não ter decorado a tabuada e coisas assim... eu depois no liceu não tive grandes problemas mas eu vi os meus colegas, o que mais me choca num aluno era que não sabia quanto era 1 levantado a 23 e o professor a querer que ele visse e batia-lhe dava-lhe pontapés batia-lhe com a cabeça no quadro faz lá a conta , ele fazia $1*1$, quanto é que é $1*1?1.1*1?$ A certa altura, pronto continua, a mim deu-me 12, bom, ser professor nestas condições é deprimente porque havia e ainda há um pouco a ideia de que ensina-se e aquilo fica logo aprendido e portanto quem não sabe é porque está a gozar com o professor leva na cara, presta



atenção... Não resultava, havia alunos muito fracos, que eu não sei se eram muito fracos ou se estavam por fora que os professores batiam-lhe, que não era uma coisa que me emocionasse... eu não gostava de ser professor, aquilo que eu vi, eu não gostava depois vim para a... o superior e eu não tive muita sorte, a minha geração não teve muita sorte, tivemos maus professores essencialmente. Agora há muito melhores professores, vocês podem criticar o que quiserem nos professores mas não conheceram aqueles que eu tive, os que havia no meu tempo, eu não tive praticamente nenhum professor doutorado a dar-me teóricas... e na universidade eu também não gostei muito, claro que houve alguns professores que me marcaram e que me estimularam e que fizeram o que era muito raro, trabalhos como vocês tão a fazer são cada vez mais comuns e a começar cada vez mais cedo, eu lembro-me que o Dr. Balsa, o orientador de estágio com quem eu costumava trabalhar dizia que os alunos chegavam à escola e nem sequer tinham ouvido falar da lei de bases do sistema educativo. Da escola sabiam zero. Iam completamente em branco e no ano de estágio é que tinham de aprender tudo, como é que tudo funcionava e portanto agora as coisas são diferentes... Mas, houve alguns professores que me estimularam a fazer trabalhos por fora, a fazer outras coisas, eu ajudei, logo no meu 1º ano, eu e uma colega minha, a Dra. Dina, não sei se vocês tiveram mecânica, eu e a Dra. Dina fizemos uma sebenta de álgebra linear. Não foi grande coisa, alunos de 1º ano a fazerem uma sebenta para o 1º ano para a cadeira que estão a dar, porque não havia por onde estudar, hum, em Língua Portuguesa não havia. A sebenta não pode ser grande coisa mas para nós foi um grande estímulo depois no 2º ano fiz uma outra sebenta, não, no 2º ano não, no 2º ano não, foi no 3º ano fiz uma sebenta de álgebra para o 2º ano de álgebra, aí já tinha um ano de experiência mas houve pessoas que estimularam e acompanharam para fazer isso e eu comecei a aperceber-me do seguinte... Eu posso saber muita matemática e coisas muito interessantes que se eu não digo a ninguém tem metade da piada. Vou dizer, ahhh que piada mas depois não digo a ninguém, ora se vos contar a vocês são logo duas que também vão achar piada e já somos três pia dísticos e portanto comecei a prestar muita atenção à comunicação, pronto e depois fui tendo outras experiências que me reforçaram o interesse pela comunicação, um professor é um comunicador mas não é só o professor, os políticos também são os comunicadores, há comunicadores a muitos níveis e eu quando vou a uma escola básica ou secundária fazer uma conferência aos



alunos não estou a ser professor, não estou a ser político mas também estou a comunicar e convém que eu domine as técnicas de comunicação e quando uma pessoa consegue ir a uma escola, alunos que não conhece e os professores estão cheios de medo, ai eles vão-se portar mal, eu peço já desculpa porque estes alunos são impossíveis, isto, aquilo e acolotro e depois no fim eles estão ali calados pronto uma ou outra vez que tenha algum problema estão ali calados com atenção e no fim ainda batem palmas, porreiro funcionou, não é? O plano que eu delinieei funcionou eu pus os alunos a gostarem mais um bocadinho de matemática... portanto foi progressivamente que eu fui gostando de ser professor e agora acho uma coisa natural mas eu tinha uma ideia porque eu via apenas a superfície, eu estava numa aula como aluno, eu nunca estive numa aula como professor e sobretudo a violência sobre os estudantes... no fundo eu via que os professores não os respeitavam muito os professores, não ligavam muito àquilo, a matéria...eu tinha que aprender coisas horríveiseu tinha que saber de cor todo o aparelho digestivo da minhoca, quer dizer para já a minhoca é uma coisa um bocado nojenta e inda por cima eu nunca fui para os lados das biológicas ...apesar de ter havido um outro professor que me estimulou nisso e ate andei.. até fiz...até dissequei uma rã na altura em que isso não se fazia nas aulas, havia um clube de ciências só que as rãs não tem sangue vermelho tão a perceber , não é tão nojento como outra bicharada e não desmaio quando vejo sangue mas custa um bocado né? Mas portanto, ser professor para mim tornou-se sinónimo de comunicar coisas que eu gosto para ver se outras pessoas também gostam, porque o que eu gostava era de matemática apesar do meu tempo de secundário não haver praticamente livros de divulgação, havia dois livros de divulgação da matemática que ainda guardo ai religiosamente, por acaso tenho aí um deles, aqui no gabinete e que me abriram outros horizontes para além da escola que me fizeram gostar mais de matemática ou secalhar foi por causa disso que eu acabei por me entusiasmar pela matemática. Quando uma pessoa diz eu quero ser professor, mas de quê? Eu secalhar seria um péssimo professor de Física eu não gosto muito daquilo, acho alguma piada não é mas, tenho dificuldade com os electrões, a voltagem, eu nunca percebi o que é que era a voltagem, a intensidade da corrente e a diferença...mas então a intensidade são os electrões então o que é o resto, quer dizer, os electrões que andam para lá que nunca ninguém viu os electrões não é, mas as pessoas acreditam que aquilo está povoado de electrões... e tal...se me pusessem a ser professor de educação visual, eu as



piores notas que tive foi a desenho, não é? Nunca tive nenhuma negativa porque os professores tinham pena de mim, da única negativa ser a desenho, não é? Mas, por outro lado, eu já durante 4 anos fui treinador de basquetebol nos Olivais e gostei, gosto de basquetebol e acho que ser treinador é ser professor e tem muita semelhança com ser professor de matemática mas lá está, uma coisa que uma pessoa gosta a tentar passar a outros, partilhar, fazer com que os outros passem a ver também aquilo que nós estamos a ver, ou pelo menos se não gostem muito considerem que aquilo é uma área importante, interessante, portanto ser professor só para arranjam um emprego e receberem um ordenado no fim do mês infelizmente há algumas pessoas mas isso assim não resulta porque depois tem tendência a não se preocupar, eu estou a falar contigo eu quero que tu me entendas, se eu sou só um professor de ordenado eu falo tu ouves ou não, não quero saber desde que me dêem o ordenado ao fim do mês, não é? Agora eu estou a fazer qualquer coisa, depois quero ver se resultou ou não, se eu tenho uma cadeira e 20% de aprovações eu fico preocupado se eu realmente quiser que os outros aprendam, fiquem a saber alguma coisa.

TL: Qual a sua formação como professor e formador de professores?

J: Bom, eu, eu acho que comecei a minha formação sendo um aluno reguila e criticando para os meus botões ou a terceiras pessoas que as coisas que eu via não seriam aceitáveis mesmo que eu não soubesse o que é que seria aceitável... eu depois fui preparar o doutoramento para Paris e estive a assistir a algumas aulas e chocou-me a diferença de comportamento das aulas a que eu assisti para o comportamento usual aqui ... eu fui aluno de um professor, de um grande matemático francês, medalha fills e tal, que a aula dizia, mas vocês perceberam? Vocês estejam à vontade, eu não tenho nenhum interesse em avançar se vocês não percebem isto e isto é essencial para o que eu vou dar a seguir, quando eu depois estiver lá adiante não me venham dizer que afinal não perceberamuma pessoa que não esteja muito preocupado em chegar ao fim, que não esteja preocupado em que os alunos entendam mesmo o grande matemático podia falar de costas que continuava a ser grande matemático mas não ele preocupava-se que os alunos percebessem, entendessem e que conseguissem acompanhar a disciplina dele e eu pensei, isto sim, isto agrada-me não é? Portanto, fui fazendo na minha ideia o que deve ser um professor pela observação porque como vocês sabem no ensino superior, o



professor do ensino superior, o professor não tem nenhuma formação nem para ser professor nem para depois formar professores e portanto observa, analisa, só que isso também não chega, então eu desde muito cedo passei a ir a congressos de vários assuntos, eu nunca fui só a um congresso de uma especialidade, a minha área de doutoramento é análise mas eu fui a congressos e seminários de análise, mais concretamente equações diferenciais mas fui a outras coisas, tentei ver outras coisas, outras áreas da matemática, conferências que sejam suficientemente generalistas e ultimamente no departamento de matemática, nos últimos anos tem provindo o que chama de Colóquio do Departamento é como uma conferência a nível avançado mas que é acessível para além dos especialistas, não é só para os especialistas daquela área, mas sim para qualquer pessoa que tenha conhecimentos avançados de matemática e uma pessoa começa a formar mais ideias e eu nunca fui só a congressos exclusivamente científicos fui a todo o tipo de congresso só educacionais, podem ser coisas mistas, de vez em quando aparecem congressos que são inclassificáveis e eu quando estive em Paris assisti a um congresso chamado Matimatic advenir, ou seja, a matemática que há-de vir e discutia tudo desde as necessidades dos alunos do primário até às necessidades de investigação que vai acontecer, o que é mais prevemos que aconteça no futuro, em França, era um congresso francês só para a realidade francesa e aí discutem-se muitos problemas o que é que é problema, o que não é problema, o que é que poderá vir a agravar-se... e uma pessoa começa a pensar em toda a estrutura e em que, qual é o papel exactamente que o professor de cada nível de ensino mas não olhando só para o professor olhando para o conjunto, vendo novas ferramentas. Eu desde há muito tempo, está ali um livro de uma coisa dessas, que fui a um congresso chamado computadores e matemática, já há mais de 20 anos, no tempo em que os computadores ainda eram pesadões e uma pessoa começa a ver, e...isto tem futuro e o que é que vai acontecer no futuro? Agora eu já sei o que aconteceu no futuro, mas à 20 anos atrás não sabia e continuo a não saber no futuro de hoje o que vai acontecer, não é? Se vão ser estes brinquedinhos que se vão tornar as ferramentas do uso generalizado ou não, mas que o futuro vai ser diferente vai e, portanto uma pessoa começa a pensar, se o futuro vai ser diferente então eu não posso preparar os professores só para aquilo que nós conhecemos hoje tem de haver qualquer coisa que lhes dê a capacidade de enfrentarem, de absorverem os novos desafios portanto, é a observação crítica, no meu caso, e a ida ou o



contacto, ou assistir a conferências de especialistas muito variados, eu não vou só atrás de só uma corrente ou só uma ideia e tanto preocupar-me em ouvir os mestres, uma pessoa aprende é com os mestres, não é com os repetidores, não é com as pessoas que estão num congresso científico que a ler uma comunicação a balbuciar ou a falar nhumnhumnhinhummm... assim não uma pessoa tem de se preocupar na oportunidade de ouvir falar fulano tal e vamos embora, vamos ouvir neste congresso falou fulano tal eu já ouvi uma conferência do Andrew Wiles, o que demonstrou o último teorema de Fermat, aaaaaaaaahhhhhhhhhh já posso morrer descansado, é essa sensação de uma pessoa saber o que é que pode tirar de cada um e ir construindo o seu conhecimento e pensar, ok eu agora estou envolvido na formação de professores, o que é que um futuro professor precisa de saber? Não é uma coisa que se leia só nos livros, não é uma coisa que se leia só em pensar cinco minutos antes, não é só da nossa experiência há um conjunto de coisas que é importante e agora que estou no IDMI tenho muito mais coisas variadas e eu acho isso essencial para a formação tanto inicial como contínua de professores, inicial por um lado diversidade de disciplinas que vocês têm, antigamente não era assim, vocês tem muita sorte, têm um plano de estudos muito mais virado para as necessidades de perspectivas que são os professores e depois haver ofertas da formação contínua que permitamos professores contactem as coisas com o parecer novo e se acharem que não tem futuro que não tem viabilidade, ok eu conheço isto mas eu escolho não fazer porque acho que fica melhor, ora uma pessoa dizer, eu não uso, eu nem sei o que isso é? E isso não pode ser, ter capacidade para ver, querer ver ter ...digamos a sentir a necessidade de conhecer o que está à sua volta para depois planificar cada aula, cada unidade didáctica, claro que por exemplo, actualmente há muita oferta em termos de formação contínua de professores, mas deviam ser os professores a tarem na primeira linha e exigirem ter formação contínua porque precisam dela, acham que precisam dela, eu acho que não é possível passar sem a formação contínua, uma pessoa pode atingir muito bom nível mas pode num ano aquilo ter uns resultados fantásticos, ter uma extraordinária interacção com os alunos e depois aquilo escambar que não acertou com o giz certo, ficou surdo aos finais do tempo e os alunos já estão noutra e a outra esta na mesma que teve sucesso antes mas que não garante o sucesso que venha a seguir.



TL: Como tem sido o seu percurso profissional como professor? E depois como formador de professores?

J: Competência? O que é isso?

TL: Percurso profissional.

J: Qual é o meu percurso?

TL: Sim.

J: Tenho estado em Coimbra desde que nasci, quer dizer desde que me formei, não antes, antes de terminar a licenciatura já era monitor e estou cá desde então...

TL: Mas sempre na universidade? Ou ensino básico em outras escolas

J: Ah! Ok. Houve um ano que eu dei o equivalente ao 12º que é o chamado ano zero, houve uma universidade católica na Figueira da Foz e eu fui lá dar a matemática do ano zero, portanto o que eu dei foi o programa de 12ºano, houve um ano que formalmente dei o 12ºano, assim formalmente nunca estive a dar outra coisa, dei noutras alturas, tenho experiência de outras alturas de ensinar francês, já ensinei francês, era uma escolas que já não existe que funcionava a horas pos-laborais para permitir pessoas de já certa idade podessem ter os diplomas visto que não tinham tido a oportunidade de andar na escola e calhou a ensinar francês e não matemática, também já fiz no tempo em que havia tele-escola que era dava-se equivalente ao 5º e 6º de escolaridade funcionava ali no Tovim um posto de tele-escola eu fui lá varias vezes substituir a minha mãe que acumulava, que era professora primária e dava 5º e 6º da tele-escola mas depois não podia lá ir e aquilo era sempre transmitido por televisão, fui lá dar umas aulas na tele-escola, depois quando fui aos EUA dei cadeiras na Universidade do Arizona variadas nomeadamente numa disciplina chamada pré-cálculo que é equivalente ao nosso 12ºano, as estruturas dos EUA é uma coisa muito esquisita, os alunos podem ter no ensino secundário disciplinas que depois são reconhecidas e creditadas no ensino superior e vice-versa podem ter no ensino superior disciplinas que são pré-requisito para as disciplinas do ensino superior e que não tiveram no ensino secundário, pré-cálculo é uma disciplina de ensino secundário mas os alunos podem não ter tido então a universidade oferece e eu dei pré-cálculo que na terminologia americana significa



essencialmente funções, com uma abordagem algébrica sem limites e derivadas, gráficos de funções, propriedades das funções, proporções algébricas, transformações de gráficos e coisas semelhantes e pronto de resto tenho dado muitas conferências em escolas básicas e secundárias, também 1º ciclo, todos os ciclos de ensino e dando algumas aulas de vez em quando, mas aulas singulares nos núcleos de estágio, eu vou lá e dou uma aula não necessariamente integrada na planificação, por acaso no ano passado dei uma aula sobre o 10º ano, sobre... o início sobre as coordenadas no espaço, dei a primeira aula de coordenadas no espaço, pronto é isso o meu percurso.

TS: E em termos das diferenças entre ser professor e ser formador de professores? As diferenças e semelhanças...

J: Eu acho que não há diferenças essenciais ser professor do 1º ciclo, do 2º ciclo, do 3º ciclo, do secundário ou do superior obviamente noutro país há sempre diferenças mas as diferenças não são essenciais quando temos um auditório há e eu também já fiz conferências para pais e conferências para pessoas em geral sem ligação à escolaridade de preferências matemática e portanto uma pessoa tem de pensar quem é o auditório? Quem está à minha frente? O que é que eles tipicamente saberão? Há muitos temas que eu dei em conferências que são o mesmo tema mas uma conferência diferente porque o auditório é diferente portanto formar professores ou formar alunos ou fazer uma conferência de divulgação para um público em geral no fundo é a mesma coisa, é comunicar, a diferença está é que nós damos coisas diferentes porque o auditório e os objectivos são diferentes, eu dar uma aula ou fazer uma conferência de divulgação não é a mesma coisa mesmo que o auditório seja o mesmo mas quando eu estou como quando dei essa primeira aula de coordenadas no espaço estou integrado num esquema então tenho de encaixar, se eu estou a fazer como já fiz mais do que uma vez uma conferência sobre o dia do pi apesar do pi ser um tema curricular eu não preciso do currículo para nada, eu faço algo autocontido mas podem ser os mesmos mas aquilo que eu comunico tem objectivos diferentes e portanto organizo de forma diferente, formar professores ou formar alunos é formar, é comunicar e portanto acho que gostar de um é gostar de outro, é automático. Se uma pessoa começa a não gostar de comunicar há aí algum problema e provavelmente ira ser muito útil como consultor vai a uma escola analisa uma situação e faz um relatório e aconselha isto ou aquilo mas não para dar aulas pode ir observar,



fazer comentários e pareceu-me muito pouco convincente, muito pouco comunicação entre professores e alunos, o professor passou muito pouco tempo em uma espécie essencial, e pronto é um relatório útil mas a própria pessoa não gosta de o fazer, preferem não o fazer, não sabe fazer muito bem, eu lembro-me que havia um professor Lages Lima, conhecem do curso de Análise, que eu mais do que uma vez ouvi dizer isto eu sei o que deve ter o manual, o manual de matemática do ensino secundário e deve ir do particular para o geral, do concreto para o abstracto, deve incluir aplicações da matemática e incluir História da Matemática mas eu não sei como é que escreveria um livro desses, não sabe o que é que o livro deve ter, olha para o livro e sim senhor está bem mas escrevê-lo não sabe, são duas coisas diferentes, saber quais são as características que permitem identificar algo de qualidade e conseguir fazer isso.... E portanto pode ser uma questão de gosto, há pessoas que gostam de trabalhar com miúdos mais pequenos, estão muito mais activos, muito mais dados, muito mais entusiastas mais fácil mobilizá-los outros preferem pessoas mais sisudas que não há tantos problemas de indisciplina estão mais calados pode-se falar a um nível muito mais abstracto não é preciso começar num nível tão rasteiro, uns preferem falar com jovens, outros preferem falar com adultos mas isso já são coisas um pouco subjectivas e as pessoas... ai a minha cabeça, é muito barulho e eu não sei o que é uma coisa dessas depois se sentem mal qualquer pretexto contribui para o mal mesmo que seja uma coisa marginal, a mim não há diferença, aliás digam só qual é o tipo de auditório para eu poder preparar as coisas e eu falo para qualquer auditório tem é de me dizer qual é.

TS: Em termos da articulação o professor já esteve aqui a dizer que faz muitas conferências, vai a muitos lados como é que é feita a articulação? Deve ser muito difícil em termos de professor e formador de professores, a organização do tempo não sei, deve ser....

J: Vamos lá a ver tudo depende daquilo que as pessoas vão ganhando experiência daquilo que as pessoas gostam de fazer e daquilo que têm tempo de fazer, portanto eu acho que, na minha opinião, umas experiências contribuem para as outras, o facto de trabalharem para públicos diferentes e com finalidades diferentes ajuda-me a planear e a escolher a melhor à priori, imagino que funciono melhor a situação, dá-me o leque maior, quanto maior, vais variada for a experiência mais.... Isso não funciona



necessariamente bem, há coisas muito bem planeadas que correm mal, mais profundo é o planeamento e eu acho que a variedade ajuda eu fui treinador de basquetebol durante 4 anos mas eu não fui treinador desportivo nenhum, não andei a saltitar de desporto a desporto, é difícil uma pessoa abarcar tudo agora, no caso da matemática está relacionado, as dificuldades que um tem facilmente são as facilidades que outro tem e portanto há uma interligação bastante grande no meu caso e eu quando estou a, por exemplo ser autor de manuais escolares dá-me uma experiência diferente, dá-me uma visão diferente das coisas e depois ajuda o resto faz-nos ter uma experiência mais rica e portanto é como um pintor que se só tem 7 tintas pinta o que conseguir com as 7 tintas, agora se tem 70 tintas, não quer dizer que as use todas mas pode escolher mais facilmente aquilo que quer para a sua pintura e portanto eu, não tenho 7 tintas, tenho 700 tintas.

TL: Gostaríamos de saber se acha alguma relação entre as dificuldades encontradas pelos professores e a formação que receberam para o desempenho dessa função

J: Quer dizer, eu não posso dizer que haja uma relação delinear nem estudei isso para poder tirar uma conclusão científica, o que eu vejo é que os professores estão muito dependentes de três coisas primeiro da sua própria experiência enquanto alunos do básico e secundário, isso tem uma influência muito grande, as pessoas tendem a repetirem-se, o que é normal imitam os seus antigos professores, a segunda coisa é a formação inicial que lhes foi dada, todo o conjunto da formação inicial ou seja se deixa o mais impacto ou não, o terceiro é o empenhamento na formação inicial, aquilo que as pessoas querem fazer, tirar, extrair da formação inicial, outras pessoas menos zelosas, menos zelosas do que vocês já teriam desistido, já estamos há tanto tempo para marcar esta entrevista, oh quero lá saber eu escrevo um artigo, invento, também ele nunca há-de descobrir o que vou dizer dele e não sei o quê e andou, andou há pessoas que no estágio faltam às reuniões, não cumprem as planificações, não entregam antes as coisas para serem revistas, há uma pessoa que infelizmente nos deu muitos problemas, que à noite, no dia anterior a dar uma aula, ia à noite a casa da orientadora para ela lhe dizer o que havia de fazer e aconteceu mesmo uma situação que agora antes da aula dizia veja se este plano está bem não é? As pessoas não querem aprender, não querendo aprender, aliás houve um estagiário, esse acabou por desistir, houve um estagiário que me veio



perguntar se aquilo que fazia de provas de avaliação tinha mesmo de mostrar ao orientador, se não podia fazer tudo sozinho, pessoas que não querem perder tempo ou aprenderem outras coisas ou sequer pensarem no assunto, fazem e tá feito e quando uma pessoa não quer pode ter tido um básico e secundário muito rico, pode ter tido um superior muito rico mas depois quando vai chegar à escola vai fazer a primeira coisa que lhe vai à cabeça e portanto eu tenho observado, mas isto não é, não fiz um estudo científico... mas tenho observado que tem a sua dificuldade de dar aulas, não é trivial, não é trivial estar na frente de uma matilha de cães raivosos e querer acalmá-los, interessá-los e não sei o quê E portanto algumas pessoas assustam-se, não....ficam nervosas... fica tudo baralhado, estão ali na frente dos alunos e qualquer coisa baralham-se e portanto têm que, agora já nem tanto mas agora quando começavam uma cadeira, quando era a primeira aula de uma cadeira, aquele minuto de silêncio.....custa a dizer não é? Dói a barriga....uma pessoa fica mesmo assim...e depois a certa altura vamos lá começar, seja o que Deus quiser, avante...que na altura que já estamos a falar já não há nada a fazer, o que havia a fazer foi feito antes, claro que uma pessoa nunca sabe se vai resultar ou não antes de começar a falar e....pronto há pessoas que facilitam e tentam ser o mínimo colectivas, então aqueles estagiários que só falam para a primeira fila dos alunos, então perceberam? Não estão à espera da resposta, mas só falam para a frente, está claro...então quanto é que é dois e dois e um tipo da primeira fila diz, muito bem é sim senhora, perceberam muito bem, só um aluno é que disse mas perceberam...se as pessoas não querem nada feito e....por acaso há um estudo que não sei localizar mas há pelo menos um estudo que viu qual era o estilo de leccionação de um determinado conjunto de professores comparando com padrões conhecidos naquela zona ou para aqueles professores das funções que tinham tido e se já tinham estado no básico e secundário e chegou à conclusão que tipicamente os professores novos imitavam os professores que tiveram no básico e secundário quando lá estiveram, o ensino superior é uma espécie de mancha negra, foi só saltar por cima dela e é uma espécie de continuação.....de maneira que as pessoas que aparecem nos encontros, agora já não temos que eram poucos estagiários, que eram encontros de estágios pedagógicos que se empenham pessoas que só refilam no trabalho que aquilo dá, uns estão mais influenciados do que outros, há pessoas que 30 anos depois aparecem e ...olha e tal...e outras pessoas que vêm todos os anos nos encontros e outras



atividades, formações e que têm de ser diferente, de onde é que isso veio? Não, é um percurso mais ou menos misturado mas tem a ver com o bichinho que foi criado aqui na formação inicial, os professores que tiveram no percurso anterior, um tipo desiscrição, um tipo com os conselhos que deram ...e pronto era uma motivação pessoal fazer coisas de quere fazer melhor procurar novas ideias e há alunos que aparecem aqui a irem a congressos completamente fora da sua área mas vêem lá meter o nariz, sabem alguma coisa e não sei o quê e acho bem, agora há um encontro de professores de matemática, o CoimbraMat agora e eu mandei uma circular para todos os alunos do departamento, quem quiser apareça a assistir a alguma coisa, se lhes interessa ou se vão tem influência né? Outros não querem saber, sábado? E pah começa às 9h30m da manhã ao sábado é par dormir...Ok, tudo bem, é uma opção, se a opção é sempre essa uma pessoa só pode dar mau resultado.

TL: O professor sabe se existe alguma formação específica que lhe interesse?

J: Formação de que tipo? Tudo me interessa, por exemplo se não me interessasse, não tinha aqui tantos livros não é? Agora formação de quê?

TL: A necessária para um formador de professores...

J: Há, agora por exemplo, vai ver um curso livre de latim e de grego, eu achava interessante saber latim, pegar em livros antigos, manuais escolares antigos, problemas antigos e falar um pouco como são as coisas é uma ferramenta útil, saber latim para ser professor de matemática? Tudo bem, eu não digo que vou obrigar todos os professores de matemática saberem latim mas saberem...se souberem outras línguas podem ir À Internet e lerem páginas das associações de professores de matemática dos outros países e materiais e a reclamação que fazem sobre os programas, estão sempre a reclamar, que os programas são mal feitos e isto e aquilo e acolotro e tal....e uma pessoa acho que devia moderar o seu ritmo mas claro que eu sou suspeito porque sou eu que faço os programas do ensino secundário.....mas as pessoas dizem coisas, só em Portugal é que se faz assim, é mentira, ou dizem, isto, o programa é muito extenso, então vejam os programas dos outros países, há países que tem menos e países que tem mais mas depois os países que tem menos são pelo menos maiores, o programa deve ser tao claro como já foi uma crítica que lhes fizeram, não sou eu que estou a inventar, o programa



devia ser tao claro que os professores percebessem aquilo que tem de leccionar, nenhum país isso acontece, não é possível escrever de tal maneira que limite rigorosamente a prática escolar, não há, depois há os conhecimentos de infância, o ministério da educação nem sempre dá apoio aos professores, agora a associação de apoio matemática francesa sempre que há uma nova reforma faz sair um caderno de apoio aos professores com exemplos e exercícios para eles usarem em qualquer programa entreajuda é fornecido e se uma pessoa não souber fazer não valem de nada, os espanhóis por acaso é onde há menos e não se apercebe disso, não vai buscar outros exemplos, agora se eu precisaria de um curso sobre indisciplina...não seria mau mas eu creio que seria muito difícil que por exemplo a disciplina que me afecta era a dos alunos do ensino superior e não tem nada a ver com os alunos do ensino secundário ou do básico ou 1ºciclo ou qualquer que seja porque há programas muito específicos nos estudantes do ensino superior que não tem nada a ver com os outros e eu desconfio que as abordagens são demasiado generalistas mas há ferramentas que eu acho uteis...também foi antes de ter o primeiro filho também li umas coisas para saber como se educava os filhos quer dizer não... há um livro que é clássico o SPOKE, o meu filho, o meu tesouro, é um livro clássico de educação de pais foi feito nos EUA não é bem a nossa realidade mas é uma ferramenta útil, eu não sei alencar quais seriam as ferramentas úteis e quais seriam as áreas que eu gostaria de ter mas eu acho que a insistência de coisas gerais de um seminário geral onde parecem ser discutidos não se vai fazer usar livros de texto mas o uso dos manuais escolares no ensino não é uma coisa automática nem simples mas não vou fazer um curso de utilização de manuais escolares portanto... eu valorizo muito os congressos em que professores vão falar da sua experiência a outros e os outros viram-se há tem a sua piada, vou pensar nisso e eu assim, este gajo é maluco onde é que ele foi buscar aquilo? Né, nanana.....essa não como, fica para a próxima e portanto uma pessoa é posta a uma grande variedade de situações diferentes e eu acho que a formação nesse sentido é essencial agora se vocês me perguntarem e ainda não sei bem se a ideia da pergunta é essa, se são todos os conhecimentos de um professor de matemática deve ter é diferente né? Qual é a formação que eu pessoalmente gostaria de ter, eu estou satisfeito com a formação que tem vindo a surgir poderia ter vindo mais oportunidades, em Portugal houvesse mais oportunidades, podia ter oportunidade de ir para o estrangeiro em alturas que teria benefício disso e eu por acaso tenho conseguido ir ao



estrangeiro, houve um ano que eu contei que andei em 30 aviões no mesmo ano e uma coisa desse tipo e portanto acho isso positivo mas quer dizer qual é, quais são as áreas, só de matemática é? O percurso que eu gostaria agora de ter como latim ou coisa semelhante

TS: Era mais as áreas que o professor acha importante, que se interessa mais

J: Eu interesse-me por muitas áreas, a história da matemática é uma ferramenta muito boa, mas agora não vou só estudar história da matemática não é? Agora um professor de matemática tem que ter essencialmente três competências que diz a lei que é saber matemática, saber digamos psicologia educacional e saber, ter alguma discussão e experiência de como concretizar o ensino de várias questões matemáticas e de várias situações, seja avaliação, seja aplicações, seja história da matemática seja a matemática, seja ensinar demonstrações, faz parte do programa do secundário, às vezes há pessoas que se enganam e dizem que faz parte do ensino secundário o método de indução, vocês tem de saber o método de indução, agora o que precisam também de saber é como é que eu poderei fazer numa sala de aula para ensinar o método de indução, pressupõe o conhecimento do método de indução, pressupõe o conhecimento da relação professor aluno e da relação de indisciplina e enfim, mas ali trata-se como é que eu na sala de aula consigo fazer passar o método de indução, que do sistema didático, quer da matemática ou da educação didática, à três áreas genéricas chave não tem de ter tudo na formação inicial podem ser conversas, podem-se ver coisas e mesmo que uma pessoa na formação inicial fique convencido que determinadas estratégias é muito adequada para leccionar.....pode...acontecer que surjam coisas novas, irem a encontros de temas próximos ou temas suficientemente próximos, acho realmente importante em termos de formação no futuro cada vez haverá mais possibilidades de fazer a sua formação continuada através da Internet, neste momento, eu acho que é o MAT as celebres escolas de engenharias dos EUA que vai ser a primeira Universidade dos EUA, já tem todos os cursos online, todos os materiais estão online mas vai ser o primeiro a fazer acreditar estudos que as pessoas possam fazer online, exclusivamente online da cadeira que eles tem lá a funcionar porque neste momento a cadeira, o que nos podemos ir ver à Internet é...enfim, um conjunto de dados, podem ser ficheiros pdf, exercícios, provas de avaliação, pode ser muito material, mas quem lá for faz o que quiser com aquilo, os



alunos do MIT por sua vez também podem ir à Internet e buscar, recolher aquele material mas não é para fazer a cadeira, pois lá o material, umas cadeiras tem mais material, outras têm menos e agora estão a pensar na possibilidade das pessoas estudarem com os materiais que lá estão, fazerem exame e serem reconhecidos pela universidade competente da disciplina, portanto cada vez há mais oportunidades de as pessoas fazerem formação em áreas diversificadas e eu acho que isso é essencial se é uma questão mais específica de avaliação, teoria da avaliação, corrigir, como é que se pode, é, chama-se docimologia, a ciência dos exames, como é que se pode quantificar coisas que são dificilmente quantificadas de modo a dar uma classificação, as pessoas podem investigar muita coisa né? São úteis...o que eu acho, a principal condição a ter é não deve ser tudo do mesmo tipo, devem ser coisas variadas, experiências variadas, uma pessoa observa, deve ser sempre um observador, crítico mas sempre um observador, o que é que acontece, o que é que se faz? Aquilo convence-me ou não convence-me? Vou tentar meter o meu capacete de aluno será que eu estou a perceber alguma coisa? faz de conta que eu não sei nada, será que estou a perceber alguma coisa? E... essa...essa... atitude de observação e reflexão é essencial.

TS: Lembra-se de algum momento que o tenha marcado positiva ou negativamente, como professor ou formador de professor?

J: Eu lembro-me de muitos momentos....

TS: Não houve assim um que o marcasse mais?

J: Um negativo divertido, estava no meu 3º ano nas aulas de análise complexa e a aula estava a ser uma chachada, eu já tinha feito aquilo que tinham mandado fazer e estava sem fazer nada, naquele tempo estava a sair uns livros com tiras da Mafalda, a Mafalda a contestatária saiam assim em caderninhos, tavam a sair e eu tinha comprado um ou dois e ainda não tinha lido, pus-me a ler aquilo, a assistente na altura que agora é professora do ensino secundário foi lá reclamar comigo e eu disse, eu não tenho nada para fazer porque é que não hei-de ler a Mafalda e a professora ficou a odiá-lo para o resto da vida, que eu era indisciplinado, era isto, era aquilo, qual é o objectivo de estar na aula a olhar para o boneco, é tempo perdido não é? Se depois uma pessoa fica sem fazer nada morre de tédio para tentar sobreviver muito discretamente não é? A ler a



Mafalda e tal tumba logo a professora em cima, foi um momento muito negativo. Positivos...um episódio, agora é normal fazerem inquéritos aos alunos, vocês para se inscreverem em cada ano, são obrigados a responderem aos inquéritos do ano anterior mas aqui à 20 anos atrás ninguém fazia inquéritos, só que eu quando me doutorei estava em Paris e decidi que ia dar análise matemática para engenharia porquê? Porque todos os novatos que acabassem o doutorado davam exactamente essa disciplina, portanto eu resolvi escolhe-la antes que me obrigassem a dar, qual é a diferença? É que eu agora começo a penso naquilo que eu sei que vou dar e eu escolho e então vamos nos preparar vamos ver o que é que os outros dizem sobre a análise matemática em engenheiros e comecei a estudar umas coisas...e ver que diferenças é que devem existir para um curso de matemática e então houve um ano que não sei precisar que ano, em que eu fiz inquéritos para os meus alunos, saber o processo de acesso ao ensino superior, na altura podia-se entrar com zero na prova...exame nacional que era a chamada prova específica um zero dava para entrar e então os alunos não precisavam de saber nada, havia menos candidatos ao ensino superior, agora isso está limitado não é, mas na altura era possível e...era preciso conhecer os alunos, eles variavam muito e eu fazia um inquérito no fim da disciplina fazia um inquérito para saber o que é que eles achavam e então houve um inquérito que a apreciação dos alunos era muito que deixou muito satisfeito e houve um aluno que me mostrou isso na forma mais original possível e eu na altura usava o cabelo mais comprido do que agora, não usava barba mas usava o cabelo mais comprido e então o aluno escreveu a ultima alínea é o que é que acha que funciona bem nesta disciplina e o que deve ser alterado no futuro uma pergunta desse tipo e então houve um aluno que escreveu eu gosto de tudo da cadeira menos do cabelo do professor...pronto isso além de ter a sua piada é significativo que realmente a disciplina tinha corrido bem e estava satisfeito, ele tentou dizer isso numa maneira original e eu obviamente não vou discutir o meu cabelo com os alunos não é, ando com o cabelo e com a barba conforme me apetece e portanto não é muito relevante portanto o resto tá fixe

TL: quais são as principais dificuldades e/ou obstáculos que encontra no desempenho das suas funções?

J: Eu acho que enquanto professor, o principal obstáculo são as regras de avaliação da era medieval ter um mês e meio para fazer exames em cada semestre, ou seja, três



meses por ano, ter semestres segundo a lei deviam ter 15 semanas e não têm torna o sistema completamente ineficaz e por consequência não há avaliação contínua e não havendo avaliação contínua não há progresso, eu no tempo em que estive a leccionar nos EUA o que retenho mais é a avaliação contínua garante 100% de aprovações, há os alunos que desistem que desaparecem, fora esses todos os alunos que acompanham a disciplina conseguem fazê-la e nos não conseguimos, temos muitas disciplinas com uma taxa de insucesso superior a 50% portanto não haver condições para haver avaliação contínua é...totalmente...é frustrante e eu acho que nós podíamos ter uma taxa de aprovação muito superior se...não tem de ser exactamente assim...mas nos EUA um semestre tem 15semanas de aulas, não são contínua, há uma semana de ferias pelo meio, no meio de Novembro têm uma semana de férias e em Março mais ou menos na altura das férias da Páscoa têm outra semana de férias, no segundo semestre, a meio do segundo semestre têm uma semana de férias mas os EUA têm tipicamente 15 semanas completas de aulas, ou seja, contando com essa semana a meio, 16 semanas de funcionamento de um semestre e uma semana de exames, não é a prova que se obtém para a aprovação, é a última prova da avaliação contínua, uma espécie de prova global apenas e...excepto história da matemática que foi uma disciplina feita de maneira diferente em termos de trabalhos e houve um aluno que reprovou numa situação muito esquisita que eu não percebi muito bem, que devia ter algum problema físico ou mental que fazia coisas muito estranhas de resto 100% de aprovações e os alunos dos EUA não são mais espertos do que os de cá, não são mais interessados do que cá, não são mais trabalhadores do que cá, têm é melhores condições de trabalho, têm tutores para tirarem dúvidas, normalmente alunos mais velhos coordenados por um professor, têm durante a altura das avaliações biblioteca aberta 7 dias por semana, 24h por dia, sala de computação aberto 7 dias por semana, 24h por dia, impressoras para imprimir com papel à descrição, não andam a recatear papel para se imprimir...portanto existem outras condições que estimulam o trabalho e o estudo e se as pessoas têm dúvidas têm sempre alguém a quem recorrer o professor, eles lá também não vão muito ao gabinete do professor tirar dúvidas, têm medo... O quê? Você não sabe isso...parece impossível, como é que quer fazer este curso se não sabe isto tão elementar...Mas com os colegas é diferente né? Vocês seriam muito melhores conselheiras de alunos do 1ºano do que os professores, estão muito mais próximos, eles estão mais à vontade, eles abrem-se mais a



contarem a sua ignorância e vocês conseguem mais rapidamente identificar aonde é que está a dificuldade porque muitas vezes a missão do professor é difícil porque o aluno não percebeu, mas o professor não percebe aonde ele não percebeu e portanto anda a tirar tiros no escuro, a dar explicações a ver se é aquilo, ele não percebeu né? E pronto por isso acho que é frustrante.

TL: Que estratégia utiliza para contrariar essas dificuldades?

J: Eu sempre que posso faço avaliação contínua, este ano tive a dar...foi a história da Matemática dividida em três módulos, cada professor fez uma frequência e/ou um trabalho em cada módulo e as pessoas poderão fazer a cadeira toda por frequência já não estiveram de ir a exame, a análise matemática I da Engenharia Electrotécnica durante o semestre fizemos três provas de avaliação, montes de alunos já passaram, não é muito contínuo não é? Não é muito contínuo mas já houve altura em que o semestre não tinha nenhuma prova de avaliação e há aí sítios manhosos que dizem ok, avaliação contínua fazem duas frequências, mas a 2ª frequência é o exame, depois só podes ir a recurso, é manhoso para não terem de corrigir tantas provas portanto, eu tento sempre aproximar-me o mais possível da avaliação contínua quando tenho monitores que corrigem as provas, isso foi o máximo que eu consegui fazer durante dois anos na análise matemática para Engenharia Mecânica e funcionou, testes nas aulas práticas todas as semanas, todas, 12 semanas de aulas, 12 testes e trabalhos de casa, todos os dias...todos os dias não, todas as semanas é atribuído trabalho de casa com o prazo de uma semana para entregar e testes e trabalhos de casa são corrigidos por um monitor e depois são devolvidos aos alunos com a marcação de onde é que está o erro e isso ajuda o aluno...além de recompensar o estudo feito durante o semestre, ajuda o aluno a perceber onde é que errou...não foi possível este ano fazer na Engenharia Informática, havia no total uns 12 testes, 1 teste por semana, os dois últimos eram obrigatórios para o pessoal não desaparecer, ahh já passei e já não ponho lá os pés, os dois últimos se não aparecessem contava como zero, portanto estes esquemas é o máximo que se consegue fazer, se me dão monitor posso fazer as coisas se não me dão monitor não as posso fazer.



.....mudou-se a cassete.....

TS: Como eu estava a perguntar quais as orientações ou sugestões a dar a um estagiário?

J: Eu houve um ano em que fui buscar um artigo em que distribuí aos alunos do 4º ano do ramo educacional que era os 10 conselhos para um professor principiante, tinha várias indicações engraçadas, é um bocado difícil, enfim dar assim umas indicações muito precisas mas eu acho que se resume a mais ou menos assim, tentar aprender sempre o mais possível com os colegas mesmo quando não se parece que se está a aprender, está-se a aprender, ah isso não vale nada interessa, há sempre qualquer coisa que interessa, uma atitude de aprendizagem permanente, nunca pensar que já se sabe tudo, por um lado manter-se sempre activo, é não andar a copiar os outros ou o próprio fizeram na vez anterior. Ah é a mesma coisa, faço a mesma coisa, não tenho paciência para estar a mudar e isso é errado, outra coisa é planificar com algum cuidado, tudo, as aulas, as acções, as avaliações e ser cuidadoso em ser perfeccionista, há pessoas que exageram, isto ainda não está bom, falta aqui ainda qualquer coisa, este exemplo secilhar não é o mais indicado bom, não interessa é preciso arranjar coisas que satisfação minimamente aquilo que se pretende e depois avança-se uma pessoa não deve exagerar a preparação, mas uma planificação é talvez aquilo que seja mais estranho, um professor iniciante é planificar, ele nunca fez enquanto estudante e eu dizia aos estudantes é que no fim dos cursos de formação de professores há uma espécie de milagre, o estudante não estuda, não liga nada é incapaz apreciar o que é interessante, só pensa na farra Embedada-se com facilidade, de repente torna-se professor passa a andar de fato e gravata, todo certinho, um exemplo para os alunos não é? Não é verdade a partir do momento que tem o grau, o antes e o depois são no fundo os mesmos só que as responsabilidades são diferentes, normalmente as responsabilidades mudam, uma pessoa mesmo ai no meio de um centro comercial não deixa de ser um professor, não pode dizer ai não aqui eu posso fazer o que me apetece, embebedar-me, na escola eu não bebo álcool, não é, a pessoa é a mesma, discute-se muito se há a necessidade de haver disciplina de formação cívica ou não, acho que a primeira formação, a primeira a mais importante formação cívica é o comportamento da escola, tudo, funcionamento,



comportamento interno, apresentação, o que se exige a uns e a outros porque vamos lá a dizer, não corram nos corredores e se os professores andarem todos a correr pelo menos aqueles que conseguem correr, alguns já não conseguem correr, não tem sentido, há mas eu tenho pressa de ir para aqui mas os alunos também não é? Que o exemplo que se dá aos alunos muda completamente as responsabilidades, enquanto uma pessoa é aluno, pronto não quer dizer que não se possa embebedar efectivamente, os hábitos que tem são os hábitos que continuam, a responsabilidade não e é isso que as pessoas devem perceber neste caso não é acabar o curso, é começar o estágio, um estagiário numa escola já é um professor, apesar de às vezes ser um bocado desprezado pelos outros, que ainda não tem o diploma, mas já é um professor, já vai dar aulas, os alunos já veem ter com ele a pedir conselhos, não convém que as pessoas seja...sei lá..em termos de exageros de vestidos, no que se veste, coisas muito...sofisticadas...muito à la mode e não sei o quê... as pessoas devem vestirem-se como quiserem quer dizer se têm decotes grandes ou não não é isso não é? Não tem a ver com isso, tem a ver com a aula, a escola é um acto social mas não é o acto social de luxo de exibição depois se um professor ou uma professora vai com demasiados requintes para a sala de aula não pode criticar os alunos se em vez de fazerem os trabalhos de casa estão a fazer o toailete não é? Pronto todo um comportamento, uma pessoa também não pode ser desleixada não é, de..quer que os alunos tenham as coisas em pinas mas depois distribui folhas aos alunos com emendas e mal escritas e erros de ortografia e não sei o quê, o exemplo...eu, um professor de uma das minhas filhas era um tormento, era professor de filosofia, não deixava os alunos escrever à máquina ou a computador, dizia que só escrevendo à mão é que se pensa naquilo que se escreve, no computador não se pensa, deixamos ao computador para pensar pronto...e não se podia escrever num papel com linhas, tinha de ser um papel branco, tinha-se de deixar uma margem mínima de não sei quantos centímetros e então podia-se por uma folha de linhas por baixo para ficar alinhado e não se podia rasurar, ora esse era um professor que apresentava uns testes que eu depois fui reclamar à directora de turma, está a ver os trabalhos que ele obriga a fazer? ainda apor cima marca o prazo de entrega de trabalhos para cima do período dos testes e fazem noitadas os estudantes, enganam-se têm de escrever outra vez e depois começam a escrever depressa e sai mal, porque já não está alinhado têm de escrever outra vez, não podem rasurar e depois olhe está a ver aqui este teste? Isto está as linhas nem sequer



estão direitas, tão para cima ou para baixo porquê? Porque aquilo foi feito em um original em máquina de escrever não foi feito num computador, vê-se as letrinhas, vocês talvez não conheçam vesse quando é feito numa máquina de escrever mas depois a fotocópia é tirada inclinada não tinha sequer a preocupação de por as coisas direitinhas e depois tinha erros de ortografia e tinha erros de pontuação, tinha vírgulas entre o sujeito e o verbo, erro grave, crime não pode ser exigir aos alunos coisas de comportamento de escrita e procedimentos que o próprio professor não o faz, portanto é uma grande responsabilidade ser professor, não é possível ter um percurso de professor sem erros, acontecem mas só são erros que acontecem porque nós não somos suficientemente experientes, porque surgiu

(bateu um senhor à porta)

Bom, coisas que surgem inesperadamente e uma pessoa depois não toma uma atitude certa em função do inesperado isso acontece, depois reflecte, ok pronto já não vou tornar a fazer a mesma coisa, é um percurso de aprendizagem continuo portanto as pessoas devem estar sempre a aprender, devem querer aprender, não devem considerar-se...quer dizer devem ficar satisfeitas com o seu desempenho mas nunca devem considerar que a sua formação terminou e já sabem tudo e que não precisam de mais nada

TS: No âmbito do processo de Bolonha, como é que avalia a avaliação dos estudantes para a entrada.. Tanto à entrada como à saída do mestrado?

J: Eu acho que o processo Bolonha tem muitas virtualidades pelo facto de permitir que as pessoas mais facilmente mudem o seu percurso ou até a universidade entre a Licenciatura e o Mestrado e a percepção da União Europeia é que as pessoas não podem ficar toda a vida na mesma instituição, isso não ajuda, não estimula a qualidade, não diversifica as experiencias necessárias para a formação das pessoas e eu acho que isso tem sido muito positivo por outro lado não é bem Bolonha, a lei da formação de professores com as componentes que exigem hoje acho que é melhor do que a lei, as leis anteriores e portanto é possível ter as estruturas de mestrados de formações de professores com um conjunto de ferramentas mais harmonioso para preparar professores e isso não é bem Bolonha porque a lei poderia mesmo ter surgido sem Bolonha obrigar



a isso só que Bolonha vem obrigar a que haja uma avaliação interna e externa maior e portanto as pessoas preocupam-se mais com as estruturas dos cursos do que antigamente, não é perfeito nem todas as instituições portuguesas mudaram como deve ser, nem todas as portuguesas nem europeias, os outros países da europa, os problemas são essencialmente os mesmos que nós nem todas aproveitaram a oportunidade para isso ora os Mestrados podem ter além das dissertações que tinham antigamente, podem ter projectos e estágios e isso está muito pouco desenvolvido, há demasiados Mestrados Integrados que é uma coisa que nos EUA não há, são 2 ou 4 anos de licenciatura e um ou 2 anos de mestrado não há mestrados integrados e coisas semelhantes ou pelo menos eu não conheço, poderá haver muito pontualmente, tipicamente não há mas quando aparecem em Portugal mestrados integrados veio uma concessão aos cursos em que as instituições de ensino superior fizeram vinca pé a partir de licenciatura e mestrado mas mesmo assim a legislação obriga a que uma pessoa quando anda numa instituição completa todos os créditos tenha direito a um diploma de formação superior na área de Medicina, ao fim de 3 anos tem-se um diploma e quer dizer que as pessoas com aqueles 3 anos, depois podem ir fazer outro curso e eu acho que essa flexibilidade é muito positiva

TS: E qual a sua opinião sobre o exame de acesso docência?

J: Eu não sei que exame vai fazer, eu tenho dificuldade em saber que tipo de exame vai ser feito e nos tempos que correm ir ser útil esse exame porque o problema que houve aqui à 10 anos atrás agora já não existe, há 10 anos atrás havia universidades que vendiam diplomas de formação de professores no tempo em que havia muita falta de professores e certas universidades usavam critérios menos éticos, legais eram infelizmente mas menos éticos, eram legais porque ninguém quis legislar em contrário, critérios menos éticos para atribuírem a nota final ao estudante, o estagio valia metade do curso, 1 ano valia 50% do curso, se as pessoas mudassem de universidade, o que tinham feito antes não contava, estas numa universidade tens uma data de cadeiras com 10, mudas, o teu registo é apagado só contam as cadeiras que tu fazes no sitio para onde vais e se o sitio para onde vais é generoso porque tu pagas propinas mais altas então ficas com uma nota extraordinariamente alta e depois a media que faziam era os dois últimos anos da licenciatura valiam tanto como os 3 primeiros anos da licenciatura



portanto uma data de artifícios faziam com que a classificação não tivesse nada a ver e uma maneira de resolver era fazer um exame para estarem todos iguais, neste momento já não há praticamente nenhum curso a formar professores são pouquíssimos e começa a haver falta de professores... fazer um exame é uma coisa muito cara, para ser bem feita é uma coisa muito cara, quando é necessário faz-se agora quando não é necessário, nós temos, vamos ter, o exame ainda não começou nem sei quando vai começar, nem faço a mínima ideia, quer dizer como é que se faz um exame, as instituições de ensino superior nem são consultadas sobre isso, eu pertenço à comissão da Universidade de Coimbra de Formação de Professores que junta a Faculdade de Psicologia, a Faculdade de Ciências do Desporto, a Faculdade de Letras e a FCTUC e discute tudo o que tem a ver com a formação de professores da universidade e depois cada faculdade tem a sua especificidade mas o geral é discutido, nunca ouvimos falar de nada, quem é que vai fazer lá, num gabinete lá, inventam um tipo de exame que não é fácil fazer um exame, vão meter o quê? Um grupo de topologia, um grupo de álgebra linear, um grupo de geometria euclidiana? Vão fazer questões de escolha múltipla para tipo testes psicotécnicos? Vão fazer entrevistas? Vão fazer o quê? O que quer que seja que façam que é difícil imaginar o que é as pessoas devem saber com alguma antecedência em particular os cursos poderem ser compatíveis com aquilo que é exigido. Imaginam que vocês nunca ouviram falar de topologia e no exame tem um grupo de topologia não é honesto uma coisa dessas, por outro lado, uma coisa cara difícil de organizar e há 100 lugares de professores, 30 candidatos reprovam 5... é um bocado desperdício não é? Neste momento, todos os cursos do ensino superior estão a ser pré-avaliados ou pós-avaliados e eu já pertenci a duas comissões de avaliação de cursos superior da formação de professores e em particular não dei parecer positivo a todos os cursos, há cursos que não funcionam porque a avaliação prévia foi logo negativa coisa que não existia à 10 anos atrás... Portanto as condições mudaram completamente acho que neste momento o exame é desnecessário, agora eu não concordo é com o que as pessoas dizem que para quê fazer um exame se as universidades já avaliaram, pois avaliaram agora está tudo bem mas à 10 anos atrás haviam critérios muito diferentes, eu estive uma ex-estagiária belíssima que concorreu para professora cooperante na Guiné-Bissau, havia cinco lugares e ela ficou em sexto lugar no concurso, os cinco primeiros eram tudo licenciados por universidades de segunda categoria com notas inflacionadas e ela não



foi por causa disso, isto é tremendamente injusto, quando havia injustiça justificava-se um exame que no mínimo aferisse as classificações, agora não há, há... neste momento o governo deveria investir mais na formação de professores de matemática e outras áreas onde haja deficiência previsível, imagino que língua portuguesa também seja, o que vão fazer não seja este governo, talvez seja o próximo, quando houver uma falta aguda de professores de matemática vão deixar físicos e engenheiros ensinar à vontade e para língua portuguesa vão deixar história, filosofia ensinar português à vontade e assim não melhoramos não é? Mas pronto é... não não acho que seja um respeito pelas universidades quando nós sabemos que há critérios muito disparos, nos fomos aqui muito pressionados para darmos melhores notas de licenciatura no ramo educacional, antiga licenciatura porque os nossos alunos eram prejudicados nos concursos para professores, ficavam de fora quando universidades de 2ª categoria para não dizer outra coisa não é? Que eu estou a ser simpático algumas das universidades de segunda categoria que leccionavam isso agora são proibidas de leccionar isso quando a avaliação é reprovado, à priori começa a funcionar portanto só para verem como as coisas eram diferentes à 10 anos atrás portanto eu não acho porque se os nossos estão bem formados vão passar no exame, vão ter uma boa nota no exame, portanto eu aceito o exame como uma validação da formação que eu dou relativamente a outras se não há o relativamente o exame é inútil no Porto aconteceu, não sei se há ouvirem falar nisso mas no auge dessa pressão a faculdade do Porto passou a dar 20's, dava 20's a torto e a direito porque não podia dar mais que era para poder reposicionar os seus licenciados relativamente às universidades de 2ª categoria mas quer dizer isso é uma coisa estúpida, dar 20 só por causa disso, só para equilibrar, mas houve aqui alunos nossos que reclamaram muito, há as comissões de estágio que se reúnem periodicamente para verem como é que vai o estágio, vocês, eu se fosse no vosso lugar a um aluno dava 18 e a um de 18 dava 20 e pronto uma pessoa percebe-se não é totalmente estúpido esta posição, é estúpido porque as classificações não podem ser dadas, num ano dizemos pronto há injustiça, neste ano há injustiça vamos dar mais ou vamos dar menos? Vamos voltar ao critério anterior? Não devia ser assim, não é? Não há critérios absolutos mas não devia ser assim, portanto outros tempos eram outros tempos que felizmente já não existem e infelizmente há falta de professores e portanto vão surgir outros problemas que são os problemas de à 30 anos atrás, de à 20, 30 anos atrás, vamos fazer uma



espécie de ciclo da estupidez não é? Andamos sempre atrás dos mesmos problemas e não conseguimos antecipá-los É a vida

TL: Em que medida esta entrevista lhe agradou?

J: de quê?

TL: lhe agradou

J: claro que agradou, duas pessoas simpáticas a entrevistarem-me, riem-se divertidas, já estão no facebook etc.. bom eu acho que não o que é que vocês estavam à espera exactamente mas eu acho que para, quer dizer eu fico satisfeito que haja estas actividades porque acho que é importante para a vossa formação, tenho pena que no passado não tenha sido possível fazer outras coisas, que alguns professores, por exemplo da faculdade de psicologia tenham zangado connosco quando nós sugerimos por exemplo dar psicologia da adolescência, que vocês tiveram, que noutros tempos havia psicologia infantil, foi útil eu depois também estudei uns livros disso mas era para a minha preparação como pai não é? Mas não era como professor, há pessoas que pronto ficaram a ser melhores pais e mães com isso mas não melhores professores, não serviu para nada como professores e portanto noutros tempos a formação era muito deficitária e portanto eu fico satisfeito e é com todo o prazer que colaboro.

TL: Há alguma coisa que deseja acrescentar ou alguma sugestão?

J: Quer dizer eu teria muitas sugestões, muitas coisas a dizer, mas primeiro vocês ficavam com um trabalho impossível e segundo tenho ali outra pessoa à espera para reunir e... porque não pensem que os assuntos se esgotam, isto tem tantas facetas, tantas coisas que uma pessoa pode analisar, não falamos por exemplo do uso de manuais escolares, os manuais escolares estão cheios de erros, os melhores manuais como o meu não são os mais utilizados não é? Portanto há muitos aspectos para os quais vocês não estão preparados e eu já dei uma disciplina muito virada para isso a metodologia da matemática, agora a metodologia e o ensino está tudo integrado mas eu dava, fazia uma serie de coisas para alertar os professores para as dificuldades, quer dizer há muita coisa não se preocupem em serem exaustivas, acho que os temas aqui discutidos são suficientes para vocês fazerem o trabalho, vão-vos obrigar a reflectir q.b. mas nunca



seremos exaustivos, teria sim outras coisas para dar mas não acho isso importante, não acho importante ser exaustivo, acho que vocês abordaram um leque amplo de temas, é suficiente para fazer um trabalho interessante

TS: Portanto agradecemos uma vez mais a disponibilidade e nos ter permitido a participação.....Já está já chega já chega

J: tem alguma coisa a dizer da entrevista. O que achou da entrevista, qual foi a sua opinião?

TL: foi boa

J: ficou esclarecida?

TL: completamente

TS: gostei muito

J: Vão reflectir sobre os problemas de formação de professores

TS: vou e certamente levará mais...

J: Futuramente...

TS: Sim claro que sim, futuramente reflectirei muito mais sobre isto

J: E se tivessem, sabendo o que sabem agora depois da entrevista se tivessem de fazer a entrevista, faziam as mesmas perguntas?

TS: Secalhar não.

TL: Talvez mais, aprofundando certos temas.

J: Então obrigado pela entrevista.

TT: Obrigada nós.



FCTUC FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA



7. ALGUMAS NOTÍCIAS QUE FORAM SAINDO AO LONGO DO SEMESTRE

7.1. 1ª Notícia



[Ministério da Educação estuda extinção da disciplina de TIC](#)

Publicado por [Casa dos Bits](#) às 10.21h no dia 31 de Outubro de 2011 | [51 comentários](#)

O Ministério da Educação e Ciência (MEC) está a considerar extinguir a disciplina de Tecnologias da Informação e Comunicação no 9º ano, como parte da reforma curricular do ensino básico e secundário, que prevê igualmente a divisão de Educação Visual e Tecnológica em duas componentes separadas no 2.º ciclo.

A medida é justificada, segundo Nuno Crato, ministro da Educação e Ciência, em entrevista ao jornal [Público](#), pelo facto de a maioria dos jovens já dominar os computadores perfeitamente no 9.º ano, sendo "questionável a necessidade de ter uma disciplina de TIC".

No âmbito da reforma curricular, o ministro defende que é preciso "concentrar nas disciplinas essenciais", "eliminar a dispersão na oferta curricular", "apenas contratar os professores que sejam estritamente necessários".

Por parte do MEC foi também emitido esta semana um aviso às direções das escolas de todo o país sobre a suspensão do pagamento da renovação de licenças de utilização de software da Microsoft para os computadores mais antigos, convidando as instituições de ensino a mudar para software livre, escreve igualmente o [Público](#).

Um dos argumentos utilizados pelo Ministério na circular enviada é que os cerca de 50.000 computadores distribuídos entre 2004 e 2007 para as escolas



não estarão em boas condições de funcionamento e não suportam as versões mais recentes dos produtos Microsoft.

Sublinha-se que os 111.491 computadores distribuídos em 2009, no âmbito do Plano Tecnológico da Educação, possuem licenciamento definitivo do sistema Microsoft, logo a questão coloca-se apenas em relação aos equipamentos distribuídos anteriormente.

Retirado do site:

http://tek.sapo.pt/noticias/computadores/ministerio_da_educacao_estuda_extincao_da_dis_1197734.html

7.2. 2ª Notícia



Ministério na AR para falar do orçamento

"Acabar com a história e a geografia no 3º ciclo só por cima do meu cadáver", diz Crato

17.11.2011 - 16:11 Por Clara Viana, João d'Espiney



Ministro admite acabar com artigo que limita autonomia universitária (Rui Gonçalves/Nfactos)

Ministro admite acabar com artigo que limita

O ministro da Educação, Nuno Crato, garante que o Governo não vai acabar com as disciplinas de História e Geografia no 3º ciclo do ensino básico.



"Só por cima do meu cadáver. Do nosso cadáver. Do vosso [deputados] cadáver", afirmou Nuno Crato durante o debate na especialidade do orçamento do Ministério para 2012, referindo-se a especulações vindas a público sobre a fusão das duas disciplinas numa só, que reproduz o modelo seguido no segundo ciclo.

"Ainda não estamos a anunciar medidas. Temos falado muito pouco. Os outros é que especulam muito", acrescentou, adiantando que na altura própria serão anunciadas as decisões sobre a reforma curricular, depois de serem ouvidas as associações representativas do sector.

Ministro admite acabar com limite à autonomia

Nuno Crato admitiu ainda acabar com o artigo (42º) da proposta de lei do Orçamento do Estado que limita a autonomia das instituições universitárias.

O artigo em causa, muito contestado pelos reitores das universidades, impõe "limites à prática de actos, pelos órgãos próprios das instituições de ensino superior públicas, que determinem a assunção de encargos financeiros com impacto nas contas públicas". Em causa estão actos como "o recrutamento de trabalhadores, incluindo pessoal docente e de investigação; a celebração de contratos de aquisição de serviços de consultadoria e assessoria técnica; e valorizações remuneratórias dos trabalhadores em funções públicas e outros servidores daquelas instituições".

Falando na comissão parlamentar onde está a ser discutido o Orçamento para 2012, Nuno Crato admitiu ainda reescrever o artigo 43, que estipula que o recrutamento de "trabalhadores docentes ou investigadores" tem de ser autorizado previamente pelos ministros da Educação e Finanças. Esta autorização está ainda dependente, segundo o mesmo artigo, da "existência de relevante interesse público no recrutamento, ponderada a evolução e a eventual carência dos recursos humanos no sector de actividade a que se destina o recrutamento" e da "demonstração de que os encargos com os recrutamentos em causa estão previstos nos orçamentos dos serviços a que respeitam". A proposta de OE/2012 determina ainda que este recrutamento não ponha em causa "o cumprimento das medidas de redução mínima, de 2%, de pessoal".

"Não temos obstáculos a trabalhar com os deputados", disse o ministro da Educação.

Na sua intervenção inicial, Nuno Crato já tinha garantido que iria manter o actual Regime Jurídico das Instituições do Ensino Superior (RJIES) de modo a garantir a autonomia no recrutamento de novos docentes.

O grupo parlamentar do PS entregou já também uma proposta no sentido de eliminar esta restrição.

Retirado do site: <http://www.publico.pt/Educa%C3%A7%C3%A3o/acabar-com-a-historia-e-a-geografia-no-3-ciclo-so-por-cima-do-meu-cadaver-1521405>



7.3. 3ª Notícia



Escola de Benavente proíbe crianças de almoçar na cantina por mau comportamento

17.11.2011 - 20:29 Por Lusa



"Podem proibi-lo de ir ao intervalo, obrigá-lo a fazer trabalhos extras", sugeriu um dos pais como castigo alternativo (Nélson Garrido)

A direcção do Agrupamento de Escolas do Porto Alto (Benavente) proibiu seis crianças entre os seis e os nove anos de almoçar na cantina da escola, durante dois dias, como castigo por mau comportamento, o que deixou os pais indignados.

"Informo que o aluno se portou mal no trajecto da cantina para a escola, não obedecendo à auxiliar e correndo no meio da estrada, por este facto fica sem poder comer na cantina na próxima segunda e terça-feira, segundo ordens do conselho directivo", lê-se na caderneta das crianças, assinada pelas respectivas professoras, a que a agência Lusa teve acesso.

"Aceito que castiguem o meu filho, mas não desta forma. Podem proibi-lo de ir ao intervalo, obrigá-lo a fazer trabalhos extras, mas retirar o almoço a uma criança de sete anos não é pedagógico nem castigo que se dê", disse à Lusa, revoltado, um dos pais de uma das crianças envolvidas.

A situação que originou o castigo ocorreu a 4 de Novembro no regresso à escola EB 1, depois de as crianças terem almoçado na EB 2,3 do Porto Alto. O percurso, de cerca de 300 metros, é feito diariamente a pé, mais do que uma vez, por perto de 70 crianças, para irem almoçar ou frequentar as actividades de enriquecimento curricular.

Nesse dia, um grupo de crianças 'fugiu' das auxiliares e só parou na EB 1. Como castigo, a direcção do Agrupamento de Escolas do Porto Alto decidiu enviar um recado na caderneta dos alunos – através das professoras – a avisar os pais de que na segunda e na terça-feira seguintes as crianças estavam impedidas de almoçar na escola.



“Os pais ficaram indignados e revoltados com esta decisão. Não faz sentido nenhum aplicar um castigo destes. Nesses dois dias, tive de ir à escola buscar o meu filho para almoçar em casa”, disse outro encarregado de educação que também preferiu manter o anonimato.

Contactada por várias vezes, a directora do Agrupamento de Escolas do Porto Alto, Maria de Fátima Borges, fez saber, através de funcionários da escola, que não prestaria declarações.

A Associação de Pais do Agrupamento de Escolas do Porto Alto (APAEPa) assume ter conhecimento do caso, mas refere que, até ao momento, ainda não recebeu qualquer reclamação por parte dos encarregados de educação. “É uma situação melindrosa e da inteira responsabilidade da direcção do agrupamento, mas não nos parece correcto nem pedagógico qualquer medida correctiva que leve à retirada do almoço às crianças”, disse o vice-presidente da APAEPa, Luís Gonçalves.

A vereadora da Educação da Câmara de Benavente, Gabriela Santos, preferiu “não comentar” a decisão da direcção do agrupamento, salientando que a mesma “é soberana e autónoma nas decisões que toma, até porque tem um regulamento interno”.

No ano lectivo anterior os alunos tinham transporte assegurado entre os dois estabelecimentos de ensino através de uma parceria entre a Associação de Pais do Porto Alto e a Câmara de Benavente.

A vereadora referiu que, neste momento, estão a decorrer conversações, em conjunto com a associação de pais do Porto Alto, para que o transporte volte a ser outra vez uma realidade ainda no decorrer deste ano lectivo.

Retirado do site: <http://www.publico.pt/Educa%C3%A7%C3%A3o/escola-de-benavente-proibe-criancas-de-almocar-na-cantina-por-mau-comportamento-1521445>

7.4. 4ª Notícia



Ensino Superior

Ministro da Educação sensível aos argumentos dos reitores quer clarificar OE sobre autonomia

16.11.2011 - 15:18 Por Lusa



António Rendas considerou que a proposta de autonomia que apresentou ao ministério teve um acolhimento positivo (Nuno Ferreira Santos)

O ministro da Educação e Ciência, Nuno Crato, afirmou hoje que o Governo está a trabalhar no sentido de clarificar no Orçamento do Estado o respeito pela autonomia universitária, reclamada pelos reitores.

Segundo o ministro, trata-se de um pressuposto que “nunca esteve em causa”, mas que os reitores temeram perder se ficassem sujeitos à autorização dos ministros da Educação e das Finanças para contratações que, muitas vezes, lhes permitem desenvolver projectos associados a receitas próprias.

No final de um encontro pedido pelo Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP) o ministro disse aos jornalistas que a reunião foi “muito proveitosa”.

“Consideramos que estamos a trabalhar no bom sentido”, declarou Nuno Crato, que esteve acompanhado pelo secretário de Estado do Ensino Superior, João Queiró.

De acordo com o ministro, o que está em causa agora é um trabalho técnico que se encontra “numa fase intermédia”, já que o orçamento está “nas mãos da Assembleia da República”.

Sem revelar pormenores sobre que tipo de clarificação será feita ao documento em sede de especialidade, Nuno Crato afirmou: “Queremos manter a autonomia universitária. É uma das garantias do desenvolvimento das universidades”.

Esta é, para o titular da pasta, uma grande preocupação do MEC.

O CRUP apresentou ao ministério um documento em que fundamenta as suas posições e que espera ver acolhido também pelo ministro das Finanças, Vítor Gaspar.

À saída da reunião, no Palácio das Laranjeiras, o presidente do CRUP, António Rendas, afirmou que as universidades, no seu conjunto, pouparam oito milhões de euros em contratações, entre quem entrou e quem saiu, no segundo semestre de 2010 e o primeiro de 2011, “os mais duros”.

António Rendas considerou que a proposta de autonomia que apresentou ao ministério teve um acolhimento positivo por parte dos responsáveis políticos pela Educação e Ciência.



Não foram revelados os termos do documento, que segundo António Rendas prevê que as universidades possam “continuar a funcionar como têm funcionado” até aqui.

“Não queremos mais dinheiro, não queremos contribuir para o défice”, afirmou António Rendas, sublinhando que as instituições querem continuar a gerir bem e a funcionar com qualidade.

Um dos argumentos que os reitores têm apresentado é que as universidades “não têm défice”.

Retirado do site: <http://www.publico.pt/Educa%C3%A7%C3%A3o/ministro-da-educacao-sensivel-aos-argumentos-dos-reitores-quer-clarificar-oe-sobre-autonomia-1521201>

7.5. 5ª Notícia



Corte no orçamento leva a diminuição de professores

Ensino do português em risco em França e na Bélgica, apontam diplomatas

17.11.2011 - 13:43 Por Lusa, PÚBLICO

A anunciada redução de professores de português no estrangeiro está a pôr em causa o ensino da língua em França e na Bélgica, acusam os diplomatas.

O conselheiro das Comunidades Portuguesas na Bélgica, Pedro Rupio diz que o ensino do português no estrangeiro “pode estar muito perto do fim”, com a anunciada redução de 50 postos de professores, pelo Governo. “Estamos a viver um momento histórico na nossa comunidade, como em todas as comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo”, escreveu Pedro Rupio, num comunicado.

Depois de vários problemas com o arranque do ano lectivo, nomeadamente na Bélgica, este mês chegou “a bomba”, com os sindicatos a serem informados da supressão de “50 postos de professores até ao fim deste ano, o que põe em causa 5000 alunos em todo o mundo a meio do ano lectivo”, continua o conselheiro. Rupio apelou à mobilização de “cada um dos cinco milhões de portugueses da diáspora de forma bem clara porque se ficarmos de braços cruzados, os nossos filhos perderão o acesso à aprendizagem da língua e cultura portuguesas de forma irreversível”.

A primeira iniciativa a lançar entre os emigrantes portugueses na Bélgica será um abaixo-assinado, para o qual o conselheiro disse contar “com uma adesão em peso de toda a comunidade neste movimento de protesto”.

Também o embaixador de França em Portugal mostrou preocupação com os cortes anunciados no ensino de português no estrangeiro e diz que o futuro está no plurilinguismo e na normalização do estatuto dos professores. À margem de um jantar com luso-descendentes, na quarta-feira, em Lisboa, Pascal Teixeira da Silva reconheceu que os



anunciados cortes no ensino de português no estrangeiro o preocupam.

No mesmo dia, em audição parlamentar, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Paulo Portas, reiterou que as substituições de professores não serão renovadas por falta de dinheiro e defendeu a reforma do sistema de ensino do português no estrangeiro.

Recordando que existe “um grupo de trabalho misto, franco-português” a analisar as questões educativas e de língua – que já se reuniu duas vezes, mas, “com a mudança de Governo, os trabalhos pararam” –, o diplomata adiantou que num encontro recente com o ministro da Educação, Nuno Crato, este concordou com a necessidade de retomar os trabalhos deste grupo, para “melhorar as condições de ensino e aprendizagem do francês em Portugal e do português em França”.

Pascal Teixeira da Silva sublinhou que “o português está a mudar a sua imagem”, deixando de ser “apenas a língua de uma comunidade” para passar a ser uma “língua da globalização”. “Durante décadas, o ensino de português esteve ligado ao ensino virado para uma comunidade, para as crianças das comunidades imigrantes”, recordou. Mas “agora as coisas estão a mudar”, há uma outra procura e o futuro do português passa cada vez mais por um “estatuto de língua da globalização e não só de língua de uma comunidade”, sustentou.

Retirado do site: <http://www.publico.pt/Educa%C3%A7%C3%A3o/ensino-do-portugues-em-risco-em-franca-e-na-belgica-apontam-diplomatas-1521378>

7.6. 6ª Notícia



Ministério corta 30 milhões na educação especial e 5,7 na acção social

16.11.2011 - 20:42 Por João d'Espiney



milhões (Carlos Lopes/arquivo)

As escolas do ensino público terão menos 3,5



O Ministério da Educação vai gastar menos 30 milhões de euros com os alunos com necessidades especiais de aprendizagem e menos 5,7 milhões na acção social escolar em 2012.

De acordo com os mapas que o Ministério liderado por Nuno Crato enviou para o Parlamento – onde nesta quinta-feira será discutido o orçamento na especialidade – a Educação Especial terá uma verba de 206,7 milhões no próximo ano, ou seja, menos 14,2 por cento em relação ao orçamento inicial de 2011.

Só nos apoios à educação especial as verbas vão diminuir 26 milhões para 181 milhões. Estes apoios abrangem os professores colocados no grupo de recrutamento da educação especial e destacados em cooperativas de educação e reabilitação de crianças inadaptadas, na Associação Portuguesa de Pais e Amigos das Crianças Diminuídas Mentais, instituições particulares de solidariedade social, entre outras.

Na rubrica das instituições de educação especial, a verba prevista atinge os 25,4 milhões, ou seja, menos 2,8 milhões do que o orçamentado inicialmente este ano. As 19 escolas particulares (com 831 alunos) vão receber 6,3 milhões, enquanto para as associações e cooperativas e IPSS serão transferidos 19 milhões (menos 1,1 milhões). Os mapas permitem ainda concluir ainda que o ministério irá apoiar mais escolas particulares, mas menos alunos.

O ministério prevê aumentar, no entanto, a verba orçamentada na rubrica “apoios à educação especial – Centro de Recursos para a Educação Especial e outros apoios”. Para 2012, estão previstos 213.500 euros, mais 10.500 do que este ano.

Menos dinheiro para leite, mais para bolsas de mérito

Os mapas facultados pelo ministério revelam ainda que a acção social escolar vai também sofrer um corte global de 5,7 milhões de euros no próximo ano. Em 2012, esta rubrica tem orçamentada 175,9 milhões, menos 3,1 por cento do que este ano.

Só têm direito à acção social escolar os agregados familiares integrados no 1.º e 2.º escalão do abono de família. No primeiro caso os rendimentos terão de ser inferiores ou iguais a 242 euros; no segundo caso têm de se situar entre 242 e 485 euros, o que corresponde ao salário mínimo nacional. No 2.º escalão os valores das comparticipações descem para metade. No ano passado eram cerca de 300 mil as famílias beneficiárias da acção social escolar.

O maior corte verifica-se na rubrica “alimentação e nutrição” que para 2012 terá uma verba de 91,3 milhões de euros, menos cinco do que em 2011. Os refeitórios escolares absorverão 78,3 milhões (menos 3,5) e o leite escolar 13 milhões (menos 1,5).

Os dados indicam ainda que as escolas do ensino público terão menos 3,5 milhões, sendo que as do 1º ciclo irão receber o mesmo (19,7 milhões) e as do 2.º e 3.º ciclos perdem 100 mil euros (25,6 milhões). As escolas do ensino particular irão receber 957.700 euros, apenas menos 100 euros do que em 2011.

Ao nível do apoio sócio-económico, o ministério atribui 72,4 milhões de euros, o que representa uma quebra 0,8 por cento em relação a este ano. Neste capítulo, os maiores cortes verificam-se nos manuais escolares. No ensino público, os 37,7 milhões traduzem um decréscimo de 400 mil euros, enquanto o ensino particular irá ter menos 300 mil euros (2,2 milhões).



O orçamento para as residências para estudantes será de 1,5 milhões em 2012, ou seja, menos 1,2 milhões do que foi orçamentado inicialmente para 2011.

A única rubrica que regista um aumento de verbas no próximo ano é a das bolsas de mérito a alunos do ensino secundário, que terão uma verba a rondar os 8,5 milhões de euros, mais 1,2 milhões do que este ano.

Em declarações ao PÚBLICO, a deputada do Bloco de Esquerda Ana Drago manifestou a sua preocupação com estes números, adiantando que irá questionar o ministro amanhã no Parlamento sobre o facto de o Orçamento “prever cortes na acção social e na educação especial, e ao mesmo tempo um aumento das verbas para as direcções regionais do ministério, que o próprio disse que iria extinguir”.

Retirado do site: <http://www.publico.pt/Educa%C3%A7%C3%A3o/ministerio-corta-30-milhoes-na-educacao-especial-e-57-na-accao-social-1521264>

7.7. 7ª Notícia



Sábado, 17 de Dezembro de 2011 - 15:28

Universitários desconhecem contracepção

Mais de metade dos universitários portugueses não se sente devidamente informado sobre sexo seguro e contracepção, razão pela qual a Associação para o Planeamento da Família vai arrancar com uma campanha de sensibilização junto desta população.

De acordo com o relatório ‘Saúde Sexual e Reprodutiva dos Estudantes do Ensino Superior’, realizado em 2010 e apresentado em Abril deste ano, apenas 46% dos universitários dizem estar devidamente informados sobre questões de sexo seguro e contracepção. A APF decidiu assim lançar a campanha ‘Semana Académica de Contracepção’, que arranca hoje na Cidade Universitária, em Lisboa, e que vai passar por 15 locais do País.

Retirado do site:

<http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/nacional/ensino/universitarios-desconhecem-contracepcao>



7.8. 8ª Notícia



Ofertas de escola para professores contratados com critérios ilegais

16.11.2011 - 10:27 Por Graça Barbosa Ribeiro



Professores chegam a ser escolhidos pela "ordem alfabética do nome próprio" (Paulo Pimenta)

Formalmente, trata-se apenas de um "alerta", mas os termos utilizados pela Provedoria da Justiça (PJ) em relação à escolha dos professores contratados pelas direcções das escolas são duros. Em ofício enviado ao Ministério da Educação e Ciência (MEC), a provedoria defende a necessidade de "pôr cobro às práticas ilegais em matéria de contratação de escola" e sublinha que, nalguns casos, aquelas se traduzem na "violação de princípios estruturantes da actividade administrativa" e na "ofensa de direitos fundamentais".

O problema não é novo: desde 2007 que alimenta denúncias nos blogues de Educação, bem como os protestos dos sindicatos. Em causa está o facto de, nas "ofertas de escola" para professores contratados, nem todas as direcções de escola fixarem "critérios de selecção objectivos", como é sua competência, frisa a PJ.

No ofício em que aponta inúmeros exemplos de irregularidades e indica o nome das escolas em que estas foram detectadas, a provedora adjunta, Helena Vera-Cruz Pinto, não se limita a perguntar quais as medidas que o MEC se propõe tomar para "repor a legalidade violada" e "evitar a repetição de situações semelhantes". Avisa, ainda, que "contemporizar" com as ilegalidades "aumenta seriamente o risco de afeiçoamento" dos procedimentos do concurso "a candidatos previamente determinados".

Casos caricatos



Alguns dos casos foram denunciados pela Federação Nacional de Professores (Fenprof), quando pediu a intervenção da Provedoria de Justiça em relação às "ofertas de escola", o meio de contratação de professores após 31 de Dezembro e, antes dessa data, sempre que se verifica a recusa de um horário distribuído através da Bolsa de Recrutamento.

Há casos caricatos, como aqueles em que se apontam como factores de desempate "a ordem alfabética do nome próprio" ou "a menor distância da residência à escola". Mas a PJ dá especial relevância àqueles que, na sua perspectiva, resultam na "subversão total da regra do concurso". É o caso, aponta, da inclusão, entre os critérios, do "parecer favorável" da direcção da escola, que, segundo a provedora-adjunta, transforma "o procedimento concursal naquilo a que este, por definição, se opõe: a escolha arbitrária do órgão decisor". Acontece o mesmo com a entrevista, que, "sem prévia vinculação a parâmetros objectivos", "equivale a uma escolha discricionária do órgão decisor".

Os actos "que determinem, por escolha arbitrária, os docentes a contratar não só infringem a imposição legal de que a contratação deve obedecer a um procedimento de selecção como infringem o conteúdo essencial de um direito fundamental - o direito de acesso a funções públicas em condições de igualdade", sublinha a provedora adjunta.

Noutro grupo de critérios reunidos pela PJ estão aqueles que "restringem, de modo arbitrário, o universo de candidatos" e "condicionam o acesso ao posto de trabalho". Exemplos: ter prestado serviço docente, no ano anterior, numa determinada turma de uma certa escola do mesmo agrupamento; ou, no caso de uma vaga para o ensino de Português, ter "formação na área do desenvolvimento de competências básicas em Tecnologias da Informação e Comunicação e na área das construções e apresentações electrónicas em PowerPoint".

Questionado pelo PÚBLICO, o MEC comentou o alerta da PJ referindo que "o processo decorre desde 2007" e que "as escolas têm vindo a percorrer um caminho de amadurecimento e de melhoria na qualidade do seu trabalho nesta matéria". Através do gabinete de imprensa, acrescenta que tem estado "atento ao desenrolar do processo e alerta as escolas sempre que haja algum indício de irregularidade".

Para Mário Nogueira, da Fenprof, não chega: é necessário que "haja sanções para quem cometeu as ilegalidades e medidas que evitem que elas sejam praticadas". Os representantes das duas associações de directores escolares no país, Manuel Pereira e Adalmiro Fonseca, consideram os casos "graves", mas "pontuais".

O MEC não revelou quantas ofertas de escola foram feitas desde o início do ano lectivo. Mário Nogueira disse desconhecer o número, mas acrescentou ter reunido "mais de cem exemplos de ofertas com irregularidades".

Retirado do site: <http://www.publico.pt/Educa%C3%A7%C3%A3o/ofertas-de-escola-para-contratados-com-criterios-ilegais-1521156>



8. CONCLUSÃO

Ao longo deste semestre trabalhoso, aprendi muito sobre o que é o ensino e o que vai ser a minha profissão de professora. O que me marcou mais foi a entrevista, talvez por ser diferente de tudo que já tinha feito antes. Os testes sempre os fizemos, as tarefas eram como trabalhos de casa, os relatórios eram diferentes do que tinha feito, mas até não foram tão difíceis, os relatórios servem como um relato, de como são as idas às escolas, a novidade aqui foi mesmo a entrevista.

Apesar de estar muito nervosa durante a entrevista, tal como a minha voz pode comprovar, gostei da experiência, não só de ter a experiência de fazer uma entrevista mas mais pelo facto de ouvir um pouco da experiência de vida de um professor como o Dr. Jaime Carvalho e Silva, que depois de muitas tentativas conseguiu disponibilizar cerca de uma hora e meia do seu tempo precioso para podermos realizar uma entrevista. Ao ouvir as recordações de um professor é algo muito benéfico pois por vezes que os professores, antes de serem professores já foram alunos e que são pessoas normais como qualquer ser humano.

Quero desde já pedir desculpa da minha parte e da parte da Tatiana em só termos conseguido fazer uma entrevista, escolhemos fazer já ao Dr. Jaime devido a já nos encontrarmos no meio da época de exames, mas mesmo assim, com muito esforço e trabalho conseguimos entrevistar o Dr. Jaime e fazer a respectiva transcrição, embora com algumas dúvidas de certas partes da conversa, transcrevemos a entrevista toda.

Pessoalmente, esta entrevista mostrou-me que afinal fazer uma entrevista e transcrevê-la não é assim tão fácil como imaginava, tem um longo trabalho a ser percorrido desde a fase de fazer o guião da entrevista até à transcrição. Não posso falar em análise da entrevista porque isso vai ficar para o 2º semestre, mas certamente também não será um trabalho muito fácil. Mas como não se consegue nada sem trabalho, há que respirar fundo e entrar logo de pé direito no semestre que se aproxima.